

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MICHELE CRISTINA RAMOS GOMES

**"SORORIDADE, SUBSTANTIVO FEMININO": REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E  
SOCIAIS SOBRE ABORDAGENS DO FEMINISMO NO JORNAL O GLOBO**

JUIZ DE FORA  
2017

MICHELE CRISTINA RAMOS GOMES

**"SORORIDADE, SUBSTANTIVO FEMININO": REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E SOCIAIS SOBRE ABORDAGENS DO FEMINISMO NO JORNAL O GLOBO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Linguística.

**Orientadora:** Profa. Dra. Ana Claudia Peters Salgado

JUIZ DE FORA  
2017

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

MICHELE CRISTINA RAMOS GOMES

### **"SORORIDADE, SUBSTANTIVO FEMININO": REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E SOCIAIS SOBRE ABORDAGENS DO FEMINISMO NO JORNAL O GLOBO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora designada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, aprovada em \_\_/\_\_/\_\_.

---

Profa. Dra. Ana Claudia Peters Salgado (orientadora)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Viviane Maria Heberle (membro externo)  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Ana Paula El Jaick (membro interno)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 20 de março de 2017

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, pelas reflexões e pelo conhecimento compartilhado.

À minha orientadora, Ana Cláudia Peters Salgado, pelo apoio pessoal e profissional, pela imensa compreensão, pela excelente orientação, pelas reflexões acadêmicas enriquecedoras, pelo incentivo e por acreditar em mim.

À professora Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, por minha iniciação na pesquisa acadêmica, pelos ensinamentos durante a graduação, pela dedicação e pela generosidade.

À Mariana Schuchter Soares, pelo auxílio em diversas etapas deste trabalho, pelo incentivo, pelo apoio e pela amizade.

À minha mãe, Ivanilde, por sempre apoiar-me nos estudos, incentivar minha vida profissional e ser a grande mobilizadora do meu amor pela literatura.

Ao meu pai, Gerson, pelo carinho e pela compreensão nos momentos de minha ausência.

Aos queridos amigos Alexandre Diniz, Fabiano Machado e Mirani Fonseca, pelo apoio, por serem tão presentes na minha vida e por proporcionarem tantos momentos felizes.

Ao Hugo, meu amor, por todo o amor, dedicação, compreensão, apoio emocional e por extrapolar, todos os dias, o sentido da palavra “companheiro”.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à Clarice Lispector, à Hilda Hilst, à Adélia Prado, à Pagu, à Betty Friedan, à Simone de Beauvoir, à Jane Austen, à Virgínia Woolf, à Carolina de Jesus, à Frida Kahlo, à Nina Simone, à Meryl Streep, à Viola Davis, à Chimamanda Ngozi Adichie, à Leia Organa, à Ivanilde Ramos da Silva, à Lenyr Augusta da Silva, à Mirani Fonseca, à Maria de Fátima Almeida Ribeiro, à Ana Cláudia Peters Salgado, à Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, à Mariana Schuchter Soares e a todas as mulheres que foram e serão inspiração para outras mulheres em algum momento da história.

Acolhimento, empoderamento,  
solidariedade: a ideia de sororidade já está  
dentro das mulheres, mesmo que  
inconscientemente .

(DANDARA TINOCO, JORNAL O GLOBO,  
2016).

Somos usados pela linguagem tanto quanto a  
usamos.

(ROBIN LAKOFF, 1973).

Escrever é objetivar sonhos. As palavras são  
para mim corpos tocáveis, sereias visíveis,  
sensualidades incorporadas.

(FERNANDO PESSOA, 1913)

Porque há o direito ao grito.  
Então eu grito.

(CLARICE LISPECTOR, 1977)

Ela desatinou, viu chegar quarta-feira  
Acabar brincadeira, bandeiras se  
desmanchando  
E ela inda está sambando.

(CHICO BUARQUE, 1968)

De todos os tempos.  
De todos os povos.  
De todas as latitudes.  
Ela vem do fundo imemorial das idades  
e carrega a carga pesada  
dos mais torpes sinônimos,  
apelidos e ápodos:  
Mulher da zona,  
Mulher da rua,  
Mulher perdida,  
Mulher à toa.  
Mulher da vida,  
Minha irmã.

(CORA CORALINA, 1975)

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo realizar reflexões linguísticas e sociais sobre os fenômenos ideológicos (THOMPSON, 1995) que envolvem o tema “feminismo” na comunicação de massa, especialmente na mídia impressa, realizando uma comparação histórica sobre a abordagem do tema. Para isso, o jornal O Globo foi selecionado como objeto de análise, pois é um importante meio de comunicação de massa (MCQUAIL, 2003) no país. Os textos escolhidos para análise referem-se a recortes temporais realizados de 1925 a 2016. Assim, reconhecendo a importância da comunicação de massa como o local para a produção e a propagação da ideologia (THOMPSON, 1998), através de uma perspectiva qualitativa com base na Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001[1989],1992,1995) e considerando os gêneros textuais (MARCUSCHI, 2005) historicamente situados, buscamos refletir sobre as representações ideológicas do feminismo e das lutas pelos direitos das mulheres realizadas no jornal. O termo já aparecia nos jornais desde 1925, evidenciando a preocupação da mídia impressa em posicionar-se sobre o assunto. Conforme notamos, ao comparar historicamente os dados, a abordagem realizada por essa mídia sobre o assunto é ora positiva, ora negativa, conforme os interesses desse meio de comunicação e mediante à época.

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso; mídia impressa; feminismo.

## ABSTRACT

This work aims to carry out linguistic and social reflections on ideological phenomena (THOMPSON, 1995) which involve the theme "feminism" in mass communication, especially in the print media, making a historical comparison on the approach of this subject. For this, the newspaper O Globo was selected as an object of analysis, since it is an important mean of mass communication (MCQUAIL, 2003) in the country. The texts chosen for analysis refer to time cuts made from 1925 to 2016. Thus, recognizing the importance of mass communication as the locus for the production and propagation of ideology (Thompson, 1998), through a qualitative perspective based In Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2001 [1989], 1992, 1995) and considering textual genres (MARCUSCHI, 2005), we seek to reflect on the ideological representations of feminism and struggles for women's rights in the newspaper. The term "feminism" had appeared in the newspapers since 1925, evidencing the concern of the print media to position themselves on the subject. As we have seen, in comparing the data historically, the approach taken by this media on the subject is sometimes positive, sometimes negative, according to the interests of this medium and through the time.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis; print media; feminism.

## RESUMEN

El objetivo de este trabajo es llevar a cabo reflexiones lingüísticas y sociales sobre el fenómeno ideológico (Thompson, 1995) que implica el tema de "feminismo" en los medios de comunicación, especialmente la prensa escrita, haciendo una comparación histórica en la aproximación al tema. Así, el periódico O Globo fue seleccionado como objeto de análisis, ya que es un medio importante de comunicación de masas (McQuail, 2003) en el país. Los textos elegidos para el análisis se refieren a los recortes temporales realizados de 1925 a 2016. Por lo tanto, hubo el reconocimiento de la importancia de la comunicación de masas como el sitio para la producción y propagación de la ideología (Thompson, 1998). Siendo así, a través de un punto de vista cualitativo basado en el análisis crítico del discurso (Fairclough, 2001 [1989], 1992,1995) y teniendo en cuenta los textos como los géneros (Marcuschi 2005) históricamente situados, reflexionamos sobre las representaciones ideológicas del feminismo y la lucha por los derechos de la mujer hechas en el periódico. El término ya aparecía en los periódicos a partir de 1925, que muestra la preocupación de los medios impresos a posicionarse sobre el tema. Los hallazgos demuestran que, la históricamente comparar los datos, el planteamiento realizado por este medio sobre el tema es a veces positivo, a veces negativa, afectado por los intereses del medio y por el momento.

**Palabras clave:** Análisis Crítico del Discurso; medios impresos; feminismo.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Análise Tridimensional do Discurso .....51

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional.....	52
---	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1 A HISTÓRIA DA MULHER EM SOCIEDADE</b> .....	<b>18</b>
<b>1.1 Movimentos sociais femininos</b> .....	<b>18</b>
<b>1.2 Feminismo</b> .....	<b>20</b>
1.2.1 Feminismo no mundo .....	21
1.2.2 Feminismo no Brasil .....	26
<b>1.3 Estudos sobre gênero e linguagem</b> .....	<b>31</b>
<b>2 A COMUNICAÇÃO DE MASSA E A SOCIEDADE</b> .....	<b>41</b>
<b>2.1 A Comunicação de Massa</b> .....	<b>41</b>
<b>2.2 Comunicação de massa, ideologia e poder</b> .....	<b>43</b>
<b>2.3 Estudos de mídia e linguagem</b> .....	<b>45</b>
<b>3 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E SOCIAIS</b> .....	<b>47</b>
<b>3.1 Reflexões sobre o conceito de discurso para a ACD</b> .....	<b>53</b>
<b>3.2 Reflexões sobre o conceito de ideologia para a ACD</b> .....	<b>54</b>
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	<b>66</b>
<b>4.1 A Pesquisa Qualitativa</b> .....	<b>66</b>
<b>4.2 A Análise documental</b> .....	<b>69</b>
<b>4.3 Caminhos da pesquisa</b> .....	<b>71</b>
<b>4.4 O Texto jornalístico</b> .....	<b>72</b>
<b>4.5 O Objeto de análise: o jornal O Globo</b> .....	<b>74</b>
<b>4.6 Seleção dos dados</b> .....	<b>75</b>
<b>4.7 Procedimentos metodológicos para a coleta e análise dos dados</b> .....	<b>57</b>
4.7.1 A prática linguística .....	57
4.7.2 A prática discursiva .....	61
4.7.3 A prática social .....	63
<b>5 REFLEXÃO SOBRE OS DADOS</b> .....	<b>79</b>
<b>5.1 O Exemplo de D. Heloisa Alberto Torres</b> .....	<b>79</b>
<b>5.2 As Mulheres e o pão</b> .....	<b>84</b>
<b>5.3 Feminismo não é masculinização</b> .....	<b>92</b>
<b>5.4 Como juízes, criminalistas, autoridades, advogados e advogadas encaram o projeto da mulher-comissário e até da mulher-chefe de polícia</b> .....	<b>98</b>
<b>5.5 Simone de Beauvoir e a condição de mulher</b> .....	<b>110</b>
<b>5.6 Nair de Teffé: A carioca, as modas, uma casa para morar</b> .....	<b>116</b>
<b>5.7 Telenovela: nas universidades, um tema de pesquisa</b> .....	<b>122</b>
<b>5.8 Feminismo leva a prazer precoce</b> .....	<b>131</b>

<b>5.9</b>	<b>Quando a maternidade se torna descartável .....</b>	<b>135</b>
<b>5.10</b>	<b>Sororidade: Substantivo feminino .....</b>	<b>145</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>153</b>

## INTRODUÇÃO

O estudo da linguagem aliado ao estudo da sociedade sempre me interessou enquanto pesquisadora. A representação do mundo que fazemos através da linguagem reflete organizações sociais e culturais nas quais, muitas vezes, o indivíduo parece não perceber estar inserido. Segundo Seidlhofer e Cook (1995, p. 3, tradução nossa), “[...] na ausência da linguagem, a identidade, a interação, a educação e a sociedade seriam rudimentares”<sup>1</sup>.

Essa relação intrínseca que existe entre linguagem e sociedade (FAIRCLOUGH, 2001[1989]) – que já vem sendo descrita pela sociolinguística desde meados de 1950 e 1960 (PRETI, 1977) – permite realizar aproximações entre aspectos linguísticos e extralinguísticos das interações humanas. Assim, o estudo da linguagem parece refletir um período social vivido, e cada trabalho sociolinguístico realizado é, então, de um recorte de uma época, uma vez que o momento social e temporal em que um indivíduo está inserido parece influenciar continuamente em sua perspectiva sobre o mundo e, conseqüentemente, no modo de usar a linguagem.

Conforme notamos, os estudos sociolinguísticos surgiram de modo a levar em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Assim, desde a origem dos trabalhos em sociolinguística, ocorreram diversas mudanças e a área ramificou-se em campos específicos. Nesse sentido, algumas pesquisas priorizam uma perspectiva quantitativa de análise dos dados, com o objetivo de criar categorias gerais de análise, enquanto outras utilizam análise qualitativa, que procura descrever uma situação linguística de modo que a reflexão sobre os dados ocorra de modo mais interpretativo e subjetivo. Nesse cenário, um olhar local e demorado, por meio de um viés qualitativo sobre o objeto de estudo, demonstra-se produtivo para uma possível discussão acerca das motivações que envolvem o uso da língua em sociedade. E é nessa perspectiva que este trabalho se insere.

Neste contexto, a atual fase de globalização (KUMARAVADIVELU, 2006) parece atuar como importante motivadora para a linguagem, uma vez que é marcada por um momento no qual diversos pensamentos sobre a realidade social

---

<sup>1</sup> “Without it, though, identity, interaction, education and society could be only rudimentary” (SEIDLHOFER & COOK, 1995, p. 3, como no original).

são estampados como em uma vitrine, i.e., nas redes sociais, às quais todos temos acesso. Segundo Motta, Bittencourt e Viana (2014, p.1),

[...] o advento da internet possibilitou a experimentação de um novo comunicar, estabelecendo outra relação do sujeito com a informação. Neste cenário, a comunicação de massa deixou de existir apenas unilateralmente através dos meios tradicionais e passou a também circular em um ambiente no qual os indivíduos são capazes de selecionar conteúdos e partilhar ideias.

Assim, o encurtamento das distâncias e a tecnologia parecem proporcionar, constantemente, um choque de culturas e costumes e, conseqüentemente, o acesso facilitado a diversos modos de pensamento parece promover uma perspectiva de contestação às ideias relacionadas às identidades e aos papéis sociais dos indivíduos. Para Costa (1987, p. 54), “[...] os papéis sociais envolvem comportamentos, pensamentos e sentimentos que determinam a consciência coletiva dentro de um cenário social”. Desse modo, grupos que parecem sofrer algum tipo de opressão social, entre eles, as mulheres, encontram um cenário rico para expor suas ideias, seus problemas, suas reflexões sobre o que é ser mulher em meio a tantas mudanças sociais.

Assim, a era das redes sociais fez, possivelmente, com que se colocassem em pauta diversos discursos, questionamentos sobre variados aspectos relacionados à vida da mulher no século XXI. Aumentou o número de denúncias de casos relativos à agressão contra a mulher<sup>2</sup>, leis foram votadas e colocadas em prática com o objetivo de defender os direitos femininos, como a Lei Maria da Penha<sup>3</sup>, por exemplo, e a internet tornou-se uma vitrine capaz de expor pensamentos, tanto de base machista, que parecem ser a origem da violência contra a mulher (SILVA, 2010), quanto debates realizados pelas próprias mulheres em torno de questões de gênero e papéis sociais. Ademais, questionamentos sobre o

---

<sup>2</sup> O número de denúncias de violência contra a mulher feita por outras pessoas que não a vítima aumentou em 28% até outubro de 2015, em relação ao mesmo período em 2014, pela Central de Atendimento à Mulher – o Ligue 180. Parentes, cônjuges, vizinhos e outras pessoas com diferentes tipos de relacionamento com pessoas em situação de violência têm ligado mais para o disque-denúncia para relatar casos de agressões domésticas. Contudo, a maior parte das denúncias ainda é feita pela própria vítima, mas o aumento do número de terceiros mostra a conscientização da população em relação ao tema. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/12/em-um-ano-denuncia-de-violencia-por-terceiros-aumenta-28>>. Acesso em: 9 set. 2016.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/assuntos/violencia/lei-maria-da-penha>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

conteúdo veiculado pelos diversos meios de comunicação são, atualmente, facilmente contestados por meio da internet.

Neste contexto, outros núcleos públicos da sociedade também têm demonstrado interesse na questão da mulher. Empresas de cosméticos lançam campanhas publicitárias questionando padrões de beleza (como a Dove<sup>4</sup>, por exemplo), *youtubers*<sup>5</sup> e grupos divulgam vídeos e textos nos quais afirmam a igualdade entre os sexos, artistas mobilizam-se em prol de campanhas contra a violência contra a mulher e, além disso, diversos grupos nas redes sociais e fora dela são formados com o objetivo de debater o assunto e auxiliar mulheres que estejam em algum tipo de relacionamento abusivo.

Apesar de a internet ter um papel importante na flexibilização de novos e antigos preceitos, a mídia<sup>6</sup> parece atuar de forma essencial como catalizadora de mudanças e/ou de legitimação de antigas ideias. Veículos de comunicação de massa – conceito sobre o qual refletirei posteriormente neste trabalho –, tais como a televisão, o rádio, a mídia impressa, ainda atingem milhões de pessoas que, tradicionalmente, apoiam-se nesses meios como fonte de informação, de entretenimento e de consolidação de pensamentos. Assim, parecem atuar, ademais, como argumento de autoridade para ideias e ações.

Neste cenário, o tema deste trabalho, que se relaciona ao estudo do discurso sobre a mulher na sociedade atual em globalização, parece promissor e realiza recortes linguístico-sociais, buscando um novo modo de aliar sujeito e linguagem e, mais especificamente, mulher e linguagem. Surgiu, então, meu interesse em pesquisar, dentro deste contexto dinâmico atual de comunicação, de que modo a mídia impressa, especificamente um jornal de grande circulação, posiciona-se acerca de assuntos que envolvem o feminismo e a mulher em sociedade.

O Jornal O Globo foi selecionado como objeto de análise, por tratar-se de um jornal de grande circulação no país e devido à simplicidade de acesso aos textos no

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.dove.com.br/pt/Universo-Dove/Videos/default.aspx>>. Acesso em: 10 set. 2016.

<sup>5</sup> Sobre a expressão *Youtubers*, Motta, Bittencourt e Viana (2014, p.4) afirmam que “o *Youtube* viabilizou com que o internauta se tornasse canal de comunicação, postando vídeos, permitindo a ele ser formador de opinião e agregando sujeitos em torno de discussões de temas diversificados. Esses produtores são chamados de *Youtubers* e concentram milhões de internautas em seus canais, por meio de assinaturas. O *Youtuber* posta vídeos de acordo com a frequência que lhe convém, e seu conteúdo pode ser assistido por qualquer internauta que encontre seus vídeos através de pesquisa, *hiperlink* ou pela assinatura de seu canal

<sup>6</sup> O termo *mídia*, neste contexto, refere-se aos meios de comunicação de massa.

acervo do site do jornal. Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral buscar compreensões para a seguinte questão central: de que modo o feminismo é abordado pelo jornal e qual a importância disso para a promoção, legitimação ou invalidação do movimento feminista?

Para isso, o arcabouço teórico que embasará este trabalho será a Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001[1989],1992,1995), e a reflexão sobre os dados - textos do jornal O Globo - acontecerá em torno de alguns objetivos específicos, inspirados na *análise tridimensional do discurso*, desenvolvida por Fairclough (2001).

Quanto aos objetivos específicos, esse são: (i) reflexão sobre os dados, mais especificamente sobre os textos do jornal O Globo, inspirada na *análise tridimensional do discurso*, desenvolvida por Fairclough (2001); (ii) na prática linguística, verificar o uso linguístico em torno do tema abordado; (iii) na prática discursiva, analisar o contexto de produção, distribuição e consumo dos textos; (iv) na prática social, refletir sobre as circunstâncias sociais e ideológicas do discurso.

Desse modo, através deste trabalho, encontrarei possíveis caminhos de compreensão acerca de alguns questionamentos, como por exemplo: (i) de que modo a abordagem do tema feminismo modificou-se desde a criação do jornal até os dias atuais? (ii) Há nos textos atuais do jornal analisado um reflexo dos “novos tempos”<sup>7</sup> ou apenas uma consolidação de antigas ideias disfarçadas de novas<sup>8</sup>? (iii) O que posso inferir dos usos linguísticos que emergem ou não dos textos do jornal? Desse modo, poderei investigar, por meio das relações entre linguagem da mídia e sociedade, o discurso sobre a mulher que foi e que atualmente é veiculado por esse meio de comunicação – jornal O Globo – e quais são as possíveis consequências sociais de se propagar tal discurso.

Neste contexto, uma vez que o tema sugere um envolvimento interdisciplinar, textos que abranjam aspectos históricos, antropológicos e sociológicos relacionados à vida da mulher em sociedade e ao conceito de feminismo, à importância dos meios de comunicação de massa, entre outros, demonstrar-se-ão importantes alicerces para a análise de cunho linguístico que será realizada neste trabalho.

---

<sup>7</sup> A expressão “novos tempos” a que me refiro relaciona-se a atual fase de globalização (KUMARAVADIVELU, 2006), ou seja, principalmente aos aspectos ligados à dinamicidade da comunicação no século XXI que parecem proporcionar novas perspectivas sociais.

<sup>8</sup> Pretendo, na análise de dados deste trabalho, discutir que características parecem estar atreladas a antigas e a novas ideias sobre o papel social feminino.

A inspiração para a realização desta pesquisa relaciona-se diretamente à minha vida, como pesquisadora. Enquanto mulher, brasileira, vivencio todos os dias a complexidade de uma identidade que carrega traços culturais que são, aparentemente, já estabilizados, mas que, ao mesmo tempo, são questionados por mim e pela sociedade a todo momento. Desse modo, refletir sobre o discurso sobre a mulher na mídia, em meio aos vários tipos de opressão que ainda resistem na sociedade, motiva profissionalmente e pessoalmente as análises que serão realizadas nesta pesquisa.

Assim, o trabalho contará com as seguintes etapas: na Introdução, apresentarei a motivação deste estudo, a pergunta de pesquisa e os objetivos deste trabalho; no primeiro capítulo, discorrerei sobre o percurso social feminino, no que se relaciona às lutas e conquistas e às questões relativas ao conceito de feminismo; no segundo capítulo, ponderarei sobre as relações entre comunicação de massa e sociedade; no terceiro capítulo apresentarei a análise crítica do discurso, principal base teórica para a análise dos dados; no quarto capítulo refletirei sobre a metodologia utilizada; no quinto capítulo discutirei a análise dos dados e, posteriormente, delinearei as compreensões finais.

## **1 A HISTÓRIA DA MULHER EM SOCIEDADE**

Neste capítulo, farei um percurso socio-histórico da mulher, cujo objetivo é discutir a mudança social, ou seja, as alterações sofridas por um possível “papel feminino” em sociedade, desde a vida no “lar” até a emancipação feminina que parece haver atualmente. Para isso, discorrerei sobre movimentos sociais, apresentarei alguns conceitos de feminismo e debruçar-me-ei sobre alguns dados relacionados à vida da mulher brasileira.

Conforme afirma Freitag (2015, pp.13 -14),

[...] a compreensão do percurso acadêmico e político do movimento e pensamento feminista nos permite assumir uma posição cautelosa em relação aos estudos que envolvem língua e identidade, especialmente quando se considera uma perspectiva pós-colonial e crítica, em diálogo com as especificidades do contexto sociohistórico e político brasileiro. Acreditamos que o diálogo interdisciplinar é, dentre outras, uma forte contribuição para as pesquisas acadêmicas dos movimentos que buscam dar voz e visibilidade para pessoas que foram historicamente excluídas ou silenciadas.

Desse modo, considero que, para a compreensão de fatos atualmente relevantes sobre a mulher em sociedade, torna-se importante descrever o que mudou até o momento presente – 1925 a 2016, – recorte temporal utilizado neste trabalho. Assim, espero construir um panorama que será uma das bases da análise de dados realizada neste trabalho. Desse modo, na primeira subseção, discorrerei sobre os movimentos sociais femininos; na segunda, refletirei sobre o conceito de feminismo; na terceira subseção, por sua vez, ponderarei sobre alguns estudos que envolvem mulher e linguagem.

### **1.1 Movimentos sociais femininos**

Desde meados dos anos 50 até os dias de hoje, o “papel” feminino em sociedade altera-se de modo contínuo e, possivelmente, irreversível (SOUZA, BALDWIN & ROSA, 2000). A tomada de consciência feminina de submissão ao homem, a luta pela igualdade entre os sexos, a entrada no mercado de trabalho, os direitos conquistados, entre tantos outros fatores, demonstram uma transformação social de valores que envolvem a sociedade como um todo.

A globalização, que se configura como uma realidade no século XXI, proporciona grande possibilidade de circulação de informações. Conforme afirma Kumaravadivelu (2006), na fase atual da globalização ocorrem alguns processos: as distâncias espaciais e temporais estão diminuindo e as fronteiras estão desaparecendo. “O traço mais distintivo da atual fase de globalização é a globalização eletrônica, a internet. Ela se tornou o motor principal, que está dirigindo os imperativos da economia, assim como as identidades culturais, linguísticas” (KUMARAVIDELU, 2006, p.131).

Desse modo, com o advento da grande circulação de comunicação e, principalmente a internet, a troca de reflexões, debates e experiências em torno dos gêneros e “papeis sociais” a eles atribuídos tornam-se cada vez mais intensos e dinâmicos. Por meio da internet, por exemplo, a organização de movimentos sociais, debates e reflexões sobre variados assuntos tornou-se realidade em grande escala. Desse modo, os movimentos feministas ou mesmo manifestações, relatos, denúncias ou desabaços individuais das mulheres encontraram espaço rico para manifestação. Há, além disso, facilidade de denúncia de violência física e de outros abusos contra as mulheres – problemas graves e ainda muito frequentes nos dias de hoje. Assim, esse cenário parece possibilitar o aumento do empoderamento feminino<sup>9</sup>. Sobre o conceito de empoderamento, afirmam Horochovski e Meirelles (2007, p. 486),

[...] a definição de empoderamento é próxima da noção de autonomia, pois se refere à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir entre outras. Desse modo, trata-se de um atributo, mas também de um processo pelo qual se aquire poder e liberdades negativas e positivas. Pode-se, então, pensar o empoderamento como resultante de processos políticos no âmbito dos indivíduos e grupos sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas – política, econômica, cultural, psicológica.

A história dos direitos da mulher é marcada por lutas e questionamentos sociais. Desde meados do século XVIII, explicações biológicas eram utilizadas para justificar o papel inferior que era atribuído às mulheres quando comparadas aos homens. A função social de cuidar dos filhos e do lar era um modo de limitar a vida

---

<sup>9</sup> Sobre *empoderamento feminino*, discorrerei mais profundamente no capítulo de análise dos dados.

em sociedade e de não proporcionar às mulheres a possibilidade de fazerem escolhas e decidirem, assim, o modo de conquistar a própria felicidade.

Mediante esse cenário, as mulheres só passaram a ser educadas formalmente em escolas e universidades tardiamente – 1837, nos Estados Unidos, e 1887, no Brasil (BEZERRA, 2010), o que tornava muito difícil sua independência financeira e emocional. Em épocas de guerras e, posteriormente, com a revolução industrial, houve espaço para a mão de obra feminina nas fábricas, contudo, a decisão de trabalhar ou não ainda era quase sempre tomada pelo marido que, muitas vezes, acreditava que o trabalho fora de casa atrapalhava as “obrigações de esposa”. Ademais, a vida pública das mulheres era extremamente restrita, poucos lugares eram frequentados por elas e não havia o direito ao voto.

Segundo Alves e Pitanguy (1985), o movimento sufragista feminino teve origem em meados do século XIX, em países como Estados Unidos e Inglaterra, e mobilizou em torno de dois milhões de mulheres que lutaram pela participação na política por meio do direito ao voto. Esse movimento durou décadas em vários países, quando, em 1920, foi elaborada uma emenda constitucional concedendo o voto às mulheres nos Estados Unidos e, em 1928, na Inglaterra. Já no Brasil, a luta pelo voto feminino não apresentou características de movimento de massa, e o direito foi alcançado apenas em 1932, durante o governo Getúlio Vargas, depois que já havia sido conquistado paulatinamente em alguns estados do país.

Neste cenário de conquistas e lutas que envolveram as mulheres, o movimento feminista foi protagonista de várias discussões acerca de um reposicionamento feminino em sociedade. Portanto, tratarei especificamente do feminismo na próxima subseção.

## **1.2 Feminismo**

Embora ainda hoje não exista um consenso sobre o uso da palavra “feminismo” e haja divergências de entendimento do conceito, tanto no cenário científico quanto no senso comum, inicialmente, para este trabalho, considerarei o feminismo como um movimento social que luta pelos direitos iguais entre homens e mulheres (COSTA, 2004).

Atualmente, o feminismo é um assunto recorrente nos meios de comunicação e, especialmente, na internet. Desse modo, internautas – sejam grupos organizados

e/ou manifestantes individuais, tornam-se “autores” nas redes sociais e expõem causas feministas, entre elas aquelas que deram origem à emancipação iniciada como ideia antes mesmo do século XVII, mas pela qual as mulheres ainda lutam no século XXI.

Assim, mesmo em meio ao que parece ser uma variedade de grupos com ideias divergentes do que seja ou não uma prática feminista, há a concordância entre alguns fatores, entre eles: o combate à violência contra a mulher – questão que sempre existiu e é algo seríssimo; o lugar no mercado de trabalho e o direito à equiparação salarial com os homens; o direito ao corpo através de medidas de saúde pública – legalização do aborto, entre outros fatores; e, mais do que isso, a liberdade de ser mulher sem “amarras sociais”, que vivamos em um mundo em que possamos ser o que quisermos socialmente. Segundo Céli Pinto (2010, p.16),

[...] o feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação -, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isso é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação – além da clássica dominação de classe -, a dominação do homem sobre a mulher.

Desse modo, o feminismo demonstra-se importante na luta pelos direitos da mulher e na construção de espaços de discussão e empoderamento feminino. Na próxima subseção, discutirei o feminismo no mundo.

### 1.2.1 Feminismo no mundo

Simone de Beauvoir, escritora francesa, foi uma das grandes pioneiras do feminismo no mundo. Sua célebre frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (1967 [1949], p.9) vai de encontro ao pensamento de que a mulher nasceria com papéis designados. Ao contrário, segundo a escritora, a identidade feminina é formada no âmbito da cultura e, portanto, é histórica e social.

Além da escritora francesa, é importante considerar alguns momentos em que as lutas e conquistas das mulheres foram determinantes para constituir sua história e o que conhecemos por movimento feminista. Segundo Messa (2006, p.24),

[...] o primeiro destes momentos se dá em 1759, quando Olympe de Gouges, revolucionária francesa, lança o manifesto “Declaração dos Direitos da Mulher” onde denuncia a “Declaração dos Direitos do Homem” como um instrumento de cidadania restrito ao sexo masculino e questiona o direito das mulheres serem decapitadas se não podem subir à tribuna. Como represália, é decapitada. Mais tarde, em 8 de março de 1857, 129 operárias são queimadas em uma fábrica em Cotton, EUA. Elas queriam redução de sua carga horária de 14 para 10 horas, além de licença-maternidade. Em 1963, Betty Friedan escreve “A mística feminina” que, juntamente com o “Eunuco feminino”, de Germaine Greer, faz uma crítica ao papel subordinado da mulher na sociedade. Em 1970 é aprovado no Reino Unido a igualdade salarial entre homens e mulheres.

A complexidade e a extensão do tema feminismo impede-me de relatar extensivamente o assunto e, conseqüentemente, leva à necessidade de um recorte. Assim, com a finalidade de atender aos objetivos de discussão deste trabalho, discorrerei mais detalhadamente sobre a obra “A Mística Feminina”, publicada em 1963 nos Estados Unidos.

O livro “A Mística Feminina” (1963), de Betty Friedan, psicóloga e escritora, deu início aos questionamentos sobre a vida da mulher que, posteriormente, eclodiu com as mulheres indo às ruas na luta por seus direitos. O livro é considerado marco inicial para o início dos movimentos feministas nos EUA. Na obra, a autora afirma que existia um “problema sem nome”, um grito interior que levava as mulheres à insatisfação com suas vidas, mas que não sabiam exatamente definir o que era.

Friedan (1963, p. 11) aponta que havia na época o que ela denominou de “Mística Feminina”, que estaria relacionada à “estranha discrepância entre a realidade de nossa vida de mulher e a imagem à qual nos procurávamos amoldar”. Para Duarte (2006), o livro, que foi *best seller* nos Estados Unidos, mesmo inicialmente rejeitado pela imprensa, discutia a crise de identidade feminina, refletindo minuciosamente sobre a construção da imagem da mulher como dona de casa perfeita, mãe e esposa.

Por meio de entrevistas realizadas com 80 mulheres, além da cooperação de diversos profissionais, entre eles, editores de revistas femininas, cientistas, terapeutas, assistentes de saúde mental, educadores etc. Betty Friedan (1963) fez importantes reflexões sobre a mulher do seu tempo e considera que suas respostas implicam em uma transformação social. Segundo a autora, nos 15 anos que seguiram após a Segunda Guerra Mundial, a mística de realização feminina tornou-

se o centro da cultura americana. O essencial na vida da mulher era se casar e exercer sua feminilidade através do cuidado da casa, do marido e dos filhos. Contudo, isso gerava uma insatisfação que as mulheres não sabiam exatamente ao que se referia e que os bens materiais e o conforto que a vida matrimonial proporcionavam não eram suficientes para sanar o “problema”.

A autora aponta, ainda, que as mulheres, quando questionadas sobre o motivo da insatisfação, referiam-se à sua rotina diária, gerando assim uma crise entre o que a sociedade considera o “papel” feminino e o vazio das mulheres ao exercerem esse “papel”. Essa crise, portanto, não poderia ser analisada do ponto de vista de antigos problemas, como fome, pobreza, frio, etc. Para Friedan, (1963, p. 26),

[...] em 1962 a condição da dona de casa americana tornou-se um jogo de salão para todo o país. Números de revistas, colunas de jornais, livros sérios e frívolos, conferências educativas e programas de televisão eram dedicados ao assunto.

Notamos, assim, em meados dos anos 1960, nos Estados Unidos, uma crise de identidade feminina. Para Friedan (1963), havia alguns sintomas dessa crise de identidade, entre eles o sentimento de vazio, ter a sensação de não existir, zangar-se facilmente com os familiares e chorar sem razão aparente. Segundo a autora, “[...] a americana não possui mais uma ideia íntima que lhe diga quem ela é, ou deseja ser [...]. Está precisando terrivelmente de um novo ideal que a ajude a encontrar sua identidade” (FRIEDAN, 1963, p.64).

Ao discorrer sobre identidade, Friedan (1963) estava atrelada ao momento social em que se inseria, com as preocupações que sobressaltavam na época<sup>10</sup>. A questão da identidade, na fase atual de globalização (KUMARAVADIVELU, 2006), é mais complexa – no entanto, não será tratada especificamente neste trabalho – e envolve noções que, possivelmente, não foram abordadas pela autora naquele momento, pois ainda não eram realidade na sociedade ou, ainda, por não ser o foco do estudo que ela realizava.

Há tempos, a feminilidade da mulher esteve atrelada ao cuidado do lar. Contudo, segundo Friedan (1963), no pós-Depressão – com a queda da bolsa de 1929 em Nova York e a crise econômica gerada – e, posteriormente, pós-guerra, a

---

<sup>10</sup> A crise de identidade feminina sobre a qual Friedan (1963) se refere está relacionada ao fato de que as mulheres pareciam não se sentirem “preenchidas” por seus afazeres domésticos, e isso causava um constante questionamento sobre seus papéis sociais.

mulher era profissionalmente valorizada e, segundo as revistas da época, interessavam-se por diversos assuntos que não estavam ligados ao que era denominado “universo feminino”. Nesse sentido, a autora faz uma comparação entre as publicações voltadas para o público feminino, em meados de 1939, e o período que antecedeu à publicação de seu livro, em 1963.

A psicóloga e escritora afirma que as mulheres de meados de 1939 eram diferentes das mulheres do seu tempo. Conforme a autora notou, ao comparar as publicações, os homens eram conquistados em meio a um objetivo pessoal e profissional e, desse modo, conforme aponta Friedan (1963, p. 37), “[...] a moral de 1939 dizia que se a mulher mantivesse o compromisso profissional não perderia seu homem, caso este fosse um tipo que vale a pena”. Então,

[...] essa Nova Mulher, menos frivolamente feminina, tão independente e decidida a conquistar uma vida pessoal, era heroína de um tipo diferente de história de amor. Era menos agressiva na conquista do homem. Seu apaixonado compromisso com o mundo, o senso do seu valor pessoal, sua autoconfiança davam um diferente sabor ao relacionamento com o outro sexo. A heroína e o herói de um desses contos encontram-se e apaixonam-se na agência de publicidade onde ambos trabalham (FRIEDAN, 1963, p.36).

Notamos, assim, que essas “heroínas” de 1939, citadas pela autora, eram diferentes das heroínas de seu tempo que, segundo ela, eram domésticas, infantis e submissas. Nesse contexto, a leitura da obra “A Mística Feminina” nos auxilia a compreender o quanto o conceito de feminilidade está ligado ao momento histórico e social. Em um momento no qual era necessária a mão de obra feminina para fins da crise econômica que se abatia sobre os Estados Unidos, as mulheres eram incentivadas a “exercer sua feminilidade” no mundo do trabalho. Posteriormente, quando o trabalho feminino não era tão necessário, a feminilidade passou a estar novamente ligada ao cuidado do lar. E, assim, as publicações femininas passaram a exaltar a mulher dona de casa e a construir um cenário no qual a vida fora do lar era considerada pouco feminina. Segundo um editor de revista feminina entrevistado por Betty Friedan (1963, p. 35),

[...] nossas leitoras são todas donas de casa, tempo integral. Não estão interessadas nos grandes assuntos públicos do momento, em negócios nacionais ou internacionais. Só se interessam pela família e o lar. Não querem saber de política, a menos que se relacione com alguma necessidade doméstica imediata, como o preço do café.

Humor? Tem que ser leve, elas não suportam a sátira. Viagem? Desistimos quase completamente. Educação? É um problema. O nível educacional das leitoras está subindo, quase todas passaram pelo ginásio e muitas pela universidade. Estão tremendamente interessadas na educação dos filhos — aritmética para o quarto ano. Não é possível escrever sobre ideias e assuntos mais amplos. É por isso que publicamos agora 90 por cento de utilidades e 10 por cento de artigos de interesse geral.

A autora analisou volumes de revistas femininas de diversos anos e notou essa mudança da imagem da mulher americana que perpetuou pela década de 1950. “Em fins de 1949, somente uma em cada três heroínas das revistas femininas seguia uma carreira profissional e era retratada sempre no ato de renunciar à profissão, descobrindo que o que realmente desejava era tornar-se dona de casa” (FRIEDAN, 1963, p. 41). Ademais, os grupos de discussão que a autora realizou com mulheres transformaram-se em espaços de ressignificação da identidade feminina. Neles, as mulheres notavam que não estavam sozinhas em suas angústias.

Conforme Duarte (2006), a influência do livro de Friedan (1963) nos Estados Unidos foi notável – foi usado como uma bíblia pelo movimento das mulheres americanas – e provocou, em muitas leitoras, a vontade de dispor de uma associação que as unisse. Desse modo, foi criada a *Organização Nacional das Mulheres* (NOW), em 1966, na cidade de Washington, que tinha por objetivo a denúncia de ideias sexistas, preconceitos e consumismo que transformava as mulheres em objetos. As mulheres buscavam, além disso, uma identidade pessoal.

Desse modo, através da organização de uma grande manifestação, em agosto de 1970, as feministas americanas saíram às ruas de várias cidades - Nova York, Washington, Boston, Detroit, entre outras – unidas enquanto mulheres, para mostrarem a dimensão do movimento, que lutava por quatro questões básicas (DUARTE, 2006): oportunidades iguais de acesso ao trabalho e à instrução, paridade de salários para tarefas iguais, legalização do aborto e abertura de creches em regime de tempo integral em todo o país.

Assim, o movimento das ruas tomou a sociedade e suas ideias foram internacionalmente divulgadas, de modo que a polêmica trazida pelo livro tinha espalhado reflexos pela Europa e, posteriormente, pelo Brasil, primeiramente através da imprensa, e depois com a publicação do próprio livro, em 1971. Segundo Duarte (2006, p. 293), “[...] a militância feminista de Betty Friedan a marcou para a

vida inteira e influenciou os estudos sobre gênero e mulheres nas universidades americanas”.

Ao refletir sobre esse início do feminismo nos Estados Unidos e sobre a repercussão para as discussões femininas que se deram mundialmente, notamos como os meios de comunicação tornaram-se ferramentas essenciais para que surgissem debates que, posteriormente, seriam transformados em soluções jurídicas e sociais para a construção da igualdade entre homens e mulheres. Percebemos, portanto, que o objetivo que parece ter movido o movimento feminista na época – e ainda hoje – relaciona-se, principalmente com a finalidade de

[...] mudar as relações sociais de poder imbricadas no gênero [...] A força por trás da teoria e da prática feminista no período do pós-guerra tem sido seu compromisso de erradicar desigualdades derivadas da noção de diferença sexual inerente a teorias biologicamente deterministas, que explicam a posição social das mulheres como resultado de diferenças inatas (BRAH, 2006, p.342).

Sobre isso, é notável que mesmo nos dias atuais os papéis sociais ainda são atribuídos a homens e mulheres com base em uma ideia de determinismo biológico já ultrapassada e questionada há muito tempo.

Na próxima subseção, discorrerei sobre os movimentos feministas no Brasil e refletirei sobre alguns aspectos femininos contemporâneos.

### 1.2.2 Feminismo no Brasil

Maria Amélia de Almeida Teles, com seu livro “Breve história do feminismo no Brasil”, publicado em 1993, auxiliou-me na compreensão do percurso feminista pela história do Brasil. A autora foi militante política e feminista e participou de um dos primeiros jornais feministas do país, o “Brasil Mulher”, na década de 1970.

De acordo com o livro, a divisão do trabalho entre os sexos teve início antes mesmo do país tornar-se uma República. Segundo Teles (1993, p. 21), “o machismo e a exploração econômica serviram ao sistema global de dominação patriarcal e de classe”, de modo que, desde o século XIX, encontramos exemplos de mulheres que lutaram pelo país e por aquilo que consideravam seus direitos.

Naquele momento – século XIX, assim como em grande parte do século XX – à mulher era atribuído o “papel” de dona de casa, esposa e mãe. Contudo, “na

primeira metade do século houve mulheres que começaram a reivindicar por seu direito à educação” (TELES, 1993, p. 27), mas esse direito só foi conquistado no Brasil em 1881, quando se deu o ingresso da primeira mulher em um curso superior.

O início da industrialização e do pensamento capitalista proporcionou mudanças na economia, na política e na sociedade e criou espaço para a circulação de novas ideias. Foi nesse contexto que surgiram, entre as mulheres brasileiras, os primeiros questionamentos sobre sua condição e sobre o papel que vinham desempenhando. “Era sem dúvida muito pequeno o número dessas mulheres, mas nessa época já se registraram as primeiras formulações sobre o papel de submissão imposto às mulheres” (TELES, 1993, p. 29).

Neste cenário, destacou-se Nísia Floresta Brasileira Augusta, educadora, escritora e poetisa, uma das primeiras feministas brasileiras que fundou, em 1838, no Rio de Janeiro, um colégio exclusivo para mulheres. Apesar de a sociedade da época considerar que a educação feminina não fosse necessária, uma vez que homens e mulheres exerciam papéis sociais distintos, Nísia propunha um ensino inovador ao incluir a disciplina de Ciências no currículo das estudantes, já que o ensino dessa disciplina era, anteriormente, reservado apenas aos homens. Contudo, “[...] esses avanços pedagógicos propostos pelo colégio não foram bem aceitos pela sociedade imperial, que achava desnecessário que as mulheres aprendessem qualquer coisa que fosse alheia ao universo doméstico” (CASTRO, 2010, p. 240).

Ademais, além de importante papel na educação, Nísia expôs sua insatisfação com a condição social das mulheres de sua época e acusou o sexo masculino de colocá-las sob o estigma da inferioridade. Por meio de sua coluna no “Jornal Espelho das Brasileiras”, que se iniciou em 1831, em Pernambuco, Nísia escrevia frequentemente sobre a cultura feminina em diversas partes do mundo.

Percebemos, assim, já em meados do século XIX, como a imprensa feminina – jornais escritos e/ou editados por mulheres – teve um papel primordial na circulação de informações que proporcionavam debates sobre a identidade feminina. Notamos como a troca de experiências, tanto naquele momento – com os recursos midiáticos da época – como nos dias atuais, é importante para a emancipação feminina e a luta e conquista de direitos. Conforme afirma Teles (1993, p.33), “[...] o Brasil foi o país latino-americano onde houve maior empenho do jornalismo feminista”. Esse fator parece ter sido preponderante para todas as transformações pelas quais passou a vida em sociedade da mulher brasileira.

O primeiro jornal considerado feminista publicado foi “O Jornal das Senhoras”, em 1852, seguido de “O Belo Sexo”, em 1862, e “O Sexo Feminino”, em 1873, entre outros. Esse último defendia que a libertação econômica feminina levaria ao fim da submissão e, junto à educação, proporcionaria elevação do status das mulheres na sociedade. Embora a maioria dos jornais da época publicassem temas relacionados à saúde, maternidade, cuidados domésticos e moda, além de contos, poesias e ensaios, houve espaço também para publicações que defendiam a igualdade e o direito à educação da mulher.

Posteriormente, em meados do século XX, com o crescimento de uma imprensa alternativa no Brasil, foram criados jornais como “Brasil Mulher”, em 1974, “Nós Mulheres”, em 1976, e o “Mulherio”, em 1981 – esse último precursor da ideia de “licença-paternidade” no Brasil –, que contribuíram decisivamente para a divulgação das ideias feministas e fortaleceram as reivindicações pelos direitos da mulher. Sobre os jornais da década de 1970, afirma Leite (2003)

[...] o surgimento desses jornais e os princípios por eles defendidos estão relacionados ao contexto histórico do país e ao movimento feminista nacional, destacando-se o seu compromisso com uma nova linguagem, e com a difusão de reivindicações e propostas diretamente relacionadas com a condição das mulheres (...) Apesar de os jornais não terem tido uma existência longa, eles refletem um período histórico muito intenso e marcado por transformações rápidas e profundas.

Desse modo, é possível perceber, novamente, a importância da imprensa para a circulação e possível efetivação de novas ideias e o protagonismo dos meios de comunicação, de modo geral, para aferir credibilidade à promoção de possíveis mudanças sociais. Assim, percebemos os primeiros movimentos na causa feminista, na luta pela igualdade entre os gêneros – ao considerar “feminismo” para além das subdivisões atuais do movimento, no sentido amplo de “igualdade entre os sexos”.

Na segunda metade do século XIX, Estados Unidos e Europa influenciaram as mulheres brasileiras na luta pela conquista de direitos. As mulheres da Inglaterra empenhavam-se pelo direito ao voto e as mulheres dos Estados Unidos conquistaram o divórcio em alguns estados e lutavam pelo voto. No início do século XX, as mulheres brasileiras passaram a protestar em favor de uma jornada de 8 horas de trabalho, igualdade salarial entre homens e mulheres, e também o direito ao voto.

Já em 1920, segundo Teles (1993, p. 44), “[...] Maria Lacerda de Moura e a bióloga Bertha Lutz fundaram no Rio de Janeiro a ‘Liga para a Emancipação Internacional da Mulher’, um grupo de estudos cuja preocupação principal era batalhar pela igualdade política das mulheres”. Posteriormente, Bertha fundou também a “Federação Brasileira pelo Progresso Feminino”, para auxílio da luta pela conquista do voto feminino, que se tornou realidade em 1934.

Segundo Duarte (2006), em meados da década de 1960, a visita da feminista americana, psicóloga e escritora Betty Friedan ao Brasil influenciou as mulheres brasileiras e provocou polêmicas nos meios de comunicação. A autora fazia a divulgação do seu livro “A Mística Feminina”, obra que procurava denunciar a vida da mulher americana e guiá-la em direção à autonomia, conforme afirmei anteriormente neste trabalho.

Além disso, na mesma época, publicações da autora Carmen da Silva na coluna “A Arte de ser mulher”, na revista Cláudia – entre 1963 e 1985 – destacaram-se na mídia, causando alvoroço em meio à sociedade. A escritora abordou, nesse espaço, vários temas tabus para a época, como trabalho feminino, aborto, dupla moral, maternidade e infidelidade (PASSOS, 2012, p. 8), em um momento em que a discussão feminista ainda não havia chegado ao país com muita força, mas tais reflexões somaram-se à criação do cenário feminista que se delinearía anos depois.

Por meio da leitura da obra de Maria Amelia de Almeida Teles, percebemos a crise da identidade feminina, por exemplo, por meio da reprodução da fala de uma mulher em uma reunião em um “clube de mães”, quando as mulheres começaram a falar sobre liberdade – no fim da década de 1970. Segundo a participante, a liberdade que a mulher tem que ter “[...] não é a liberdade de ser igual a esse homem que anda pelos bares, bebendo e mexendo com todo rabo de saia que vê pela frente. Nós queremos uma liberdade diferente, uma liberdade que a gente possa viver sem preconceito de ser mulher” (TELES, 1993, p.77). Notamos, nesse trecho, como o “papel” social feminino estava em questionamento, uma vez que as mulheres pareciam sentir-se minimizadas socialmente apenas por serem mulheres, e demonstravam querer liberdade para exercer sua feminilidade da maneira que quisessem.

O ano de 1975 foi decretado pela ONU – Organização das Nações Unidas – o ano internacional da mulher. Assim, apesar de o Brasil estar, naquela época, em meio a uma ditadura militar, o que não permitia manifestações abertas nas ruas,

aquele ano proporcionou às mulheres brasileiras possibilidade de levar a público as questões pelas quais lutavam de forma clandestina. Essas questões relacionavam-se à exigência da igualdade de direitos e ao questionamento do papel submisso da mulher.

Percebemos, portanto, mais uma vez, a importância da circulação de ideias em meio público para consolidação de movimentos sociais e divulgação de novas concepções sociais. Nesse sentido, os jornais, as revistas e, atualmente, o advento da internet, têm permitido ampla divulgação de ideias feministas e questionamentos de diversas naturezas sobre a identidade da mulher.

Ademais, notadamente, a mulher do século XXI tem se destacado em setores sociais que antes eram predominantemente masculinos. Segundo pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (doravante IPEA), divulgada em 2001, “[...] no Brasil as mulheres foram de 32% da PEA (população economicamente ativa) em 1977 para 46% em 2001” (SOARES e IZAKI, 2002, p.1), o que demonstra, assim, crescimento feminino no mercado de trabalho, de modo que a participação feminina nesse mercado tem aumentado de forma linear e praticamente alheia às flutuações da atividade econômica<sup>11</sup>.

Ainda no que tange ao mercado de trabalho, a Nota Técnica *Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014*, divulgada em março de 2016 pelo IPEA e pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social (doravante MTPS), apresentou um panorama de como tem sido a presença das mulheres no mercado de trabalho nos últimos anos, quais postos ocupam e sua evolução salarial<sup>12</sup>. Segundo a Nota (IPEA, 2016),

[...] apesar da evolução, o perfil histórico de ocupação ainda mantém diferenças entre homens e mulheres. Os homens, negros ou brancos, continuam sendo a maioria no mercado de trabalho, com uma taxa de 80% de presença, enquanto as mulheres dos dois grupos raciais não chegavam a 60% de ocupação em postos de trabalho. A renda também melhorou nos últimos dez anos, 2004 a 2014, mas não foi suficiente para equiparar os ganhos entre gênero e raça. O rendimento médio do brasileiro cresceu quase 50%, ao passar dos R\$ 1.000,00 em 2004 para R\$ 1.595,00 em 2014. As mulheres negras foram as mais beneficiadas, com 77% de aumento no período. Os homens conseguiram 43%, e as mulheres, 61%. Os

---

<sup>11</sup>Fonte:<[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4389&catid=313](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4389&catid=313)>. Acesso em: 17 ago. 2016.

<sup>12</sup>Fonte:<[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=27349](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=27349)>. Acesso em: 17 ago. 2016.

homens, no entanto, continuam ganhando mais do que as mulheres (em média, R\$ 1.831, contra R\$ 1.288, em 2014), e os homens brancos ganham ainda mais (R\$ 2.393, em 2014). As mulheres negras seguem na base, com renda de R\$ 946 no mesmo ano. O trabalho doméstico continua sendo um dos líderes entre os postos ocupados por mulheres, concentrando 14% da população feminina, ou 5,9 milhões. As mulheres negras são maioria entre as trabalhadoras domésticas: 17,7%, contra 10% das brancas.

Conforme notamos, por meio da pesquisa divulgada em 2016 pelo IPEA, a diferença entre a renda e o número de trabalhadores homens e mulheres diminuiu, porém, ainda existe grande distinção social que envolve os gêneros masculino e feminino no trabalho. Assim, este momento parece rico em possibilidades de enfrentamento de antigos posicionamentos sociais uma vez cristalizados, porém ultrapassados, e a busca por perspectivas mais progressistas.<sup>13</sup>

Dentro do cenário geral de estudos feministas, tanto no Brasil quanto internacionalmente, os trabalhos que procuram aliar estudos de gênero e linguagem são importantes refletores das relações sociais que perpassam a sociedade. Assim, na próxima subseção, apresentarei os principais estudos na área, desde o início das pesquisas até os mais recentes.

### 1.3 Estudos sobre gênero e linguagem

O estudo sobre a sociedade perpassa o estudo da linguagem. Nesse sentido, Fairclough (2001, [1989], p.18) compreende a “língua como uma forma de prática social”. Desse modo, as práticas sociais cristalizadas na língua são significativas para o entendimento das relações sociais como um todo. A língua é, portanto, parte da sociedade; trata-se de um processo socialmente condicionado por partes não linguísticas da sociedade (FAIRCLOUGH, 2001, [1989]).

A sociolinguística é a área da linguística que realiza estudos que pretendem aliar sujeito e linguagem. Conforme afirma Blommaert (2003, p. 613, tradução nossa), a sociolinguística “[...] reivindica contribuir para o entendimento da sociedade através do entendimento da linguagem”.<sup>14</sup> Assim, o estudo da linguagem reflete o momento social vivido e cada estudo realizado é um recorte de uma época, uma vez que o momento social e temporal em que um indivíduo está inserido parece

<sup>13</sup> A palavra *progressista* é utilizada no sentido ideológico que corresponde àquele que é a favor de mudanças em detrimento da tradição.

<sup>14</sup> “Claims to contribute to an understanding of society through an understanding of language” (BLOMMAERT, 2003, p. 613, como no original).

influenciar continuamente em sua perspectiva sobre o mundo. Segundo Lakoff ([2010]1973), somos usados pela linguagem tanto quanto a usamos.

Desse modo, dentro da perspectiva que alia sociedade e linguagem, diversos têm sido os trabalhos que procuram analisar a relação entre gênero e linguagem e, mais especificamente, mulher e linguagem. Isso tem contribuído para uma nova perspectiva das relações linguísticas que permeiam as relações sociais atribuídas aos gêneros, e agregado conhecimento ao conjunto de mudanças que permeiam a globalização (KUMARAVIDELU, 2006) do século XXI.

A obra “Linguagem, Gênero e Sexualidade” organizada por Ana Cristina Ostermann e Beatriz Fontana, publicada em 2010, reuniu e traduziu alguns dos textos clássicos relativos à linguagem e gênero publicados desde o trabalho de 1973, de Robin Lakoff, pesquisadora americana que, segundo as autoras, é o estudo inaugural sobre o tema. *Language and Woman's Place* (LAKOFF, 1973) é considerado, portanto, do ponto de vista histórico, um dos pioneiros nos estudos sobre linguagem e gênero social e, desse modo, a maioria dos trabalhos realizados posteriormente sobre o tema foram inspirados nele.

Em seu trabalho, Lakoff interessou-se em “[...] descobrir o que o uso da linguagem pode nos dizer sobre a natureza e a extensão de qualquer desigualdade” (1973, p.14). Assim, a autora pesquisou o que o uso da linguagem teria a nos dizer sobre a desigualdade que parece existir entre os papéis dos homens e das mulheres, através da análise da interação entre eles. Lakoff (1973) questiona se seria possível corrigir uma desigualdade social por meio da mudança das disparidades linguísticas, uma vez que a autora acredita que as mulheres são discriminadas de duas maneiras: no modo como são ensinadas a usar a linguagem e no modo como o uso geral da linguagem as trata. Nesse sentido, refletirei, neste trabalho, sobre o modo como o feminismo é representado discursivamente na mídia impressa, buscando compreender como esse meio aborda os assuntos relacionados às mulheres.

Para cumprir com os objetivos fixados em seu estudo, Lakoff (1973) analisou a própria fala e a de conhecidos, além de fazer uso da mídia, principalmente ao utilizar dados de comerciais ou *sitcons* de televisão. Segundo a pesquisadora, a televisão espelha a fala da comunidade que a assiste – talvez como um reflexo de como o público se vê ou gostaria de ser visto. Sobre isso, notamos, mais uma vez, como a linguagem da mídia é um importante fator de reflexão sobre uma época, e

como revela, de certo modo, o comportamento social das pessoas em um determinado recorte temporal. Assim, a linguagem midiática é um rico campo de pesquisa para diversas áreas, dentre elas a sociolinguística e a análise crítica do discurso.

No que tange à análise de dados de sua própria fala, Lakoff (1973) argumenta que uma vez que os dados teriam que ser extraídos artificialmente de alguém, ela seria uma boa fonte artificial como qualquer outra. Contudo, a autora afirma que seu objetivo com o estudo não se trata de uma palavra final sobre sexismo<sup>15</sup> na linguagem, mas sim uma provocação para novos estudos.

Lakoff (1973) afirma que a menina é ensinada desde a infância a não usar certos tipos de expressões na fala para evitar que seja julgada e/ou isolada socialmente e, posteriormente, seu modo de falar é utilizado como argumento para mantê-la em posição inferior e para recusarem-se a levá-la a sério como ser humano. Assim, a mulher na vida adulta será acusada de não se expressar claramente ou convincentemente. Desse modo,

[...] se ela se recusa a falar como uma dama, é ridicularizada e sujeita à crítica de não ser feminina, se ela aprende, é ridicularizada por não conseguir pensar claramente, por não conseguir tomar parte em uma discussão séria: em certo sentido, como sendo menos do que um ser humano completo. Essas duas escolhas que uma mulher tem – de ser menos do que uma mulher ou menos do que uma pessoa – são extremamente dolorosas (LAKOFF, 1973, p.16).

Notamos, já em 1973, a preocupação de Lakoff com o “papel” social feminino e com o modo como a língua é um importante mecanismo de delimitação da identidade dos homens e das mulheres. Assim, “ser mulher” passa, primeiramente, pelo modo de se expressar em sociedade através da língua. Segundo a autora,

[...] veremos que o efeito geral da “linguagem das mulheres” - que significa tanto a linguagem restrita ao uso das mulheres quanto a linguagem descritiva das mulheres simplesmente – é este: ela submerge a identidade pessoal da mulher, por negar a ela os meios de expressar-se fortemente, por um lado, e por encorajar expressões que sugerem trivialidade do assunto e incerteza sobre ele; e, quando

---

<sup>15</sup> Sobre o termo “sexismo”, Smigay (2002, p.34) afirma que “Sexismo é uma posição, ou uma postura misógina, de desprezo frente ao sexo. [...] Sexismo é atitude de discriminação em relação às mulheres. Mas é importante lembrar que se trata de uma posição, que pode ser perpetrada tanto por homens quanto por mulheres [...]. Impregna o imaginário social e o prepara a um vasto conjunto de representações socialmente partilhadas, de opiniões e de tendência a práticas que desprezam, desqualificam, desautorizam e violentam as mulheres, tomadas como seres de menor prestígio social”.

se está falando sobre uma mulher, por tratá-la como objeto – sexual ou outro – mas nunca como uma pessoa com posições individuais. É claro, outras formas de comportamento nesta sociedade têm o mesmo propósito; mas o fenômeno parece especialmente claro do ponto de vista linguístico (LAKOFF, 1973, p.17).

Por isso, estudos acerca do tema “mulher e língua” parecem tão promissores para uma possível compreensão de certos aspectos do funcionamento da sociedade, principalmente se os relacionarmos ao sexismo e a todas as consequências políticas, econômicas e de saúde pública geradas em decorrência do preconceito e do machismo com as mulheres.

Os resultados de Lakoff (1973) apontam para o desempoderamento das mulheres, em oposição ao estilo competitivo dos homens quando em interação. Segundo a autora, a “linguagem das mulheres” aparece em todos os níveis da gramática do inglês e a disparidade lexical encontrada, por exemplo, reflete uma desigualdade social na posição das mulheres. Assim, o uso linguístico reflete diferenças não linguísticas de comportamento, como afirma a pesquisadora,

[...] o uso de partículas diferentes por homens e mulheres é aprendido, meramente refletindo diferenças não linguísticas e novamente apontando para a desigualdade que existe entre o tratamento dos homens, e as expectativas da sociedade para com eles, e o tratamento das mulheres (LAKOFF, 1973, p.21).

A autora sugere que se o uso linguístico reflete um posicionamento social, se podemos considerar que transformações sociais geram mudanças linguísticas, logo a língua reflete o sujeito de uma época. Por isso, acredito que se o mesmo estudo fosse realizado atualmente, mudanças seriam encontradas, refletindo, dessa forma, o momento presente por que passa a mulher em sociedade.

Posteriormente aos estudos de Lakoff, outros trabalhos desta temática foram realizados dentro do escopo da Sociolinguística. Segundo Ostermann e Fontana (2010), esses estudos orientaram-se inicialmente sobre as seguintes perspectivas teóricas: (i) *déficit* – perspectiva de que o estilo conversacional das mulheres seria inferior ao estilo utilizado pelos homens; (ii) *dominância* – que argumenta que o status inferior do estilo conversacional das mulheres origina-se da dominância social dos homens sobre as mulheres; e (iii) *diferença* ou *modelo das duas culturas* - que “defende que mulheres e homens são socializados diferentemente em suas formas

de falar já desde a primeira infância” (TANNEN, 1990 *apud* OSTERMANN e FONTANA, 2010, p. 10).

Neste contexto, Ostermann e Fontana (2010) consideram importantes os seguintes estudos: *Language and Woman's Place* (LAKOFF, 1973); *Interaction: The Work Women Do* (FISHMAN, 1983); *Small Insults: A Study of Interruptions in Cross-Sex Conversations Between Unacquainted Persons* (WEST e ZIMMERMAN, 1987); *Who is Interrupting? Issues of Dominance and Control* (TANNEN, 1990); *Communities of Practice: Where Language, Gender and Power all Live* (ECKERT e MCCONNELL-GINET, 1992a); *It's a Girl! Bringing Performativity Back to Linguistics* (LIVIA e HALL, 1997) e *Performing Gender Identity: Young Men's Talk and the Construction of Heterosexual Masculinity* (CAMERON, 1998).

Esses estudos já apontavam para a relação entre o “lugar” social do sujeito e a língua, ou seja, a língua como um reflexo da realidade que o cerca e sobre a qual está inserido. Contudo, como afirmam Ostermann e Fontana (2010, pp. 10 - 11), são

[...] as pesquisas desenvolvidas a partir de 1990 que abrem um novo rumo na área ao contestarem relações essencialistas entre linguagem e gênero social defendidas pelas abordagens anteriores, gerando assim um maior interesse em investigar as complexidades envolvidas em *fazer gênero* por meio da linguagem.

Assim, hoje em dia, os estudos sobre linguagem e gênero têm procurado realizar análises na perspectiva de que “[...] gênero não é algo com que se nasce, nem algo que se possui, mas algo que se faz” (OSTERMANN & FONTANA, 2010, p.11). Para as autoras, possivelmente, um dos trabalhos mais influentes na mudança de atenção nas pesquisas em linguagem e gênero para a questão de *diversidade* foram os artigos de Penny Eckert e Sally McConnell-Ginet (1992a; 1992b, p.11), que criticam o binarismo de “estilos feminino e masculino de falar”.

Em seu trabalho, Eckert e McConnell-Ginet (1992a, p.93) afirmam que “a linguagem tem sido vista como suporte da dominância masculina; por outro lado tem sido considerada como um recurso para as mulheres que resistem à opressão ou perseguem seus próprios projetos e interesses”. Ademais, segundo os autores, nos últimos vinte anos – considerando a data de publicação do trabalho deles – diversos estudos têm oferecido uma rica visão acerca da interação entre gênero e linguagem e, especialmente, sobre o papel do poder nessa relação.

Os aspectos relativos a poder e linguagem são essenciais para a realização deste trabalho. Através da Análise Crítica do Discurso, na qual Fairclough aparece como principal estudioso, esta pesquisa delineará análises que envolvem mídia, ideologia e poder na linguagem. Para Fairclough (1989, [2001]), a linguagem contribui para a dominação de algumas pessoas por outras e considera que

[...] ideologias estão intimamente ligadas ao poder, uma vez que a natureza das premissas está integrada em convenções particulares; e porque elas são os meios de legitimar a existência das relações sociais e diferenças de poder, simplesmente através da recorrência de modos conhecidos de comportamento, que tomam essas relações sociais de poder como algo natural (FAIRCLOUGH, 2001 [1989], p.2).

No que tange aos estudos de linguagem, Eckert e McConnell-Ginet (1992a, p.94) afirmam que

[...] abstrair gênero e linguagem das práticas sociais, que produzem suas formas particulares em determinadas comunidades, obscurece e, às vezes, distorce os modos pelos quais se conectam e o modo como essas conexões estão implicadas em relações de poder, em conflitos sociais e na produção e reprodução de valores e projetos.

Assim, segundo os autores, é essencial que, para o estudo sobre linguagem e gênero, a abstração seja abandonada e noções de “homem” e “mulher”, por exemplo, não sejam meramente pressupostas. Desse modo, os autores propõem, no trabalho de 1992, que tais caracterizações abstratas de identidade e relações de gênero não sejam ignoradas, mas que o pesquisador se responsabilize pela ligação de cada uma das abstrações com uma ampla gama de práticas linguísticas e sociais que possibilite o exame das especificidades de sua realização concreta em comunidades reais (ECKERT & MCCONNELL-GINET, 1992a).

Conforme notamos, esses estudos abriram espaço para novas ideias acerca de identidade e gênero, e do modo como esses aspectos estão presentes na sociedade. Assim, ao ponderar sobre gênero em uma pesquisa sociolinguística, assim como em outras áreas ou em um sentido interdisciplinar, devemos considerar que é necessário o abandono de uma série de pressupostos recorrentes em estudos de gênero, e que o significado será distinto conforme o recorte social e temporal realizado. Desse modo, “[...] ao falar sobre significado deve-se levar em conta as pessoas que significam e as práticas da comunidade por meio das quais essas

peças dão sentidos às suas palavras<sup>16</sup>” (ECKERT & MCCONNELL-GINET, 1992a, p. 106).

Ademais, Ostermann & Fontana (2010) destacam ainda, em sua coletânea, a noção de *performatividade de gênero*<sup>17</sup>, proposta por Judith Butler (1990) dentro dos estudos de diversidade. Essa noção é explorada a partir do retorno à teoria dos atos de fala (AUSTIN, 1962; SEARLE, 1969 *apud* OSTERMANN & FONTANA, 2010), principalmente na teoria *queer*, que se relaciona com “o estudo da linguagem com base nas perspectivas combinadas de gênero e linguagem considerados como categorias separadas, mas intrinsecamente ligadas. A separação entre sexualidade e gênero forma uma das pedras fundamentais da teoria *queer*” (OSTERMANN e FONTANA 2010, p.113).

Conforme afirmam Ostermann e Fontana (2010), há um crescente interesse de um público acadêmico, bem como de leitores e leitoras em geral, interessados na relação entre linguagem, gênero e sexualidade e existe uma lacuna nos estudos sobre essa interface. No Brasil, as autoras destacam alguns estudos recentes sobre o tema, como Heberle, Ostermann e Figueiredo (2006), Moita-Lopes (2002; 2003) e Magalhães e Leal (2003).

Por outro lado, o *Handbook of Sexuality, Language, Gender and Language* - primeira edição publicada em 2003 e segunda em 2014, e editada por Susan Ehrlich, Miriam Meyerhoff, e Janet Holmes, reúne textos importantes sobre o assunto. As partes da obra são divididas em *Teoria e História, Métodos, Identidades, Ideologias, Perspectivas Global e Intercultural, Domínios e Instituições e Engajamento e Aplicações*.

Um dos capítulos intitula-se *Pesquisa, Linguagem e Gênero no Brasil* e foi escrito por Ostermann e Moita-Lopes. No texto, os autores afirmam que

[...] os primeiros estudos sobre linguagem e gênero no Brasil datam de meados de 1980 com pesquisas na área de sociolinguística quantitativa (e.g., Callou 1984), que possui forte tradição no Brasil, e

<sup>16</sup> Os autores consideram *comunidade de prática* como “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum. Modos de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas – emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento” (ECKERT e MCCONNELL-GINET, 1992a, p. 102).

<sup>17</sup> De acordo com esta teoria, a “performatividade” do gênero é um efeito discursivo, e o sexo é um efeito do gênero. [...] Judith Butler está, então, questionando a própria categoria gênero como “interpretação cultural do sexo” e afirma, categoricamente “gênero não está para a cultura assim como o sexo está para a natureza”. Assim, a autora focaliza o sexo como resultado “discursivo/cultural”, e questiona a constituição do sexo como “pré-discursivo” e, portanto, anterior à cultura (PEDRO, 2005).

na qual sexo/gênero é frequentemente umas das variáveis mais estudadas. Contudo, a maioria das pesquisas no campo de linguagem e gênero têm se concentrado em investigações orientadas para discurso/interação nas áreas de Análise do Discurso e Linguística Aplicada. Nessa tradição, as primeiras publicações são de Judith Hoffnagel e Elizabeth Marcuschi (1992) no que elas denominam de “estilo feminino de discurso” e Carmen Rosa Caldas-Coulthard (1993), na representação da mulher e a voz das mulheres em jornais, que em grande parte, devido ao contínuo e influente trabalho de Caldas-Coulthard, tem sido fundamental para chamar a atenção para essa área de pesquisa e tem atraído um grande número de pesquisadores para este campo no Brasil. Enquanto a investigação da “fala em interação natural” foi mais demorada para se estabelecer no contexto brasileiro, estudos sobre linguagem e gênero na mídia – especialmente na mídia impressa – têm crescido exponencialmente (e.g., Ferreira 2009; Funck and Widholzer 2005; Heberle, Ostermann, and Figueiredo 2006), (...) Desde o início dos anos 80, entretanto, muito tem mudado nos estudos linguísticos no Brasil, particularmente com relação ao grande desenvolvimento das áreas de Análise do Discurso e Linguística Aplicada, que têm atraído muitos estudantes ao assunto<sup>18</sup> (OSTERMANN e MOITA-LOPES, 2014, p.412, tradução nossa).

Conforme notamos, de certo modo, o início dos estudos que aliam gênero e linguagem no Brasil é recente, datando de meados dos anos 1980. Contudo, a globalização, de acordo com Kumaravadivelu (2006), na qual a sociedade encontra-se atualmente, tem proporcionado uma ampliação do escopo de possibilidades de pesquisa com relação aos gêneros. Nesse sentido, o acesso facilitado aos diversos tipos de mídia – entre elas, os acervos digitais na internet, tanto para análises sincrônicas quanto diacrônicas, têm proporcionado novas perspectivas de estudos na área.

Ostermann e Moita-Lopes (2014) realizaram uma extensa pesquisa que abarcou os principais trabalhos publicados no Brasil sobre gênero e linguagem. Os

---

<sup>18</sup> “The first studies on language and gender in Brazil date from the mid-1980s with quantitative sociolinguistic research (e.g., Callou 1984), which has a very strong research tradition in Brazil, and in which sex/gender is very often one of the variables studied. However, most of the research in the field of language and gender has concentrated on discourse/interaction-oriented investigation in the field of discourse analysis and applied linguistics. In this tradition, the earliest publications were Judith Hoffnagel and Elizabeth Marcuschi (1992) on what they call “feminine speech style” and Carmen Rosa Caldas-Coulthard (1993) on the representation of women and women’s voices in newspapers, largely due to the continuing and influential work of Caldas-Coulthard, which has been paramount in drawing attention to this area of research and has attracted a large number of researchers to this field in Brazil. Whereas the investigation of naturalistic spoken interaction has been slow to take off in the Brazilian context, studies on language and gender in the media – especially in the print media – have increased exponentially (e.g., Ferreira 2009; Funck and Widholzer 2005; Heberle, Ostermann, and Figueiredo 2006).(...) Since the early 1980s, however, much has changed in language studies in Brazil, particularly in regard to the great developments in the areas of discourse analysis and applied linguistics, which have attracted many students to the subject” (OSTERMANN & MOITA-LOPES, 2014, p.412, como no original).

autores restringiram o escopo aos trabalhos dentro da sociolinguística quantitativa e linguagem como discurso e interação na investigação.

Assim, dentro dos estudos variacionistas iniciais, os autores destacam o trabalho de Maria Paiva (2003 *apud* OSTERMANN & MOITA-LOPES, 2014), cuja análise abarcou alguns artigos publicados por estudantes brasileiros (OMENA, 1996; PAREDES DA SILVA, 1996; SCHERRE, 1996). A autora aponta que, na maioria dos estudos sociolinguísticos brasileiros, está ausente a distinção entre gênero e sexo. Além disso, afirma que a maioria das mulheres usa mais a variante padrão do que os homens, demonstrando, dessa forma, preferência pela variante linguística de prestígio. Em geral,

[...] Paiva (2003) demonstra que as mulheres são mais “sensíveis” ao prestígio social atribuído pela comunidade a certas variedades linguísticas. A autora afirma que a diferença é mais acentuada na classe média, e as mulheres tendem a ser mais conservadoras em algumas comunidades, talvez como uma consequência de processos de socialização diferentes entre homens e mulheres<sup>19</sup> (PAIVA, 2003 *apud* OSTERMANN & MOITA-LOPES, 2014, p.414, tradução nossa).

Percebemos, assim, como é produtivo aliar estudos sociológicos a estudos linguísticos em pesquisas, de modo interdisciplinar, evitando, assim, a abstração demasiada que leva a resultados que tendem à estereótipos recorrentes no senso comum. Ademais, para Ostermann e Moita-Lopes (2014, p.415, tradução nossa), “[...] a revisão de Paiva (2003) no campo da Sociolinguística Quantitativa mostra a necessidade de teorizar gênero e sexo separadamente dentro de específicas comunidades de prática”<sup>20</sup>. Isso vai ao encontro de Eckert e McConnell-Ginet (1992a), quando apontam que as relações entre linguagem e gênero devem ser estudadas dentro das especificidades de cada comunidade de prática.

Na área de discurso/interação, Ostermann e Moita-Lopes (2014) destacam os estudos da linguagem da mídia que, segundo eles, têm recebido muita atenção no Brasil. Nesse sentido, os primeiros estudos de Fairclough dentro da Análise Crítica

<sup>19</sup> “Paiva (2003) demonstrates that, according to the studies, women are more “sensitive” to the social prestige attributed by the community to certain linguistic varieties. She argues that this difference is most accentuated in the middle class, and that women tend to be more conservative or more oriented to prestigious variants in some communities, perhaps as a consequence of a different socialization process between males and females and the dynamics of social mobility that characterize each community” (PAIVA, 2003 *apud* OSTERMANN & MOITA-LOPES, 2014, p. 414, como no original).

<sup>20</sup> “Paiva (2003) in her review of the field of quantitative sociolinguistics in Brazil shows awareness of the need to theorize gender and sex separately and within specific communities of practice” (OSTERMANN E MOITA-LOPES, 2014, p.415, como no original).

do Discurso – cuja teoria será referência para análise de dados deste trabalho – tem influenciado diversos trabalhos e têm sido utilizados como referência teórica e metodológica nesses estudos.

No que se relaciona a este trabalho, uma vez que as reflexões serão realizadas em torno do discurso sobre a mulher no Jornal O Globo, considerado uma mídia de comunicação de massa, no próximo capítulo, refletirei sobre os aspectos que envolvem os meios de comunicação de massa em sociedade.

## 2 A COMUNICAÇÃO DE MASSA E A SOCIEDADE

O objetivo deste capítulo é refletir sobre de que modo os meios de comunicação de massa podem influenciar na sociedade, e apresentar algumas motivações para o estudo do tema. Assim, na primeira subseção, discorrerei sobre o conceito de comunicação de massa. Na segunda subseção, ponderarei sobre questões relacionadas à comunicação de massa, poder e ideologia. Já na terceira e última subseção, apresentarei alguns estudos pioneiros sobre mídia e linguagem.

### 2.1 A Comunicação de Massa

Os vários pesquisadores que se debruçam sobre as questões que envolvem a ‘comunicação de massa’ – termo cunhado no final dos anos 1930 (MCQUAIL, 2003) – parecem concordar em conceituá-la considerando a grande quantidade de pessoas que podem ser atingidas pelas mídias de massa. Conforme aponta McQuail (2003, p.4),

[...] o termo ‘mídia’ de massas é uma abreviatura para descrever meios de comunicação que operam em grande escala, atingindo e envolvendo virtualmente quase todos os membros de uma sociedade em maior ou menor grau. Refere-se a meios de comunicação social familiares e há muito estabelecidos, como jornais, revistas, filmes, rádio, televisão e música gravada. Tem uma fronteira mal definida com novas espécies de mídia que diferem sobretudo por serem mais individuais, diversificadas e interativas, dos quais a internet é o melhor exemplo.

Para Thompson (1998), a expressão “massa” decorre do fato de que as mensagens transmitidas pelas indústrias da mídia são, geralmente, acessíveis a audiências relativamente amplas. Contudo, a palavra “massa” não deve ser tomada em termos apenas quantitativos; “[...] o ponto importante sobre comunicação de massa não é que um determinado número ou proporção de pessoas receba os produtos, mas que os produtos estão, em princípio, disponíveis a uma pluralidade de receptores” (THOMPSON, 1998, p. 287). Essa definição vai ao encontro de McQuail (2003, p.14), quando afirma que “[...] o termo ‘massa’ denota grande volume, gama ou extensão (de pessoas ou de produção) enquanto ‘comunicação’ se refere ao sentido de emitir ou receber mensagens”. Entretanto,

[...] as mesmas mídias que transportam mensagens públicas para grandes públicos, para fins públicos, podem também transportar notícias pessoais, mensagens advogando causas, apelos de caridade, anúncios de emprego ou de casas vagas e muitos outros tipos de informação e de cultura. Este ponto é especialmente relevante neste tempo de convergência de tecnologias de comunicação (MCQUAIL, 2003, p.14).

Nesse sentido, Fairclough (1995, p. 37, tradução nossa) afirma que “[...] uma propriedade crucial das mídias de massa é fazer a mediação entre os domínios público e o privado”<sup>21</sup>. Assim, no surgimento das comunicações de massa, a abrangência desse tipo de comunicação pôde ser estudada por meio de questões como: os efeitos que essa comunicação em larga escala produz na sociedade; as mudanças que, possivelmente, proporciona na vida privada das pessoas; as transformações sociais que ocorrem com o surgimento delas, entre outros.

No momento atual de globalização (KUMARAVADIVELU, 2006), apesar das mudanças pelas quais passa a comunicação de massa, uma de suas grandes características é a distância – espacial e em muitos casos temporal – entre o produtor da mensagem e o leitor/ consumidor do produto. Devido a isso, alguns estudiosos, entre eles McQuail (2003) e Thompson (1998), consideram que o melhor termo a ser usado seria “transmissão” ao invés de “comunicação”, pois a “troca” de informação se dá apenas unilateralmente<sup>22</sup>. Assim,

[...] a audiência, além de heterogênea e geograficamente dispersa, é constituída de membros anônimos para a fonte, mesmo que a mensagem, em função dos objetivos do emissor, ou da estratégia mercadológica do veículo, seja dirigida especificamente a uma determinada parcela do público, isto é, um só sexo, uma faixa etária, um determinado grau de escolaridade (ALEXANDRE, 2001, p. 113).

Isso faz com que a recepção da informação ocorra, portanto, de modo subjetivo, mediante as expectativas do público consumidor e mediante as intenções do produtor que são marcadas por relações de ideologia e poder.

Na próxima subseção, refletirei sobre esses aspectos de ideologia e poder que envolvem a comunicação de massa na sociedade.

<sup>21</sup> “A crucial property of the mass media is that they “mediate” in this way between the public and the private domains” (FAIRCLOUGH, 1995, p. 37, como no original).

<sup>22</sup> Importante ponderar que mesmo ao considerar as cartas dos leitores dos jornais, por exemplo, essas “respostas” do público consumidor não ocorrem no momento de consumo da mídia de massa.

## 2.2 Comunicação de massa, ideologia e poder

A sociedade é profundamente influenciada pela comunicação de massa que, por meio das mídias de massa, parece atuar como reguladora de comportamentos sociais e modelo a ser seguido do que é considerado bom e correto. Desse modo, McQuail (2003, p.74) aponta que

[...] as mídias de massa parecem ser capazes, em princípio, de ao mesmo tempo suportar e subverter a coesão social. As posições parecem distantes, uma evidenciando tendências centrífugas e outras tendências centrípetas, embora, de fato, em sociedades complexas e em mudança, as duas forças trabalhem normalmente ao mesmo tempo, compensando-se mutuamente até certo ponto.

Como aponta Alexandre (2001, p. 113), “[...] as funções básicas dos meios de comunicação de massa são informar, divertir, persuadir e ensinar”. Entretanto, mesmo que a palavra “massa” tenda a uniformizar o público receptor das mensagens, elas

[...] são recebidas por pessoas específicas, situadas em contextos sócio-históricos específicos que veem as mensagens dos meios com graus diferenciados de concentração, interpretam-nas ativamente e dão-lhes sentido subjetivo, relacionando-as a outros aspectos de suas vidas” (THOMPSON, 1998, p. 287).

Assim, a construção do significado total da mensagem recebida ocorrerá por meio da interação realizada pelo leitor/consumidor com o meio de comunicação/produto e suas experiências, crenças e visões de mundo enquanto um sujeito sócio-histórico. Dessa forma, os meios de comunicação de massa “servem em grande medida para constituir as nossas percepções e definições da realidade social e de normalidade para os fins de uma vida pública, social, e são uma fonte-chave de padrões, modelos e normas” (MCQUAIL, 2003, p.67).

Neste contexto, de consumo de informação, os aspectos ideológicos de ambos – produtor e consumidor – estão intrinsecamente relacionados, pois influenciarão tanto a produção quanto a recepção de formas simbólicas<sup>23</sup>. Desse modo, o estudo dos aspectos ideológicos dos textos produzidos pelas mídias de comunicação de massa é importante, pois objetiva desvelar as relações de poder

<sup>23</sup> Para Thompson (1998), as formas simbólicas são os fenômenos ideológicos.

que estão associadas, por exemplo, a diversos tipos de desigualdades sociais e que estão dispostos através de conceitos e pensamentos cristalizados socialmente. Nesse sentido, Thompson (1998, p. 341) afirma que o estudo da ideologia atrelado à comunicação de massa “[...] deve ser orientado em direção ao conteúdo das mensagens da mídia e à maneira como esse conteúdo é empregado e apropriado em circunstâncias particulares”.

Desse modo, reconhecendo a importância da comunicação de massa como o local para a produção e propagação da ideologia (THOMPSON, 1998), “[...] a questão crucial é o modo como a linguagem da mídia pode trabalhar ideologicamente”<sup>24</sup> (FOWLER *et al.*, 1979, HODGE & KRESS, 1979 *apud* FAIRCLOUGH, 1995, p. 12, tradução nossa). Neste cenário, considero que a mídia pode atuar de modo a promover ou desqualificar manifestações sociais por meio da linguagem, de modo que a representação das pessoas e dos acontecimentos pode ocorrer de modo negativo ou positivo. E isso possivelmente contribui para o direcionamento de transformações sociais, já que “[...] a experiência cultural é profundamente moldada pela difusão das formas simbólicas através dos vários meios de comunicação de massa” (THOMPSON, 1998, p. 342).

Desse modo, a comunicação de massa está intrinsecamente relacionada a aspectos de poder, já que “[...] tem o poder de influenciar conhecimentos, crenças, valores, relações sociais e identidades sociais” (FAIRCLOUGH, 1995, p. 2, tradução nossa)<sup>25</sup>. Nesse sentido, notamos que as mídias de massa, ao atuarem como transmissoras de formas simbólicas, podem influenciar aspectos importantes da vida social, tais como eleições políticas, aprovação de leis, além de servir de modelo para valores e comportamentos. Segundo Gregolin (2007, p.17), “[...] o que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta”. Conforme aponta Thompson (1998),

[...] o sentido presente nas formas simbólicas serve para estabelecer e sustentar relações de dominação; e podemos reconhecer que, nas sociedades caracterizadas pelo desenvolvimento da comunicação de massa, a análise da ideologia deve se interessar, fundamentalmente,

<sup>24</sup> [...] a major issue is how media language might work ideologically (FOWLER *et al.*, 1979, HODGE e KRESS, 1979 *apud* FAIRCLOUGH, 1995, p. 12, como no original)

<sup>25</sup> The power to influence knowledge, beliefs, values, social relations, social identities (FAIRCLOUGH, 1995, p. 2, como no original).

pelas formas simbólicas transmitidas pelos meios técnicos dessa comunicação. [...] a análise da ideologia deve orientar-se primariamente, em direção às múltiplas e complexas maneiras como esses fenômenos simbólicos circulam no mundo social e se cruzam com relações de poder (THOMPSON, 1998, p. 342).

Assim, o estudo da linguagem da mídia pode desvelar relações de poder e atuar como importante elemento na conscientização de desigualdades sociais, influenciando, possivelmente, mudanças de perspectiva sobre essas questões.

Na atual fase de globalização (KUMARAVADIVELU, 2006), o advento da internet proporcionou vias de comunicação que abrangem uma grande quantidade de pessoas, e isso fez com que a função social dos meios de comunicação de massa tradicionais sofresse alteração. A chegada da internet atribuiu mais “poder” ao leitor, aumentou suas possibilidades de escolha de acesso à informação, diminuindo, assim, a influência das mídias anteriores (jornal, revista, TV) na recepção dos acontecimentos sociais. Contudo, mesmo diante deste cenário, os meios de comunicação de massa tradicionais parecem ainda atingir muitas pessoas cotidianamente.

Neste contexto, uma vez que os estudos que atrelam mídia e linguagem podem, segundo Fairclough (1995), atuar como importantes reveladores de relações hegemônicas e, assim, possivelmente operarem como propulsores de mudanças sociais, na próxima subseção, apresentarei alguns importantes estudos sobre o tema.

### **2.3 Estudos de mídia e linguagem**

Um dos primeiros estudos de mídia e linguagem foi realizado por Caldas-Coulthard (1993), que examinou os modos pelos quais os jornais representam as interações orais nas notícias. A análise demonstra que às mulheres são negados os papéis de falantes das notícias, e a elas são relegados papéis mais fracos. Caldas-Coulthard (1993) alega que tal representação faz mais do que apenas refletir as relações assimétricas na sociedade, mas também as reforça e as naturaliza. Nesta pesquisa, irei refletir se isso também ocorre nos textos selecionados para análise no jornal O Globo.

Os resultados do trabalho de Caldas-Coulthard vão ao encontro das considerações realizadas por Susana Funck (2007) ao investigar jornais brasileiros.

A autora investigou como homens e mulheres são apresentados (graficamente e textualmente) em diferentes seções de notícias, e percebeu que as mulheres são representadas como “sendo” (incluindo “ser passiva”), ou como “tendo” (incluindo ter atributos físicos), enquanto homens são representados como “fazendo”, como agentes na sociedade (OSTERMANN & MOITA-LOPES, 2014).

Nesse sentido, Ostermann e Moita-Lopes (2014) citam ainda os estudos de Dina Ferreira (2006, 2009), Luiz Paulo Moita-Lopes (2009b), entre outros. Dina Ferreira (2006, 2009) investigou artigos de jornais, especificamente com foco nas eleições presidenciais no Brasil em 2002, e demonstrou como noções simbólicas são utilizadas para designar mulheres e como elas são construídas como figuras políticas ou como companheiras de homens políticos. Já Luiz Paulo Moita-Lopes (2009b), na primeira parte de seu artigo, debruça-se sobre a performance narrativa de masculinidade hegemônica do jogador Ronaldo em um texto jornalístico. Na segunda parte, por sua vez, o autor reflete sobre os posicionamentos interacionais de dois homens gerados em uma entrevista de grupo focal sobre o mesmo texto. Os resultados apontam como esses leitores iconicizam em seus posicionamentos aqueles que aparecem no jornal.

Esses estudos parecem demonstrar como pesquisas relacionadas à linguagem, mídia, sociedade e gênero são um campo em desenvolvimento, que sugere novos estudos a todo momento, realizando, assim, recortes de momentos sociais. Esses recortes são essenciais para a compreensão das opressões sociais históricas que parecem continuar em andamento na sociedade.

No próximo capítulo, apresentarei as principais bases teóricas que fundamentarão as análises linguísticas e sociais deste trabalho.

### 3 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E SOCIAIS

O objetivo deste capítulo é apresentar a principal teoria que orientará a análise dos dados deste trabalho. Assim, discorrerei sobre a Análise Crítica do Discurso e sua relevância para as reflexões de cunho linguístico e social desta pesquisa.

A análise crítica do discurso (doravante ACD), cujo principal estudioso é Fairclough (2001[1989],1992,1995), apresenta-se teoricamente produtiva para a análise de aspectos que se relacionam a língua, poder e ideologia. Uma vez que busco, por meio deste trabalho, verificar contextos linguísticos – que revelem perspectivas que não estão totalmente expostas nos textos –, a ACD demonstra-se essencial para esta pesquisa e, assim, será a principal teoria utilizada para a elaboração das reflexões acerca do tema em análise. Segundo Fairclough (2001[1989], p.4, tradução nossa), a palavra

[...] crítica é usada no sentido especial de mostrar conexões que podem estar escondidas das pessoas – tais como conexões entre linguagem, poder e ideologia. (...) ACD analisa as interações de uma forma que se concentra em seus elementos linguísticos e que se propõe a mostrar seus aspectos determinantes geralmente ocultos no sistema de relações sociais, bem como os efeitos ocultos que eles podem ter sobre aquele sistema<sup>26</sup>.

Desse modo, “crítico” implica, segundo Fairclough (2001), mostrar conexões e causas que estão ocultas, mas sugere também uma possível intervenção, por exemplo, fornecendo recursos de mudança para aqueles que possam encontrar-se em desvantagem. Como afirma Heberle (2008), a análise crítica de um texto pode contribuir para expor o que antes pode ter sido invisível, bem como para questionar e desconstruir discursos consensuais e naturalizados.

Para Fairclough (2001[1989]), embora outras áreas da linguística – pragmática, psicologia cognitiva, análise da conversa e análise do discurso – possam contribuir para a análise de tais elementos na sociedade, a maneira como

---

<sup>26</sup> *Critical* is used in the special sense of aiming to show up connections which may be hidden from people – such as the connections between language, power and ideology (...). CLS analyses social interactions in a way which focuses upon their linguistic elements, and which sets out to show up their generally hidden determinants in the system of social relationships, as well as hidden effects they may have upon the system (como no original).

elas padronizam e estruturam os estudos linguísticos são insatisfatórias de um ponto de vista crítico. Isso porque, segundo ele, aspectos que são essenciais para os estudos tendem a ser deixados de lado, relegando a natureza social da linguagem, por exemplo, a uma subdisciplina.

Neste contexto, o autor considera que a Linguística Crítica (doravante LC) – desenvolvida por um grupo da Universidade de *East Anglia* na década de 1970 –, embora pretenda ser “crítica”, demonstra uma tendência em minimizar aspectos de produção e interpretação dos textos e, assim, não considera que o contexto e o intérprete são essenciais para a construção dos sentidos sociais do discurso (FAIRCLOUGH, 2001). Desse modo, a LC concebe a interface linguagem-ideologia de forma muito restrita, o que Fairclough considera uma grande lacuna nessa abordagem. Para ele, os processos de interpretação conduzem os intérpretes a pressupor coisas que não estão no texto e que podem ser de natureza ideológica (FAIRCLOUGH, 2001). Conforme notamos, o conceito de ideologia – sobre o qual refletirei detalhadamente posteriormente – é essencial para a construção da ACD e para as análises realizadas com base na teoria.

Desse modo, segundo Resende e Ramalho (2006), embora a LC demonstre-se com lacunas, em termos de filiação disciplinar, pode-se afirmar que a ACD confere continuidade aos estudos convencionalmente referidos como LC, uma vez que pertencem a ramos similares do estudo da linguagem.

A Análise do Discurso (Francesa), por sua vez, cujo principal representante é Michel Pêcheux (PÊCHEUX *et al.*, 1979; PÊCHEUX, 1982 *apud* FAIRCLOUGH, 2001), e que pertence a ramos distintos da ACD nos estudos da linguagem, segundo Fairclough (2001), apresenta um tratamento insatisfatório aos textos, que são homogeneizados antes da análise por meio da constituição do *corpus*. Ademais, os objetos de análise não são os textos completos e, assim como na LC, os processos discursivos de produção e interpretação são relegados a um segundo plano. Em suma, para o estudioso, nessa perspectiva os textos são tratados como evidências para hipóteses elaboradas *a priori*, e há uma perspectiva unilateral do sujeito, de modo que apenas se considera tal sujeito como efeito e não como um agente modificador.

Portanto, é ao considerar as lacunas apresentadas por teorias de análise do discurso anteriores – tais como a LC e a Análise do Discurso Francesa –, que Fairclough desenvolve a ACD, dentro de uma Teoria Social do Discurso. O objetivo

é “[...] desenvolver uma abordagem de análise do discurso que poderia ser usada como um método dentre outros para investigar mudanças sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 27). Desse modo, para investigar os aspectos discursivos relacionados ao feminismo e aos direitos da mulher em textos do jornal O Globo, realizando um percurso histórico do tema, a ACD surge como uma teoria adequada às reflexões.

A obra *Análise de Discurso Crítica* de Resende e Ramalho (2006) auxilia na compreensão de aspectos essenciais para a ACD. Nela, as autoras citam alguns importantes estudiosos que estão de alguma forma relacionados ao trabalho de Fairclough. Para Magalhães (2005 *apud* RESENDE & RAMALHO, 2006), por exemplo, as principais contribuições de Fairclough para os estudos críticos da linguagem são a construção de um método para o estudo do discurso e seu trabalho em explicar porque cientistas sociais e estudiosos da mídia precisam dos linguistas.

Já no que se relaciona aos estudos sobre a mídia, a contribuição de Thompson (1998, *apud* RESENDE & RAMALHO, 2006) enfatiza o papel dos meios de comunicação de massa na construção e propagação de formas simbólicas, por sua capacidade de transmitir significados a grandes públicos. A mídia atua, então, como um dos meios em que a ideologia se manifesta. Nesse sentido, Thompson (1998) aponta para a existência de tensões e conflitos derivados da apropriação localizada dos produtos da mídia na construção reflexiva de identidades: “[...] com o desenvolvimento da mídia, indivíduos têm acesso a novos tipos de materiais simbólicos que podem ser incorporados reflexivamente no projeto de autoformação” (THOMPSON, 1998, p.158 *apud* RESENDE & RAMALHO, 2006, p.32). No próximo subtópico, refletirei sobre questões relacionadas à comunicação de massa e aos seus aspectos simbólicos de influência social.

Neste contexto, Fairclough (2001) destaca a utilidade da ACD para analisar o discurso midiático como um espaço de poder, pois, segundo o autor, a mídia “[...] oferece imagens e categorias para a realidade; posiciona e molda os sujeitos sociais e contribui principalmente para o controle e a reprodução social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 202).

Portanto, os estudos da ACD, enquanto reveladores de ideologias ocultas ou expostas no discurso, são produtivos para reflexões que envolvem a mídia e a sociedade, já que a mídia exerce grande influência social e, em muitos casos, atua como niveladora de atitudes e comportamentos que se tornam socialmente naturalizados. Assim como o discurso, a mídia funciona como um espelho, que

reflete a sociedade, mas também a molda. Assim, este é um dos principais fatores pelos quais selecionei a ACD como principal teoria para as análises que envolvem discurso, mídia e sociedade que serão abordadas neste trabalho.

Utilizar, portanto, a ACD para análises de cunho linguístico e social é reconhecer que não somente as mudanças sociais transformam as práticas linguísticas, mas que a linguagem também é potencialmente um dos aspectos modificadores da sociedade. Conforme afirma Fairclough (2001[1989], p. 20, tradução nossa), “[...] o discurso envolve condições sociais, que podem ser especificadas como condições sociais de produção, e condições sociais de interpretação”<sup>27</sup>. Desse modo,

[...] não existe um relacionamento externo “entre” linguagem e sociedade, mas sim um relacionamento interno e dialógico. A linguagem é parte da sociedade; os fenômenos linguísticos são fenômenos sociais de um tipo especial, e os fenômenos sociais são (em parte) fenômenos linguísticos (FAIRCLOUGH, 2001 [1989], p. 19, tradução nossa)<sup>28</sup>.

Desse modo, para a realização de reflexões de caráter linguístico e social, a ACD apresenta as seguintes características (com base em FAIRCLOUGH, 2001 [1989]): (i) o objeto de análise são os textos e a seleção deve garantir que a diversidade de práticas (processos de produção, distribuição e consumo) seja representada dentro de um domínio de práticas; (ii) são analisados os processos de produção e interpretação textual e os analistas buscam ser sensíveis a sua própria tendência interpretativa como um sujeito dentro de um contexto social; (iii) o discurso é estudado dentro de sua historicidade; (iv) o discurso é socialmente construtivo (constitui os sujeitos sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença), e seu estudo focaliza os efeitos ideológicos; (v) são consideradas as relações de poder no discurso e também o modo como essas relações transformam as práticas discursivas de uma instituição; (vi) é verificado o modo como as práticas discursivas asseguram a reprodução de ideologias; (vii) os textos são analisados em termos de forma e significado (por exemplo, as propriedades do diálogo e da

<sup>27</sup> Discourse, then, involves social conditions, which can be specified as social conditions of production, and social conditions of interpretation (FAIRCLOUGH, 2001 [1989], p. 20, como no original).

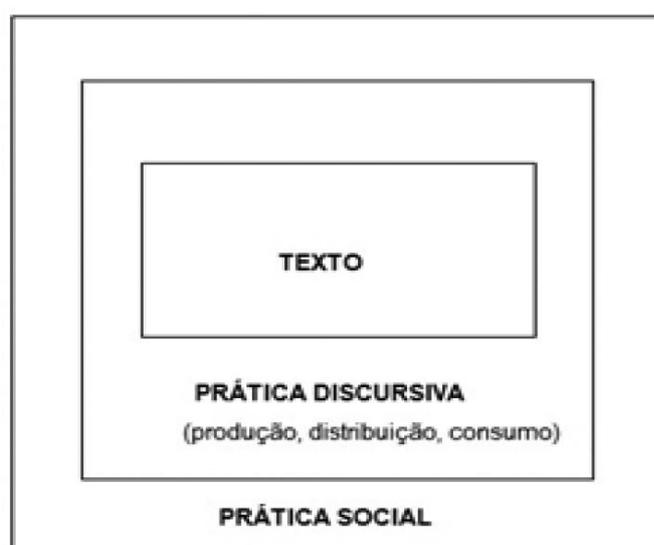
<sup>28</sup> There is not an external relationship ‘between’ language and society, but an internal and dialectical relationship. Language is a part of society; linguistic phenomena *are* social phenomena of a special sort, and social phenomena *are* (in part) linguistic phenomena (FAIRCLOUGH, 2001 [1989], p. 19, como no original).

estrutura textual como também o vocabulário e a gramática). Nesse sentido, o ponto central da ACD é analisar o modo como o discurso contribui tanto para a reprodução quanto para a transformação das sociedades (FAIRCLOUGH, 2001[1989]).

Para Resende e Ramalho (2006), a análise crítica é relevante, porque, ao fornecer uma perspectiva de tomada de consciência acerca de processos de desigualdade e dominação, torna possível um movimento transformador. Assim, “[...] a linguagem pode ser usada para desafiar o poder, subvertê-lo, e alterar sua distribuição a curto e longo prazo” (WODAK, 2004, p. 237). Conforme notamos, reflexões de cunho linguístico que fazem uso do arcabouço teórico da ACD possibilitam revelar posicionamentos ideológicos, especialmente os que envolvem discriminação e assimetrias de poder em vários núcleos da sociedade como, por exemplo, as relações de gênero.

Desse modo, para que a análise seja realizada de modo satisfatório e multidimensional, Fairclough (2001) desenvolve a *análise tridimensional do discurso* (doravante ATD), que “[...] permite avaliar as relações entre mudança discursiva e social e relacionar sistematicamente propriedades detalhadas de textos às propriedades sociais de eventos discursivos como instancias de prática social” (FAIRCLOUGH, 2001[1989], p. 27). A figura a seguir nos permite compreender as relações entre as três dimensões:

**Figura 1: Análise Tridimensional do Discurso**



Fonte: Resende e Ramalho (2006)

Conforme notamos na Figura 1, a ATD engloba o texto, a prática discursiva e a prática social, conforme Fairclough (2001, p.101). Nesse sentido, como afirmam Resende e Ramalho (2006, p.28),

[...] a prática social é descrita como uma dimensão do evento discursivo, assim como o texto. Essas duas dimensões são mediadas pela prática discursiva, que focaliza os processos sócio cognitivos de produção, distribuição e consumo do texto, processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares. A natureza da prática discursiva é variável entre os diferentes tipos de discurso, de acordo com fatores sociais envolvidos.

Nessa concepção, portanto, todo texto está envolvido por processos de produção, distribuição e consumo (práticas discursivas), que variam de acordo com fatores sociais – circunstâncias sociais e ideológicas do discurso (práticas sociais). Já a análise do texto materializado engloba vocabulário, gramática, coesão e estrutura. Apresento as categorias analíticas propostas no modelo tridimensional:

**Quadro 1: Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional**

<b>Texto</b>	<b>Prática discursiva</b>	<b>Prática social</b>
Vocabulário	Produção	Ideologia
Gramática	Distribuição	Sentidos
Coesão	Consumo	Pressuposições
Estrutura textual	Contexto	Metáforas
	Força	Hegemonia
	Coerência	Orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas
	Intertextualidade	

Fonte: Resende e Ramalho (2006)

Percebemos, assim, que a possibilidade de revelar ideologias e aspectos relacionados a poder, geralmente ocultos nos textos, demonstra probabilidade de luta contra hegemonias, tais como as que estão relacionadas às relações de gênero e ao feminismo. Para Fairclough ([1989]2001), a linguagem é prática social, espaço em que ocorrem lutas hegemônicas. Sendo assim, desvelar relações de poder e ideologia nos textos é uma tentativa de conscientizar a sociedade sobre aspectos de

desigualdade naturalizados e, assim, possibilitar um caminho de mudança social dessas relações.

Nos próximos subtópicos, apresentarei alguns conceitos essenciais para a compreensão da ACD e para sua utilização como método social e linguístico de análise de textos.

### **3.1 Reflexões sobre o conceito de discurso para a ACD**

O conceito de discurso é um dos aspectos importantes para a ACD, que o considera dotado de aspectos construtivos. Assim, o discurso contribui para construir: identidades sociais (função identitária), as formas por meio das quais as identidades são estabelecidas no discurso; as relações sociais (função relacional), como as relações sociais entre os participantes são representadas e negociadas; e o sistema de conhecimento e crença (função ideacional), o modo como os textos significam e representam o mundo (FAIRCLOUGH, 2001).

Desse modo, na ACD, discurso se refere ao uso da linguagem como uma “forma de prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90). Essa perspectiva implica considerar o discurso como um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação e de significação do mundo (FAIRCLOUGH, 2001). Nesse sentido, Resende e Ramalho (2006) apontam que há uma relação dialética entre discurso e sociedade, na qual o discurso tanto é moldado socialmente quanto é constitutivo da estrutura social, pois mantém “uma relação ativa com a realidade” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 66).

Contudo, o termo discurso “[...] apresenta uma ambiguidade: também pode ser usado em um sentido mais concreto, em referência a ‘discursos particulares’ - como, por exemplo, o discurso religioso, o discurso midiático, o discurso neoliberal” (RESENDE & RAMALHO, 2006, p. 28). Assim, nas palavras de Fairclough (2001a, p. 91):

[...] ao usar o termo ‘discurso’, proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. [...] Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação

entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira.

Outra característica importante da ACD é conceber o discurso como modo de ação historicamente situado. Isso significa considerar o recorte histórico no qual ocorre, as condições sociais em torno das manifestações discursivas. Ademais, Resende e Ramalho (2006, p. 25) afirmam que

[...] essa concepção implica considerar que, por um lado, estruturas organizam a produção discursiva nas sociedades e que, por outro, cada enunciado novo é uma ação individual sobre tais estruturas, que pode tanto contribuir para a continuidade quanto para a transformação de formas recorrentes de ação.

Desse modo, “as condições sociais determinam as propriedades do discurso” (FAIRCLOUGH, 2001[1989], p.16) e “[...] a prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92).

Essas afirmações do autor apontam para a relação intrínseca entre linguagem e sociedade e nos permitem refletir sobre a impossibilidade de realizar estudos de linguagem que não considerem os efeitos das estruturas sociais e das relações de poder. Ademais, ao afirmar que o caminho inverso também é possível – a linguagem como modificadora de estruturas sociais –, a ACD abre uma (possível) nova perspectiva de estudos sociológicos com base na linguagem. Para estudos que se relacionam à linguagem e opressões sociais, essa linha teórica demonstra-se, portanto, especialmente adequada.

No próximo subtópico, refletirei sobre a importância do conceito de ideologia para a ACD e suas relações com o discurso.

### **3.2 Reflexões sobre o conceito de ideologia para a ACD**

Para a ACD, todo discurso é repleto de ideologias cuja função é legitimar as relações de dominação na sociedade. Por isso, quando Fairclough afirma que a mudança social é possível também por meio da linguagem, o autor aponta para as possibilidades de, por meio de uma teoria crítica, trazer à tona aspectos ideológicos naturalizados no discurso. Assim, os grupos menos favorecidos – que são

frequentemente prejudicados socialmente – passam, possivelmente, a conscientizar-se dessas questões e a refletir sobre caminhos para a mudança. Desse modo, essa transformação social é possível dentro e fora das práticas discursivas. No livro *Language and Power*, Fairclough (2001 [1989], p.3, tradução nossa) aponta para essas questões ocultas no discurso:

[...] Dado meu foco em ideologia, isso significa ajudar as pessoas a perceberem o quanto a linguagem delas está baseada em pressupostos de senso comum, e o modo como esses pressupostos de senso-comum podem estar moldados por relações de poder.<sup>29</sup>

Notamos, portanto, que o conceito de ideologia é central para a ACD. Segundo Fairclough (2001, p.117),

[...] as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

A ideologia no discurso está atrelada ao senso comum. Sendo dotada de aspectos de poder que, no geral, não estão conscientes para a maioria da sociedade. Nesse sentido, Fairclough (2001[1989]) aponta para uma luta ideológica capaz de remoldar as práticas discursivas e as ideologias e relações de dominação nelas construídas (RESENDE & RAMALHO, 2006). Esses fatores corroboram sobre o porquê de reflexões com base na ACD demonstrarem-se muito eficazes para estudos linguísticos que envolvem poder e ideologia. Principalmente, ao considerar perspectivas de estudos sobre grupos, que foram (e ainda são), muitas vezes, marginalizados e sofrem algum tipo de opressão, tais como negros, homossexuais e mulheres.

Neste contexto, é necessário considerar que o poder não é inerente à linguagem, mas a linguagem adquire poder através do uso que os agentes detentores do poder fazem dela (WODAK, 2004). Assim, são muitas as possibilidades de analisar, na linguagem, manifestações de relações transparentes

---

<sup>29</sup> Given my focus on ideology, this means helping people to see the extent to which their language does rest upon common-sense assumptions, and the ways in which these common-sense assumptions can be ideologically shaped by relations of power (FAIRCLOUGH, 2001[1989], p.3, como no original).

ou ocultas de discriminação, poder e controle, e de investigar criticamente os modos por meio dos quais a desigualdade social é expressa, constituída e legitimada no/pelo discurso (WODAK, 2004 *apud* RESENDE & RAMALHO, 2006).

Dessa forma, empoderar pessoas, conscientizando-as das possibilidades de uso hegemônico da língua é dotá-las de poder para fazer um uso da linguagem que seja orientado no sentido da transformação social e da diminuição das desigualdades – e essa é uma das motivações deste trabalho. O conceito de hegemonia, segundo Fairclough (2001, p. 122), refere-se

[...] à liderança e à dominação exercida nos domínios cultural, ideológico, econômico e político de uma sociedade. A hegemonia constitui-se como um poder parcial e temporário de forças sociais dominantes, aliadas e integradas, sobre a sociedade como um todo, através de meios ideológicos para adquirir consentimento de classes subalternas.

Nesse sentido, Resende e Ramalho (2006, p. 44) afirmam que hegemonias são “[...] produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso”. O objetivo da ACD parte, portanto, de refletir se determinado discurso reproduz, remolda ou desafia as configurações hegemônicas existentes, uma vez que

[...] a ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos visível. Se alguém se torna consciente de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades de poder em detrimento de si próprio, aquele aspecto deixa de ser senso comum e pode perder a potencialidade de sustentar desigualdades de poder, isto é, de funcionar ideologicamente (FAIRCLOUGH, 2001 [1989], p. 85).

Percebemos, portanto, que ao considerar as contribuições teóricas da ACD, o discurso é prática social repleto de ideologias que são o mecanismo pelo qual ocorrem as lutas hegemônicas na sociedade. Neste trabalho, o objetivo que se coloca é, então, desvelar as ideologias naturalizadas no discurso do objeto analisado – o jornal O Globo –, refletindo de que modo as lutas pela hegemonia estão construídas nos aspectos que se relacionam ao feminismo.

No próximo tópico, discorrerei sobre os aspectos especificamente relacionados à Análise Tridimensional do Discurso dentro do contexto da ACD.

### 3.3 Procedimentos metodológicos para a análise dos dados

A análise dos dados será realizada com base no arcabouço teórico da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), usando como referência os trabalhos de Fairclough (2001 [1989],1992,1995). Conforme apontei anteriormente, a Análise Tridimensional do Discurso orienta a análise dos textos na ACD. A Análise tridimensional envolve três eixos: a prática linguística, a prática discursiva e a prática social. Assim, todo texto (prática linguística) está envolvido por processos de produção, distribuição e consumo (práticas discursivas), que variam de acordo com fatores sociais – circunstâncias sociais e ideológicas do discurso (práticas sociais).

Desse modo, o texto – ou etapa descritiva (prática linguística) – aciona pistas de interpretação no leitor que, através de seu “conhecimento de mundo”, interpreta os significados (prática discursiva) e os relaciona à sua vida social (prática social).

Nas próximas subseções explicarei detalhadamente cada um dos eixos da análise.

#### 3.3.1 A prática linguística

A “prática linguística” refere-se à dimensão do texto na ATD e também é denominada de etapa “descritiva”. As categorias de análise que devem ser observadas nos textos segundo Fairclough ([1989]2001) são: vocabulário, gramática, coesão e estrutura. Segundo o autor, “[...] uma análise profunda dos textos em termos de suas características pode contribuir para o nosso entendimento das relações de poder e dos processos ideológicos no discurso” (FAIRCLOUGH, [2001] 1989, p. 90). Assim, com a finalidade de desvendar as ideologias inscritas nos textos, Fairclough ([1989]2001) sugere que o analista siga algumas etapas de orientação para a análise. Contudo, o autor afirma que esse método deve ser usado como um guia e não como um modelo, já que em alguns casos nem todas as etapas serão relevantes para os objetivos do pesquisador (FAIRCLOUGH, [1989]2001).

Então, o estudioso propõe as etapas de análise usando como base quatro valores que, segundo ele, estão dispostos nas características formais dos textos, a saber: valor experiencial, valor relacional e valor expressivo, relacionados aos aspectos de vocabulário e gramática; e valor conectivo, relacionado aos aspectos de coesão textual. Dessa forma, o *valor experiencial* está relacionado aos

conhecimentos e às crenças dos produtores de textos, ao modo de representação da realidade social ou natural, conforme os produtores de textos as experimentam (BARROS, 2008). Já o *valor relacional* está relacionado

[...] ao modo como as relações sociais são acionadas nos textos. Tratando-se dos valores relacionais das palavras, importa atentar para o fato de que a escolha de uma palavra depende das relações sociais estabelecidas entre os sujeitos envolvidos no evento comunicativo, ou, ainda, que a escolha das palavras pode ajudar a criar relações sociais. Servem de exemplo os procedimentos de senso comum acionados no discurso via texto (BARROS, 2008, p. 203).

Dessa forma, o valor relacional, sobre o qual nos aponta Barros (2008), está ligado ao valor que as palavras assumem no discurso a partir das relações sociais estabelecidas entre os interlocutores. O *valor expressivo*, por sua vez, relaciona-se à avaliação que o sujeito faz da realidade referenciada. Está ligado, portanto, segundo Barros (2008, p. 203), “aos sujeitos e ao modo como as identidades sociais são representadas [...]. Tratando-se do valor expressivo das palavras cumpre atentar para a natureza negativa ou positiva da avaliação”.

Mediante esse cenário, no que tange à natureza do valor experiencial nos textos, verifica-se de que modo as representações da realidade estão codificadas no vocabulário e podem, assim, estar ligadas a aspectos ideológicos importantes. Para Fairclough ([1989]2001), os aspectos ideologicamente relevantes em um texto ora aparecem como os itens do vocabulário por si mesmos, ora como os modos como as palavras são colocadas. Também se apresentam por meio da transferência metafórica de uma palavra ou expressão originária de um domínio para uso em outro. Ademais, conforme aponta o autor, os textos podem estar inseridos em “esquemas de classificação” – “modos particulares de dividir algum aspecto da realidade que é construído sobre uma representação ideológica particular daquela realidade” (FAIRCLOUGH, [1989]2001, p.96, tradução nossa)<sup>30</sup>.

Nesse sentido, outro aspecto importante para a análise crítica dos textos, segundo Fairclough ([1989]2001), é ponderar sobre as relações de significado entre

---

<sup>30</sup> [...] the classification scheme constitutes a particular way of dividing up some aspect of reality which is built upon a particular ideological representation of that reality (FAIRCLOUGH, [1989]2001, p.96, como no original)<sup>30</sup>.

as palavras – sinônimos, antônimos e hipônimos<sup>31</sup>. Para o autor, “[...] relações de significado entre sinônimos podem frequentemente ser consideradas como referentes a ideologias particulares” (FAIRCLOUGH, [1989]2001, p. 96, tradução nossa).<sup>32</sup>

Assim, no que se refere à categoria **vocabulário**, Fairclough ([1989]2001) considera importante verificar como as ideologias podem estar relacionadas à escolha das palavras e, assim, analisar se elas remetem a esquemas de classificação pré-estabelecidos, além de ponderar sobre relações de significado – sinônimos, hipônimos e antônimos (valor experiencial). Além disso, examinar a presença de eufemismos e de palavras marcadamente formais e informais (valor relacional). Por último, ponderar sobre os elementos metafóricos que aparecem no texto (valor expressivo).

No que tange à categoria **gramática**, Fairclough ([1989]2001, p. 100, tradução nossa)<sup>33</sup>, aponta que o valor experiencial

[...] está relacionado aos modos em que as formas gramaticais da linguagem codificam acontecimentos ou relacionamentos no mundo, as pessoas, animais ou coisas, envolvidas nesses acontecimentos ou relacionamentos, e suas circunstâncias espaciais e temporais, seu modo de ocorrência.

Assim, o objetivo é ponderar sobre os tipos de processos nos quais as representações são realizadas, se como ações, eventos ou atribuições. As ações são geralmente apresentadas por meio da ordenação sintática SVO (sujeito, verbo, objeto); os eventos, como SV (sujeito, verbo); e as atribuições, como SVC (sujeito, verbo, complemento). Conforme aponta Barros (2008), trata-se de averiguar que tipos de processos e participantes particulares estão beneficiados no texto e que escolhas de voz são realizadas (ativa ou passiva). Além disso, busca-se refletir

---

<sup>31</sup> “Sinônimos são palavras que, embora diversas na forma, são semelhantes no sentido; antônimos são vocábulos que além de diversos na forma, são opostos quanto ao significado; hipônimos são palavras de sentido específico, ou seja, palavras cujos significados são hierarquicamente mais específicos do que de outras”. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/portugues/sinonimas-antonimas-hononimas-paronimas.htm>> e <<http://brasilecola.uol.com.br/gramatica/hiponimos-hiperonimos.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

<sup>32</sup> [...] meaning relations like synonymy can often be regarded as relative to particular ideologies (FAIRCLOUGH, [1989]2001, p. 96, como no original)<sup>32</sup>.

<sup>33</sup> The experiential aspects of grammar have to do with the ways with the grammatical forms of a Language code happenings or relationships in the world, the people or animals or things involved in those happenings or relationships, and their spatial and temporal circumstances, manner of occurrence (FAIRCLOUGH, [1989]2001, p.100, como no original)<sup>33</sup>.

sobre o quão significativa é a nominalização<sup>34</sup> desses processos, bem como os efeitos causados no texto em função da escolha dos tipos de processo. Para Fairclough ([1989] 2001, p.102, tradução nossa), “[...] as escolhas entre destacar ou deixar o agente em segundo plano podem ser coerentes ou automáticas e relacionadas ao senso comum e, portanto, ideológicas”.<sup>35</sup>

O valor relacional da gramática refere-se aos modos de sentença (declarativa, interrogativa e imperativa), à modalidade e aos pronomes. Desse modo, no que tange à modalidade, Fairclough ([1989]2001) aponta que ela pode expressar relações de autoridade, permissão e obrigação. Com relação à autoridade, o estudioso distingue dois tipos: “modalidade relacional” e “modalidade expressiva”. A primeira está ligada à autoridade de um participante do discurso em relação a outro participante. Já a segunda relaciona-se à autoridade do falante/escritor ao avaliar uma verdade (e está relacionada ao valor expressivo). O autor afirma, ainda, que a modalidade pode ser expressa por meio de verbos auxiliares, tais como “poder” e “dever”, mas também através de outras expressões linguísticas.

Nesse ponto, é importante considerar que em textos nos quais existe autoridade para “dizer” algo em nome de um grupo de pessoas – como os textos da mídia, por exemplo –, a modalização da linguagem pode ser utilizada para influenciar pensamentos e comportamentos de modos que leitores não percebiam claramente tal influência.

Já a importância dos pronomes para a análise dos textos refere-se a aspectos de poder e solidariedade. O pronome “nós”, utilizado em contextos de comunicação de massa, por exemplo, relaciona-se ao poder das mídias em falar por outros e demonstra uma identificação do produtor/escritor com o leitor/consumidor. Já o pronome “você”, segundo Fairclough ([2001] 1989), é extensivamente usado como pronome indefinido e, muitas vezes implica uma relação de solidariedade.

Em suma, no que se relaciona a categoria **gramatical**, Fairclough ([1989] 2001) considera importante verificar os tipos predominantes de processos e de participantes, de que modo o agente aparece no texto, se são utilizadas nominalizações, se as sentenças estão dispostas de modo passivo ou ativo e se são positivas ou negativas (valor experiencial). Ademais, é relevante ponderar sobre

<sup>34</sup> Considerando “nominalização”, conforme Fairclough ([1989]2001), como o processo de converter em nome.

<sup>35</sup> “Such choices to highlight or background agency may be consistent, automatic and commonsensical, and therefore ideological” (FAIRCLOUGH, [1989] 2001, p. 102, como no original).

características de modalidade relacional e o modo como os pronomes “nós” e “você” aparecem nos textos – se aparecem (valor relacional). Por último, é importante refletir sobre as particularidades da modalidade expressiva (valor expressivo).

Na categoria **coesão**, segundo o autor, importa conferir associações entre sentenças realizadas por meio de vocabulário, repetições de palavras ou uso de palavras relacionadas (FAIRCLOUGH, [1989]2001). Além disso, a coesão envolve o uso de conectores, como marcadores temporais, espaciais e lógicos. Nesse sentido, os aspectos coesivos do texto podem expressar relações de causa e consequência e, assim, revelarem questões ligadas ao senso comum e ideologias. Essa categoria está relacionada ao valor conectivo presente nos aspectos formais dos textos.

Por último, é relevante verificar a **estrutura** dos textos que, segundo Fairclough ([1989]2001, p.115), “[...] pode impor altos níveis de rotina na prática social de modo que ideologicamente define e encerra agendas”. Esse aspecto dos textos será analisado, neste trabalho, mediante o conceito de “gêneros textuais” no qual a funcionalidade dos textos está atrelada à estrutura formal.

Na próxima subseção, ponderarei sobre as questões relativas à análise da prática discursiva (etapa interpretativa).

### 3.3.2 A prática discursiva

Conforme já mencionado neste trabalho, uma das dimensões do discurso, segundo a ACD, refere-se à prática discursiva. Segundo Barros (2008, p. 200), essa é “[...] a dimensão do uso da linguagem que envolve processos de produção, distribuição e consumo dos textos”. A análise dessa dimensão relaciona-se ao estágio da **interpretação, i.e.**, ao relacionamento entre o texto e a interação, que “enquanto estágio de análise, consagra lugar de destaque ao pesquisador ou analista” (BARROS, 2008, p. 205).

Nessa fase de análise, pretendo focalizar a prática discursiva – o nível interpretativo –, ao considerar algumas escolhas realizadas pelos autores na escrita dos textos que serão analisados, bem como referenciar dados sobre os autores (quando essas informações estiverem disponíveis nos textos) e sobre aspectos relativos ao consumo do jornal O Globo.

Ao refletir sobre os consumidores do jornal O Globo, farei distinções sobre as particularidades de acesso a essa mídia impressa em cada época. Contudo, de um

modo geral, enquanto comunicação de massa, é possível ponderar que a realização do jornal é pensada mediante um público desconhecido e, portanto, ideal. Além disso, existem diferenças no modo de consumir o jornal antes e depois da internet - conforme refletirei posteriormente.

Ademais, as reflexões por mim realizadas também estarão correspondendo ao aspecto de consumo dos textos. Nesse sentido, a reflexividade que buscarei inserir nas análises, de modo a ponderar sobre o meu lugar enquanto pesquisadora/analista das interpretações realizadas, vai ao encontro do que afirma Fairclough ([1989]2001), quando considera que o analista reflete sobre seu próprio processo de interpretação para, assim, tentar compreender de que modo o leitor/consumidor realiza o dele.

Assim, nesta etapa de análise, verificarei aspectos relacionados à compreensão de inferências nos textos, pressuposições, intertextualidade, bem como a realidade social<sup>36</sup> em que os textos estão envolvidos, de modo que buscarei refletir sobre como o contexto situacional afeta a interpretação do texto.

No que tange às inferências, buscarei refletir sobre possíveis compreensões sobre informações que não estão efetivamente expostas nos textos e que são construídas através da interação do leitor com o texto. Para Shiro (1994, p. 169, tradução nossa), inferência relaciona-se ao “processo no qual um pressuposto é aceito como verdade ou provavelmente verdade, baseada na força de verdade ou provável verdade de outras suposições”.<sup>37</sup> As pressuposições, de modo parecido, estão relacionadas a compreender alguma coisa que não foi dita (CASTILHO, 2010).

A intertextualidade, por sua vez, é a combinação da voz de quem pronuncia um enunciado com outras vozes que lhe são articuladas (RESENDE e RAMALHO, 2006). Nesse sentido, ao conceituar a intertextualidade, Fairclough (2003a, p. 39) adota uma visão ampla e afirma que se trata da “presença de elementos atualizados de outro texto em um texto - as citações”.

Desse modo, para relatar um discurso, pode-se citar em discurso direto ou parafrasear, resumir e ecoar em discurso indireto. O discurso relatado atribui o dito a seu autor, mas a incorporação de elementos de outros textos também pode, então, ser realizada sem atribuição explícita como, por exemplo, na paráfrase. Assim, a

---

<sup>36</sup> Por meio da expressão “realidade social” estou me referindo a aspectos políticos e sociais que considero importantes para a análise de cada texto.

<sup>37</sup> “The process by which an assumption is accepted as true on the strength of the truth or probably truth of other assumptions” (SHIRO, 1994, p. 169, como no original).

intertextualidade cobre uma gama diversa de possibilidades (RESENDE & RAMALHO, 2006), e pode revelar relações de sentido através de associações com outros discursos. Refletir sobre as intertextualidades presentes nos textos demonstra-se, portanto, importante para revelar possíveis significados ocultos.

Na próxima subseção, ponderarei sobre as questões relativas a análise da prática social (etapa explicativa).

### 3.3.3 A prática social

A prática social é, segundo Fairclough ([1989]2001), a etapa explicativa da análise crítica de textos. Esse estágio busca refletir sobre até que ponto o discurso é moldado pelas estruturas sociais (BARROS, 2008, p. 208). Assim,

[...] o objetivo da fase de explicação é representar o discurso como parte de um processo social, como uma prática social, mostrando como efeitos reprodutivos dos discursos podem cumulativamente ter sobre as estruturas, de modo a sustenta-las ou mudá-las (FAIRCLOUGH, [1989]2001, p. 135, tradução nossa).<sup>38</sup>

Desse modo, o objetivo de analisar esta dimensão do discurso é ponderar sobre as lutas e relações de poder, as ideologias e os efeitos desses aspectos nas estruturas sociais. Por outro lado, a intenção é demonstrar também que as relações de poder determinam discursos.

O cenário de prática social que está relacionado ao tema deste trabalho já foi discutido, em parte, em capítulos anteriores, quando refleti sobre aspectos de feminismo e sobre a influência da comunicação de massa na sociedade. Conforme notamos, o feminismo surgiu como um movimento que busca a igualdade de direitos entre homens e mulheres em vários aspectos e, apesar de a configuração do movimento ter se alterado ao longo do tempo, os temas centrais das lutas – para além das divergências internas – parecem continuar os mesmos e é pauta contínua de inúmeros meios de comunicação atuais.

Nesse cenário, é importante salientar que existem diferenças entre os contextos iniciais do feminismo e as manifestações atuais pela emancipação

---

<sup>38</sup> The objective of the stage of explanation is to portray a discourse as part of a social practice, as a social practice, showing how it is determined by social structures, and what reproductive effects discourses can cumulatively have on those structures, sustaining them or changing them (FAIRCLOUGH, [1989]2001, p. 135, como no original).

feminina. Na atual fase de globalização (KUMARAVADIVELU, 2006), a dinamicidade dos meios de comunicação, principalmente a internet, proporciona troca de ideias com maior velocidade e intensidade se comparadas ao início das ideias feministas no Brasil. Isso afetou o modo como as relações sociais são configuradas, proporcionando a muitas pessoas – homens e mulheres – maior possibilidade de reflexão sobre temas relacionados ao feminismo. Para Resende e Ramalho (2006, p. 31),

[...] a reflexividade da vida social moderna refere-se à revisão intensa, por parte dos atores sociais, da maioria dos aspectos da atividade social, à luz de novos conhecimentos [...]. Uma boa parte desse conhecimento é veiculada na mídia, e uma das características da mídia (THOMPSON, 1998), é a disponibilidade das formas simbólicas no tempo e no espaço. Thompson (1998, p. 45) esclarece também que "ao interpretar as formas simbólicas, os indivíduos as incorporam na própria compreensão que têm de si mesmos e dos outros, as usam como veículos para reflexão e auto-reflexão".

Contudo, apesar de a distribuição dos produtos da mídia ser globalizada atualmente, a apropriação desses materiais simbólicos é localizada, ou seja, ocorre em contextos específicos e por indivíduos especificamente localizados em contextos sócio-históricos (RESENDE & RAMALHO, 2006).

Assim, na reflexão sobre os dados deste trabalho, não pretendo considerar um possível público do jornal O Globo de modo a homogeneizá-lo, pois compreendo o papel ativo e local dos leitores na construção dos sentidos de um texto. Contudo, mediante o que já foi discutido sobre questões da pesquisa qualitativa e sobre o meu papel enquanto pesquisadora neste trabalho, ao analisar os dados, ponderarei sobre questões que envolvem possivelmente leitores que estejam em um lugar social parecido com o meu. Portanto, refletirei sobre possíveis interpretações de pessoas com atual acesso à internet banda larga, que frequentemente permeiam as redes sociais em busca de entretenimento e informação, mas que são leitores frequentes ou ocasionais de jornal impresso.

Para isso, a busca pela compreensão dos dados será realizada, nesta etapa, através da reflexão sobre as ideologias presentes nos textos, os sentidos e pressuposições, as metáforas, as relações de hegemonia e as orientações econômicas, políticas, culturais e ideológicas.

É importante salientar que as reflexões sobre os textos serão realizadas de maneira a conjugar as três dimensões da proposta da análise crítica do discurso de Fairclough, de modo dinâmico, uma vez que as etapas são interdependentes. Desse modo, buscarei ponderar sobre as representações realizadas pelos textos do jornal sobre o feminismo e as lutas pelos direitos da mulher em cada recorte temporal selecionado.

Na próxima subseção, apresentarei os aspectos metodológicos que serão utilizados para as reflexões acerca dos dados deste trabalho.

## 4 METODOLOGIA

Pesquisar é produzir sentidos sobre a visão de mundo.  
(HILÁRIO I. BOHN, 2005, p.11)

O objetivo deste capítulo é detalhar as etapas metodológicas para a análise / discussão dos dados que será apresentada no próximo capítulo.

Para isso, no primeiro subtópico, discutirei aspectos relacionados à perspectiva qualitativa de análise de dados. No segundo, discorrerei sobre o método “análise documental” que será utilizado neste trabalho. Já no terceiro subtópico, ponderarei sobre alguns caminhos da pesquisa. No quarto, por sua vez, apresentarei algumas características do texto jornalístico. No quinto subtópico, delinearei as especificidades do objeto de análise – o jornal O Globo, e no sexto e último subtópico deste capítulo, refletirei sobre a seleção dos dados.

Ademais, a finalidade deste capítulo é também demonstrar os caminhos de reflexão que levaram à análise dos dados. Assim, a escrita desta seção será inspirada em Motta-Roth (2005), e será realizada não apenas como uma descrição de como os dados serão analisados, eliminando qualquer comentário problematizador ou deixando-o apenas para as considerações finais, mas como uma forma de propiciar também uma educação linguística para alunos e pesquisadores, esclarecendo as opções feitas, os passos dados e algumas rotas abandonadas.

### 4.1 A Pesquisa Qualitativa

A perspectiva qualitativa de pesquisa procura refletir sobre o objeto de análise de modo a considerar o olhar do pesquisador sobre os dados. A subjetividade de quem analisa o corpus é, assim, parte da pesquisa e não pode ser eliminada através de uma suposta objetividade total e captura da realidade. Pelo contrário, o olhar qualitativo para eventos do mundo considera que apenas parte da realidade pode ser apreendida e isso acontecerá de maneira parcial e influenciada por aspectos de crenças, ideais, ideologias e, principalmente, do lugar do sujeito pesquisador na historicidade.

O viés qualitativo considera, portanto, que a busca pela neutralidade e imparcialidade ao discutir sobre os dados é talvez inalcançável, e isso se acentua se

o objeto em reflexão se trata da linguagem que, conforme sabemos, está intrinsicamente associada ao meio social ao qual o sujeito está inserido. Segundo Bicudo (2006, p. 106), “a linguagem é sempre expressão e comunicação do percebido, compreendido, articulado por sujeitos historicamente situados”.

Desse modo, enquanto pesquisadores, estamos “cercados pelas condições sociais que dialeticamente nos determinam e que são determinadas por nós” (IVANIC, 1998 *apud* MOTTA-ROTH, 2005) e isso influencia continuamente as várias etapas da pesquisa, desde a seleção dos dados, a metodologia até as discussões finais. Nesse sentido,

[...] toda pesquisa é interpretativa, guiada por um conjunto de crenças e sentimentos sobre o mundo e como ele deveria ser compreendido e estudado. Algumas dessas crenças podem ser tomadas como garantidas, aceitáveis; outras são altamente problemáticas e controversas. Contudo, cada paradigma interpretativo faz demandas particulares ao pesquisador, incluindo as questões que são feitas e as interpretações que são dadas (DENZIN e LINCOLN, 1994, p. 13, tradução nossa).<sup>39</sup>

Sendo assim, considerando os vários fatores que influenciam na sua realização, a pesquisa qualitativa não objetiva ser um estudo de caráter universal, nem mesmo busca encontrar respostas gerais para hipóteses pré-estabelecidas. Mas, procura usar métodos que busquem interpretar os acontecimentos, uma vez que “tudo que se pode saber do mundo, mesmo que se saiba pela ciência é sabido a partir de uma visão própria ou de uma experiência do mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.3). É, assim, um trabalho com perspectiva local sobre uma realidade, construída através do olhar do pesquisador embasado em uma teoria (ou teorias) que o guiam. A intenção é, então, um estudo mais aprofundado do tema no qual o sujeito pesquisador

[...] não procura enumerar e/ ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada [...] (GODOY, 1995, p.58).

---

<sup>39</sup> “All research is interpretative, guided by a set of beliefs and feelings about the world and how it should be understood and studied. Some of these beliefs may be taken for granted, only assumed; others are highly problematic and controversial. However, each interpretive paradigm makes particular demands on the researcher, including the questions that are asked and the interpretations that are brought to them (DENZIN & LINCOLN, 1994, p. 13, como no original).

Notamos, então, que a pesquisa qualitativa é uma perspectiva de investigação que parece adequada às ciências humanas, uma vez que, conforme aponta Anastácio (2006), adota a concepção de realidade como algo em construção, percebida pelos diversos atores ali envolvidos. Assim, diferentemente de uma análise positivista, o objetivo não é uma busca por generalidade ou por alguma verdade – que não pode ser totalmente apreendida – mas sim o desenvolvimento de compreensões sobre o tema pesquisado.

Nesse contexto, a obra *Handbook of Qualitative Research*, de Denzin e Lincoln (1994), auxilia-nos na reflexão sobre a pesquisa qualitativa. Os autores consideram que o pesquisador qualitativo “[...] estuda as coisas em seu ambiente natural, em uma tentativa de conferir sentido ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas atribuem a eles” (DENZIN E LINCOLN, 1994, p. 2, tradução nossa)<sup>40</sup>. Percebemos, portanto, que nesse modo de refletir sobre os dados de uma pesquisa, o sujeito pesquisador não está separado do seu objeto de análise, mas integrado a ele, já que “[...] a pesquisa é um processo de interação moldado pela história pessoal, biografia, gênero, classe social, raça e etnicidade do pesquisador e das outras pessoas no cenário da pesquisa” (DENZIN E LINCOLN, 1994, p. 3, tradução nossa)<sup>41</sup>.

Para Nelson *et al.* (1992, p. 4 *apud* DENZIN & LINCOLN (1994, p. 3, tradução nossa)<sup>42</sup>, uma tentativa de definição da pesquisa qualitativa é considerá-la como

[...] um campo interdisciplinar, transdisciplinar e às vezes contradisciplinar. Ela perpassa as humanidades e as ciências físicas e sociais. Pesquisa qualitativa é muitas coisas ao mesmo tempo. Apresenta enfoque multiparadigmático. Os praticantes [dessa abordagem] são sensíveis ao valor de uma abordagem multimodal. São comprometidos com a perspectiva naturalista e o entendimento interpretativo da experiência humana. Ao mesmo tempo, o campo é

<sup>40</sup> “Qualitative researchers study things in their natural settings, attempting to make sense of, or interpret, phenomena in terms of meanings people bring to them” (DENZIN E LINCOLN, 1994, p. 2. Como no original).

<sup>41</sup> “[...] research is an interactive process shaped by his or her personal history, biography, gender, social class, race, and ethnicity, and those of the people in the setting” (DENZIN e LINCOLN, 1994, p. 3. Como no original).

<sup>42</sup> “Qualitative Research is an interdisciplinary, transdisciplinary, and sometimes counterdisciplinary field. It crosscuts the humanities and the social and physical sciences. Qualitative research is many things at the same time. It is multiparadigmatic in focus. Its practitioners are sensitive to the value of the multimethod approach. They are committed to the naturalistic perspective, and to the interpretive understanding of human experience. At the same time, the field is inherently political and shaped by multiple ethical and political positions” (NELSON *et al.*, 1992, p. 4 *apud* DENZIN e LINCOLN, 1994, p. 3, como no original).

inerentemente político e moldado por múltiplas posições éticas e políticas.

Desse modo, na pesquisa qualitativa, o que definirá o método de análise de dados é o objeto de estudo. Uma perspectiva interdisciplinar demonstra-se adequada mediante um objeto complexo como a linguagem. Assim, conforme demonstrado no primeiro capítulo deste trabalho, uma perspectiva sociológica de acontecimentos históricos é importante para as análises linguísticas e sociais que serão discutidas no próximo capítulo.

Como pesquisadora qualitativa, busco, com esta pesquisa, caminhos de compreensões de questões que evidenciam como a experiência social é criada e a ela é atribuído sentido (DENZIN & LINCOLN, 1994) na mídia impressa, uma vez que procuro compreender de que modo as pautas feministas foram divulgadas e que sentido foi atribuído a elas no jornal O Globo dentro de um recorte temporal, o método de “análise documental” apresenta-se apropriado para embasar as reflexões.

No próximo subtópico, discorrerei, portanto, sobre o método de análise que foi selecionado nesta pesquisa qualitativa, a “análise documental”.

## **4.2 A Análise documental**

O método<sup>43</sup> conhecido como “análise de documentos” está relacionado à investigação científica de diversos tipos de materiais. É um procedimento no qual se utiliza técnicas para apreensão, compreensão e análise de documentos (SÁ-SILVA, ALMEIDA e GUINDANI, 2009). Para Godoy (1995), os documentos podem ser analisados como uma fonte natural de informação, uma vez que, por serem produzidos em um determinado cenário histórico, econômico e social, retratam e fornecem dados sobre esse cenário. A autora aponta que

[...] a palavra “documentos”, neste caso, deve ser entendida de uma forma ampla, incluindo os materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas,

---

<sup>43</sup> Segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p.3), “ao tentarem nomear o uso de documentos na investigação científica os pesquisadores pronunciam palavras como pesquisa, método, técnica e análise. Então teríamos as seguintes denominações: pesquisa documental, método documental, técnica documental e análise documental”. Nesta pesquisa, considero os termos sinônimos e opto pela palavra “método”.

memorandos, relatórios), as estatísticas (que produzem um registro ordenado e regular de vários aspectos da vida de determinada sociedade) e os elementos iconográficos (como, por exemplo, sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes) (GODOY, 1995, p. 21-22).

Já para Phillips (1974, p. 187 *apud* SÁ-SILVA, ALMEIDA & GUINDANI, 2009, p.6), documentos são “[...] quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano”.

Assim, no contexto da pesquisa qualitativa que, conforme notamos, objetiva realizar um recorte local de uma realidade, analisar documentos permite, possivelmente, conhecer pensamentos, sistemas de crença, ideologias e intenções de uma época anterior, tanto quanto discutir questões atuais na sociedade. Em outras palavras, podemos, desse modo, realizar reflexões, e buscar caminhos de compreensão sobre valores e conceitos presentes na sociedade. Conforme apontam Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 2),

[...] o uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

Dessa forma, a pesquisa qualitativa por meio da análise de documentos demonstra-se produtiva e possibilita o estudo de um tema através de uma tentativa de compreensão do momento social em que foi produzido. Para Hodder (1994), no texto escrito, a distância entre o autor e o leitor - nesse caso, o pesquisador - “aumenta a possibilidade de múltiplas interpretações em diferentes contextos. O texto pode ‘dizer’ muitas coisas em diferentes contextos” (HODDER, 1994, p. 394).

Assim,

[...] é primordial em todas as etapas de uma análise documental que se avalie o contexto histórico no qual foi produzido o documento, o universo sócio-político do autor e daqueles a que foi destinado, seja qual tenha sido a época em que o texto foi escrito. [...]. Tal conhecimento possibilita apreender os esquemas conceituais dos autores, seus argumentos, refutações, reações e, ainda, identificar as pessoas, grupos sociais, locais, fatos aos quais se faz alusão, etc. (SÁ-SILVA, ALMEIDA & GUINDANI, 2009, p. 9).

Para essa modalidade de análise, o pesquisador busca materiais que ainda não receberam tratamento científico, denominados de “fontes primárias”. Conforme afirma Oliveira (2007 *apud* SÁ-SILVA, ALMEIDA & GUINDANI, 2009, p. 6),

[...] as fontes primárias são dados originais, a partir dos quais se tem uma relação direta com os fatos a serem analisados, ou seja, é o pesquisador (a) que analisa. Por fontes secundárias compreende-se a pesquisa de dados de *segunda mão*, ou seja, informações que foram trabalhadas por outros estudiosos e, por isso, já são de domínio científico, o chamado estado da arte do conhecimento.

Nesse sentido, as características do objeto de estudo são as que diferenciam a “análise documental” da “pesquisa bibliográfica”. Essa última objetiva a análise de documentos que já receberam tratamento científico, tais como artigos, monografias e teses. Assim, uma vez que o *corpus* de estudo deste trabalho serão textos jornalísticos do O Globo, esta pesquisa é uma “análise documental”.

No próximo subtópico, discorrerei sobre alguns caminhos da pesquisa.

### **4.3 Caminhos da pesquisa**

Enquanto mulher, pesquisadora, estudante de pós-graduação, vivendo no século XXI, na globalização atual (KUMARAVADIVELU, 2006), estou profundamente inserida em uma sociedade que apresenta grande velocidade e quantidade de informação. Nesse cenário, tenho acesso diariamente, através dos meios de comunicação de massa e principalmente da internet, a inúmeros debates, reflexões, informações sobre assuntos variados.

Contudo, um tema que tem sido muito recorrente em vários meios – e que me motiva pessoalmente – é o feminismo que abrange as pautas ligadas à opressão das mulheres e as lutas (ainda atuais) pela conquista de direitos iguais. Essas questões estão intrinsecamente relacionadas a uma perspectiva contestadora da antiga afirmação de que a mulher teria um papel social biologicamente determinado, apesar de o conjunto de ideias que circundam essa afirmação parecerem estar ainda integrados culturalmente à sociedade atual.

Neste contexto, ao viver em uma época profundamente marcada por reflexões sociais sobre antigos tabus e por considerar os estudos em linguagem não-dissociados dos aspectos sociais, surgiu o interesse em refletir sobre as questões que envolvem mulher, linguagem e sociedade. Para isso, inicialmente busquei leituras que me informassem acerca das questões históricas que envolveram os momentos iniciais da luta feminista e de que modo essas questões

evoluíram para as discussões que são realizadas atualmente na sociedade. Assim, elaborei o pequeno panorama sobre o tema no primeiro capítulo deste trabalho.

No que se relaciona à seleção de dados, inicialmente a intenção foi buscar textos relacionados ao tema no *facebook* ou em algum meio de comunicação de massa, considerando o modo como esses meios possuem um duplo papel, ao mesmo tempo, influenciam e refletem continuamente a sociedade. Porém, a seleção de dados no *facebook* foi abandonada mediante a dificuldade de estabelecer critérios de seleção nessa rede social.

Posteriormente, considerei também a análise de capas de revistas, que não foi realizada devido à extensa bibliografia sobre análise de imagens – que são essenciais na construção do significado nesse meio – que deveria ser lida e compreendida em um período relativamente curto para finalização da dissertação de Mestrado. Além disso, outro ponto desfavorável foi o acesso aos dados – capas de revistas -, que se tornou complicado de ser realizado de modo satisfatório.

Sendo assim, optei por discutir questões relacionadas à análise de textos jornalísticos impressos pois, mesmo com o grande advento da internet, os jornais impressos ainda contam com grande tiragem e influenciam diariamente a sociedade. Ademais, pois “pode-se analisar uma sociedade pelos discursos que produz, pois o que emerge na materialidade do texto origina-se de sujeitos posicionados em um tempo e um lugar condicionados social e historicamente” (BENETTI, 2008, p. 16).

No próximo subtópico, discorrerei sobre as características do texto jornalístico.

#### **4.4 O Texto jornalístico**

A análise de um documento deve levar em consideração a natureza do texto e as condições de sua produção. Nesta pesquisa, mediante as características já citadas no subtópico anterior, considero o texto jornalístico como documento. Para Bonini (2011, p. 53),

[...] o estudo dos gêneros jornalísticos (bem como dos demais gêneros que compõem o conjunto mais amplo das manifestações da comunicação de massa) apresenta uma grande relevância social. As pesquisas desse tipo trazem subsídios não só para formação e atuação profissional (de jornalistas e professores de língua, por exemplo) como também para a educação e a formação do cidadão

crítico e habilidoso no manejo de tais manifestações, já que toda a sociedade é afetada por elas.

Assim, no que se relaciona a essa modalidade de texto, é importante ponderar que se trata de uma mídia de comunicação de massa<sup>44</sup>, ou seja, de um meio de comunicação de grande circulação no país e possui o objetivo geral de informar à população sobre os principais acontecimentos do cotidiano. Essa seleção de acontecimentos ocorrerá segundo as intenções dos sujeitos responsáveis pela produção do jornal e será profundamente marcada por um recorte histórico. No entanto, uma vez que o jornal atua como suporte<sup>45</sup> para vários gêneros textuais, os objetivos específicos de cada gênero podem sofrer variação. Isso será melhor detalhado e analisado no capítulo de análise de dados.

Como aponta Marcuschi (2005), os textos do jornal impresso estão inseridos no *domínio discursivo* jornalístico, de modo que

[...] usamos a expressão domínio discursivo para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas (MARCUSCHI, 2005, pp.23-24).

Assim, no contexto do discurso jornalístico estão dispostos vários gêneros textuais, tais como notícia, entrevista, crônica, entre outros. Nesse sentido, Marcuschi afirma que (2005, p. 22-23), “os gêneros textuais são textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo, e composição característica”.

Sendo assim, são textos que possuem funções comunicativas pré-estabelecidas e que circulam pela sociedade. “São fenômenos históricos,

<sup>44</sup> McQuail (2003, p. 4) conceitua os meios de comunicação de massa do seguinte modo: “operam em grande escala, atingindo e envolvendo virtualmente quase todos os membros de uma sociedade em maior ou menor grau. Refere-se aos meios de comunicação social familiares e há muito estabelecidos, como jornais, revistas, filmes, rádio, televisão e música gravada. Tem uma fronteira mal definida com novas espécies de mídia que diferem sobretudo por serem mais individuais, diversificados e interativos, dos quais a Internet é o melhor exemplo”.

<sup>45</sup> Sobre o conceito de “suporte”, Bonini (2011, p. 57) considera que “o suporte é uma espécie de elemento em que o gênero se fixa e que está encarregado de pôr esse gênero em circulação”.

profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia” (MARCUSCHI, 2005, p. 19). Essas definições vão ao encontro de Swales (1990, p. 58 *apud* BONINI, 2011, pp. 54-55), quando afirma que gênero é “uma classe de eventos comunicativos”, um modo de agir em um ambiente social específico, podendo atuar como elemento de manutenção ou inovação de práticas discursivas (BONINI, 2011).

Para além da breve exposição sobre as características do discurso jornalístico realizada neste tópico, não faz parte dos objetivos deste trabalho um estudo aprofundado das particularidades desse domínio discursivo. Especificidades que surgirem ao analisar os dados serão tratadas localmente para cada contexto em reflexão. Procuo, por meio desta pesquisa, “contribuir para o entendimento de como o jornal se configura como um mecanismo social de linguagem” (BONINI, 2011, p. 65).

Assim, ao ponderar sobre as características dos gêneros textuais, notamos o quanto estão atrelados às manifestações discursivas e às práticas sociais. Desse modo, realizar pesquisas que analisem o discurso do jornal é um modo de refletir sobre conceitos e práticas atreladas à vida social, considerando o papel da linguagem em meio à vida em sociedade.

No próximo subtópico, apresentarei as especificidades do objeto de estudo desta pesquisa, o Jornal O Globo.

#### **4.5 O Objeto de análise: o jornal O Globo**

O jornal o Globo foi selecionado, inicialmente, por ser um jornal de grande tiragem e importância para o país. Segundo a *Associação Nacional de Jornais*, a média de circulação do jornal impresso no ano de 2015 foi de 193.079 exemplares<sup>46</sup> – ficando em segundo lugar na média daquele ano. Ademais, no site do O Globo há um acervo que permite a busca de textos antigos do jornal.

O periódico foi fundado em 1925 por Irineu Marinho e, posteriormente, as empresas jornalísticas das Organizações Globo (Grupo Globo, a partir de 25 de agosto de 2014) foram comandadas por quase oito décadas por Roberto Marinho<sup>47</sup>.

<sup>46</sup> Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

<sup>47</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/principios-editoriais/>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

O site sobre a obra do Roberto Marinho nos informa sobre a história do jornal e afirma que

[...] O Globo foi fundado em 1925, numa época de turbulência no cenário político. Integrantes da Coluna Prestes cruzavam o Brasil com denúncias contra o governo de Arthur Bernardes. O jornalista Irineu Marinho também passava por um período conturbado. Na volta de um tratamento de saúde, na Europa, o jornalista perdeu a direção de A Noite. Mesmo traído pelo sócio, levantou a cabeça, reuniu aliados e criou o novo jornal. Nascido da adversidade, O Globo se consolidou pelas mãos de um jovem. O filho de Irineu, Roberto Marinho. Com a habilidade e a vocação do pai, o jornalista trabalhou com afinco junto aos companheiros de redação e, em pouco tempo, tornou-se o diretor-redator-chefe do periódico. O Globo virou sua paixão. Rigoroso, com faro para a notícia, atento aos detalhes, Roberto Marinho acompanhou, passo a passo, a produção do impresso: da apuração dos fatos à repercussão nas bancas. O Globo tornou-se um diário influente, com uma das maiores tiragens do país.

É importante ponderar que, segundo os princípios editoriais do site do jornal<sup>48</sup>, o conceito de jornalismo que direciona a prática do veículo é considerá-lo como

[...] aquela atividade que permite um primeiro conhecimento de todos os fenômenos, os complexos e os simples, com um grau aceitável de fidedignidade e correção, levando-se em conta o momento e as circunstâncias em que ocorrem. É, portanto, uma forma de apreensão da realidade.

Conforme notamos, o jornal parece reconhecer que alguns eventos interferem na atuação do jornal, mas procura uma aproximação da neutralidade e objetividade.

No próximo subtópico, detalharei de que modo foi realizada a seleção de textos no jornal.

#### **4.6 Seleção dos dados**

A busca pelos dados de análise foi realizada no Acervo do site do Jornal O Globo. Segundo o site<sup>49</sup>,

[...] o Acervo O GLOBO é um site que permite o acesso à versão digital de todas as páginas e matérias do Jornal O GLOBO desde sua primeira edição, em 29 de julho de 1925. As páginas digitalizadas estão organizadas por edição e podem ser acessadas

<sup>48</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/principios-editoriais/#definicao-do-jornalismo>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

<sup>49</sup> Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

de duas formas: pela data exata, usando a ferramenta de busca por edição; ou na pesquisa por termos e palavras-chaves.

A seção do site é aberta para o público em geral, entretanto, o site só permite a leitura completa dos textos, por meio da ampliação da tela, caso o leitor interessado realize a assinatura do jornal *online*. Ao não assinante é permitido acesso limitado, de modo que os textos não podem ser ampliados e, portanto, lidos.

Desse modo, após a efetivação da assinatura do jornal, realizei a pesquisa no acervo através da busca da palavra “feminismo”. A intenção, ao usar essa palavra na pesquisa, não era apenas refletir sobre o significado que o jornal possivelmente poderia atribuir ao termo, mas também encontrar notícias, entrevistas, entre outros gêneros textuais que estivessem relacionados ao tema da luta pelos direitos da mulher. Associada à busca pela palavra “feminismo” no site, procurei em cada década – desde 1925 (início do jornal) até 2016 –, textos representativos sobre o assunto.

Então, a seleção foi realizada de modo que os primeiros textos sobre o tema encontrados em cada década seriam somados ao conjunto dos dados. Além disso, os textos deveriam estar relacionados ao feminismo especificamente no Brasil ou ao assunto de um modo geral. Isso quer dizer que, já que o foco deste trabalho se relaciona à sociedade brasileira, não considerei documentos cujas notícias estivessem relacionadas a outros países. Assim, finalizada a seleção, conto com um total de 10 textos do jornal.

Optei por selecionar textos relativos ao início de cada década uma vez que o acervo do site O Globo é um arquivo de inúmeras páginas de jornais. Isso faz com que a análise de todo o material se torne inviável e seja necessário, portanto, o recorte. O objetivo desse critério não é apresentar uma “visão de mundo” presente em cada década, até porque isso não seria possível com apenas um texto representativo de cada uma delas. A intenção desse critério de seleção é refletir sobre como o assunto é veiculado – e os sentidos atribuídos ao tema – no jornal nos momentos recortados.

Assim, para uma análise que pretende refletir linguisticamente sobre a sociedade, foi necessária uma pesquisa sobre o momento histórico dos textos selecionados, ou seja, sobre acontecimentos que podem ter influenciado a maneira como o tema foi abordado no jornal. Um dos objetivos desta pesquisa, de modo

geral, é verificar como essa mídia impressa – que se tornou um dos jornais de maior tiragem no país – pode atuar, de modo a regular e induzir comportamentos atrelados a conceitos polêmicos, no caso deste trabalho, a questões ligadas ao feminismo.

Ademais, considerei para a seleção textos nos quais pessoas consideradas importantes para a época (e para o tema) foram entrevistadas, já que a maneira como uma entrevista é conduzida pode revelar posicionamentos do jornal acerca do assunto ou até mesmo sobre o entrevistado. Portanto, o conjunto de textos contará com entrevistas, notícias e ainda com textos de opinião. Nesse sentido, é importante ponderar que o recorte realizado nesta pesquisa é particular e as escolhas realizadas influenciarão na discussão dos resultados.

O acervo do jornal O Globo conta com duas seções que são publicadas com intenção de ser um conteúdo do “universo feminino”<sup>50</sup>. A seção “O Globo Feminino”, criada em 1938, trazia textos que o jornal considerava do interesse da mulher, tais como beleza, maternidade, entre outros. Atualmente, o jornal conta com o caderno “Ela”, que teve início em 1964<sup>51</sup>. Para as reflexões que serão elaboradas neste trabalho, não considerei textos dessas seções, pois o objetivo é refletir sobre feminismo em documentos destinados à leitura de qualquer público e não apenas em conteúdos voltados para as mulheres. A intenção é, assim, verificar que sentidos são atribuídos ao assunto feminismo, não em publicações para o público feminino em si, mas em publicações para o público em geral.

Desse modo, mediante essa seleção de dados, surgem algumas inquietações sobre o tema em estudo. Porém, de um modo geral, este trabalho tem por objetivo encontrar compreensões para a seguinte questão: de que modo o assunto feminismo é abordado pelo jornal e qual é a importância disso para a promoção, legitimação ou invalidação do movimento?

Nesse sentido, a reflexão sobre os dados acontecerá em torno de alguns objetivos específicos, inspirados na *análise tridimensional do discurso*, desenvolvida por Fairclough (2001): (i) na prática linguística, verificando o uso linguístico em torno do tema abordado; (ii) na prática discursiva, analisando o contexto de produção,

---

<sup>50</sup> Por meio da expressão “universo feminino” quero me referir aos assuntos que tradicionalmente eram considerados talvez os únicos interesses das mulheres, tais como beleza, culinária, assuntos domésticos, etc.

<sup>51</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/musica/aquarius-celebra-os-90-anos-do-globo-17195852>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

distribuição e consumo dos textos, e (iii) na prática social, refletindo sobre as circunstâncias sociais e ideológicas do discurso.

No próximo tópico, realizarei a análise de cada texto selecionado para esta pesquisa.

## 5 REFLEXÃO SOBRE OS DADOS

Toda pesquisa crítica deve ser reflexiva.  
(Viviane Resende e Viviane Ramalho, 2006)

O objetivo deste capítulo é buscar caminhos de compreensão sobre o tema feminismo e os direitos da mulher, ao analisar textos do jornal O Globo e ponderar sobre os contextos sociais que envolvem os textos. Nesse sentido, é importante pontuar que os textos são documentos de pesquisa que podem ser explorados de muitos modos, conforme os recortes realizados e os objetivos da pesquisa, mediante o olhar do pesquisador. Considero, como Fairclough (1995), que analisar um discurso significa debruçar-se sobre a reflexão de como os textos se inserem na prática social.

Neste trabalho, conforme já citado, realizei recorte temporal de um texto por década, do ano de 1925 até 2016. Para as reflexões, busquei selecionar aspectos dos textos que considere significativos em termos da abordagem do tema estudado. Os textos foram transcritos de modo que o português padrão atual fosse utilizado, no que concerne à ortografia das palavras. Contudo, alguns vocábulos aparecerão como ilegíveis identificados por (sic), pois algumas cópias antigas não permitiram a leitura completa. Além disso, alguns trechos que considere relevantes aparecerão em negrito durante a análise.

Ademais, os trechos selecionados de cada texto foram identificados com as letras do alfabeto.

Nas próximas subseções realizarei as reflexões sobre os dados.

### 5.1 O Exemplo de D. Heloisa Alberto Torres

O primeiro texto selecionado (Anexo 1) para análise data de 24 de agosto de 1925, mesmo ano do início do jornal O Globo no Brasil:

Texto 1 (ANEXO 1):

24 de agosto de 1925, Vespertina, Geral, página 1

Elevando a mulher e honrando um grande nome

O EXEMPLO DE D. HELOISA ALBERTO TORRES  
Palavras da vitoriosa do Museu Nacional

D. Heloisa Alberto Torres acaba de conquistar, com brilho desusado, a cadeira de professora de Antropologia, do Museu Nacional. Conquistou a num concurso memorável, pelo valor dos candidatos e pelo dificultoso das provas. **Teve, assim, duas glórias: a de revelar-se no nosso mundo científico, e a de honrar o nome do seu pai, um dos grandes orgulhos do país em todos os domínios da inteligência e da cultura.** Junte-se a isso a força sugestiva do exemplo que D. Heloisa vem dar ao feminismo, mostrando como ele não se deve voltar para o palanfrório e politiquice, para a discussão dos sexos e do amor, dos direitos no lar e na rua e, sim, para a ciência, ou para o trabalho apropriado e honroso. O Brasil, aliás, não tem de que se envergonhar neste particular e o exemplo de D. Heloisa Alberto Torres há de ser imitado, sem dúvida, por outras patrícias, dignas do direito a inspirarem os mais altos postos técnicos. Ali está a jovem professora, numa das galerias do Museu Nacional. Vamos falar-lhe, mas vemos que lhe prende a atenção um objeto que vem desenhando.

- Perdoe se interrompemos seus estudos. Mas, depois de uma grande vitória, convém descansar...

- Está perdoado, mesmo porque isso não é mais estudo. Estou desenhando um dos exemplares que nos tocaram, por sorte, em uma prova de matemática... desejo guardar uma lembrança...

E enquanto debaixo dos seus dedos hábeis, iam surgindo, com todo o vigor das linhas e das sombras, a forma das peças, como se a houvessem depositado sobre o papel, a palestra se estabelecia...[...]

Nesta época o jornal contava com Eurycles de Mattos como “diretor-redator-chefe”. Segundo o site O Globo.com<sup>52</sup>,

[...] Eurycles de Mattos nasceu na Bahia, em 1894. Aos 18 anos, já havia escrito um livro de versos e se diplomado pela Escola Normal. Sua vasta e sólida cultura artística o fez conhecido depois de uma defesa de tese sobre História da Arte na Escola Nacional de Belas Artes. Ingressou no jornalismo como revisor do jornal “A Bahia”. Mudou-se para o Rio de Janeiro e passou a trabalhar como revisor e crítico de arte do “Correio da Manhã”. Trabalhou também em “A Tribuna”, “O Malho”, “Ilustração Brasileira” e “A Noite” [...] À frente do GLOBO, Eurycles foi fundamental para consolidar o jornal naqueles primeiros anos desde a fundação. Casado com Maria Lavigne de Mattos, com quem teve um filho, Emmanuel, Eurycles de Mattos morreu no dia 5 de maio de 1931.

Segundo Moreira (2006), a primeira década de existência do jornal foi marcada por acontecimentos conturbados, sobressaindo-se uma série de reportagens sobre a coluna Prestes, as notícias da inauguração do Cristo Redentor e da Revolução Constitucionalista de 1932, e a primeira cobertura internacional, de

<sup>52</sup> Disponível em: <<http://memoria.oglobo.globo.com/perfis-e-depoimentos/eurycles-de-mattos-9827326>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

um jogo da seleção brasileira com o Uruguai. Notamos, assim, que os primeiros números do jornal abarcavam assuntos que eram considerados importantes para a população em geral, entre eles, o tema do texto selecionado para análise – sobre o qual me deterei posteriormente.

No que se relaciona ao contexto social da década de 1920, Carvalho (1995) aponta que esses anos se caracterizaram por ser um período de muita criatividade. As ideias de progresso e mudança ecoavam em muitos segmentos e eclodiram em São Paulo durante a Semana de Arte Moderna. O desenvolvimento estava em destaque no país, especialmente nos centros urbanos. O Rio de Janeiro, como capital federal, caracterizava-se como centro socioeconômico e cultural.

Ademais, a imprensa estava em crescimento, o progresso no campo educacional estimulou a criação de bibliotecas públicas e escolas e o hábito de ler começou a ser incentivado, atingindo um conjunto maior da população. Conforme afirma Carvalho (1995, p.11), nessa época também “ocorreram no Brasil, na década de 20, os primeiros movimentos organizados tendo como principal objetivo a melhoria das condições de vida da mulher, desde que orientada pela ótica masculina”.

O texto a ser analisado intitula-se “O Exemplo de D. Heloisa Alberto Torres” e é uma entrevista com uma mulher que, após realizar concurso, passou a ocupar um cargo de professora no Museu Nacional. Para Schneuwly e Dolz (1997, p.13), “[...] a entrevista é um gênero jornalístico de longa tradição que diz respeito a um encontro entre um jornalista (entrevistador) e um especialista ou uma pessoa que tem um interesse particular num dado domínio (entrevistado)”. Assim, no que tange à estrutura textual, a entrevista conta com um texto introdutório, no qual geralmente apresenta-se o entrevistado e algo relevante sobre a sua relação com o tema que norteará a entrevista e, posteriormente, o texto é dividido entre perguntas e respostas.

O texto não informa ao leitor o nome da pessoa que realizou a entrevista. Antes do título, há a frase “Elevando a mulher e honrando um grande nome” e, depois do título, a frase “Palavras da vitoriosa do Museu Nacional”. Assim, no que se relaciona às frases-título já podemos inferir algumas considerações de vocabulário: o escritor da entrevista (que designarei como jornal O Globo já que não há assinatura) considera a entrevistada um exemplo para outras mulheres. Assim, podemos pressupor que um comportamento contrário ao da entrevistada seria,

segundo o jornal, considerado errado. Isso porque no sentido da palavra “exemplo”, do título, está implícita a informação de que a pessoa designada se trata de um modelo do que é bom e correto. Ademais, esse significado é consoante com a expressão “elevando a mulher”, na qual a palavra “elevando” aparece sugerindo que a mulher, em geral, ocupa um “lugar social” que necessita ser colocado em uma posição superior.

Já a outra parte da frase “honrando um grande nome”, relaciona-se, como percebemos no texto, ao pai da entrevistada que, ao que parece, era conhecido no país, naquela época, e ocupava um lugar de destaque social. Na composição da última frase que compõe o título, por sua vez, “Palavras da vitoriosa do Museu Nacional”, há o uso da palavra “vitoriosa”, a qual podemos estabelecer uma relação semântica com a afirmação “alguém que venceu uma batalha ou uma guerra”. Isso se torna mais notável se lembrarmos que o ano de 1925 foi posterior ao final da primeira guerra mundial, momento em que provavelmente vocábulos relacionados a esse grupo semântico de palavras era bastante usado em meios de comunicação.

Ao avançar a leitura do texto, percebo o grande destaque que o jornal atribui ao pai de D. Heloisa ao invés de evidenciar a própria entrevistada. Isso é perceptível, além da frase já citada, no seguinte fragmento, que denominarei de (A):

(A) [...] Teve, assim, duas glórias: a de revelar-se no nosso mundo científico, **e a de honrar o nome do seu pai**, um dos grandes orgulhos do país em todos os domínios da inteligência e da cultura.

Notamos, nesse fragmento (A), que o jornal considera a “glória de honrar o nome do pai” tão (ou mais) importante quanto ser aprovada no concurso. Dessa forma, o jornal parece atribuir grande parte da conquista de D. Heloisa aos méritos do pai e, apesar da “vitória” de Heloisa, o jornal destaca o pai e não a filha como “um dos grandes orgulhos do país”. Ademais, o uso do pronome “nosso” na frase “no nosso mundo científico”, pode estar relacionado a um mundo científico que, em sua maioria, é ocupado por homens, em um sentido restritivo. Esses aspectos revelam a centralidade do papel do homem na sociedade do ano de 1925, momento em que às mulheres ainda não era concedido o direito ao voto e a vida pública era bastante

limitada, apesar de já existirem, desde 1920, movimentos como a *Liga para a Emancipação Internacional da Mulher*<sup>53</sup> no Rio de Janeiro.

Em outro fragmento (B) do texto, percebemos de que modo o feminismo é abordado pelo jornal. Notamos associações realizadas ao que seria supostamente um “bom feminismo” e um “mal feminismo”:

(B) Junte-se a isso a força sugestiva do exemplo que D. Heloisa vem dar ao feminismo mostrando **como ele não se deve voltar para o palanfrório e politiquice**, para a discussão dos sexos e do amor, dos direitos no lar e na rua e, sim, para a ciência, ou para o trabalho apropriado e honroso.

Nesse trecho, o “bom feminismo” associa-se à ciência e ao trabalho apropriado e honroso. O adjetivo “apropriado” possui como sinônimos as palavras “oportuno” e “adequado” (MINIAURÉLIO, 2009). Já a palavra “honroso” relaciona-se a algo feito com honra e restringe tal atributo ao feminismo relacionado ao trabalho e à ciência. O “mal feminismo”, por outro lado, refere-se, segundo o jornal, à “discussão dos sexos e do amor, dos direitos no lar e na rua”.

Então, se o feminismo adequado e honrado se limita ao universo do trabalho e da ciência, esses outros assuntos não são, portanto, dignos de honra e são inadequados. Se considerarmos ainda que, em muitos contextos tradicionais, dizer que a mulher “perdeu a honra” é uma grande ofensa, o jornal está associando a ausência de honra às mulheres praticantes do “mal feminismo”. Ademais, esse “mal feminismo” se volta para “o palanfrório” e a “politiquice”<sup>54</sup> e, portanto, as mulheres não deveriam praticá-lo. Isso vai ao encontro do que afirma Gregolin (2007), quando aponta que os meios de comunicação colocam em circulação enunciados que regulamentam as formas de ser e agir.

No trecho (C) abaixo, notamos uma preocupação do jornal em mostrar que apesar de D. Heloisa agora ocupar um cargo importante, possui ainda características que são, comumente, associadas ao sexo feminino, como habilidade para trabalhos manuais, por exemplo:

<sup>53</sup> Conforme apontei no capítulo 2 deste trabalho, segundo Teles (1993), a *Liga para a Emancipação Internacional da Mulher* foi um grupo de estudos cuja preocupação principal era batalhar pela igualdade política das mulheres e foi fundado por Maria Lacerda de Moura e a bióloga Bertha Lutz no Rio de Janeiro.

<sup>54</sup> Segundo o dicionário *online* de Português, o significado de “palanfrório” é: “reunião de palavras desconexas; discurso sem nexos; conversa insignificante. Já “politiquice” relaciona-se à uma “política reles e mesquinha de interesses pessoais”. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/palanfrorio/> e <https://www.dicio.com.br/politiquice/>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

(C) E enquanto debaixo dos seus **dedos hábeis**, iam surgindo, com todo o vigor das linhas e das sombras, a forma das peças, como se a houvessem depositado sobre o papel, a palestra se estabelecia...

No fragmento (C), a expressão “dedos hábeis” parece evidenciar a destreza e a gentileza de D. Helena, e a beleza da ação é ainda ressaltada pelo tom poético com que as palavras estão associadas: “iam surgindo”, “vigor das linhas e sombras”, “forma das peças”. Essa e outras particularidades associadas ao gênero feminino estão inseridas em práticas discursivas e sociais, e demonstram relacionarem-se a ideologias naturalizadas na sociedade. Em outra escala, essas ideias internalizadas de diferenças entre os sexos servem como justificativa para a manutenção de relações de dominação. Como aponta Fairclough (2001), as ideologias são significações/construções da realidade, manifestadas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que colaboram para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

Percebemos, portanto, que atrelado ao conceito de feminismo apresentado pelo jornal está o senso comum da época fincado no determinismo biológico, ou seja, no pensamento de que a função social da mulher estaria ligada ao trabalho no lar e que ela não deveria lutar por direitos. A mídia, nesse sentido, comporta-se como construtora de narrativas exemplares que reafirmam as vantagens de agir de determinado modo (GREGOLIN, 2007). No caso desse fragmento, de agir de acordo com o que é considerado “bom feminismo”.

Desse modo, a ideologia apresentada pelo jornal e que perpassa as ideias desse texto é consoante com uma época em que as lutas pelos direitos das mulheres – conforme notamos no Capítulo 2 deste trabalho – iniciavam-se no Brasil ainda muito timidamente, eram recebidas com muitas ressalvas e seriam – como sabemos atualmente – fruto de discussões prolongadas por muitas décadas.

## 5.2 As Mulheres e o pão

O texto selecionado da década de 1930 intitula-se “As Mulheres e o pão”, e é um texto / artigo de opinião sobre as (novas) profissões ocupadas pelas mulheres naquele momento:

Texto 2 (ANEXO 2):

20 de janeiro de 1930, Matutina, Geral, página 8

### As Mulheres e o pão

Depois de conquistar outras profissões, fazem-se policiais  
A polícia das estradas na Inglaterra e a vigilância de costumes na Rússia

Especial de Ribeiro Couto para O Globo

Está decidido: nenhuma profissão resiste à invasão das mulheres. Nestes últimos quinze anos, principalmente nos que sucederam à guerra, a contribuição das mulheres para a produção e o trabalho deixou de limitar-se ao lar, ao “Candoca, você acertou o pagamento do leiteiro?” Não, não é só fazendo o rol (?) da roupa, conferindo as camisas engomadas que chegaram do chinês, penteando os meninos para o colégio e coibindo os gastos excessivos da cozinheira que a mulher pode dar a medida do que é capaz. As Universidades encheram-se delas. Os escritórios, as repartições públicas, que digo? os (sic) Parlamentos povoaram-se de cabelos louros e cabelos pretos, que em breve a moda fez cortar, para que aproximação do tipo masculino fosse mais impressionante. Como tudo isso rápido! As primeiras caixeiras das primeiras sorveterias despertaram paixões. O homem não estava habituado a ser servido pelas mulheres nos lugares públicos. Depois, acostumou-se. E, agora, confia-lhe tudo.... Conta-lhe tudo.... Porque a mulher é dentista, é farmacêutica, é médica, é advogada, é chefe-política, é deputada, é governadora. Longe estamos do tempo em que a aparição de uma mulher provocava esta imediata ideia – “La vai uma mulher...”

As funções policiais, entretanto, pareciam excluídas da esfera de ação feminina. Dar voz de prisão não estava no programa, apesar da história apresentar exemplos repetidos de coragem e sangue frio da parte de ilustres batalhadoras.

A guerra mundial lembrou, porém, a fibra das mulheres europeus. Tornaram-se (ilegível) decisivas. É difícil encontrar nos povos da Europa aquele tipo de mulher de ontem, tremendo (?) quando escutava uma discussão (?) e o apito (?) do guarda-civil, desmaiando (?) quando assistia a umas bengaladas. Os homens não se conformaram com a mudança sem protesto. Viram nisso a virilização da mulher. Gritaram contra a perda da delicadeza, do pudor e da fragilidade feminina, graciosos atributos. Depois, compreenderam que uma criatura adorável pode passar o dia serrando tíbias, numa mesa de cirurgiã, e ser à noite, de volta do teatro, a mais doce das companhias.

Ora, a Inglaterra acaba de criar um corpo feminino de polícia das rodovias. As misses que compõem esse serviço percorrem as estradas e punem com as multas regulamentares os transgressores da lei, os causadores de acidentes e, si preciso, quaisquer criminosos. É um mister um tanto duro, principalmente quando é preciso apostar corrida com os fugitivos velozes. Como a polícia das rodovias está constantemente intervindo em acidentes, a previdente Inglaterra montou as suas policias em “sidecars”: no carro ao lado elas conduzem uma farmácia de pronto socorro. Num país esportivo, foi a coisa mais fácil encontrar mulheres dispostas a essa nova profissão.

A Rússia, porém, (que aliás possui diversos regimentos do Exército Vermelho compostos só de mulheres) não quer ficar atrás da Inglaterra em matéria de feminismo. Não mostra, como esta, representantes no Parlamento, porque não tem Parlamento: porém o Comissário do Povo dos Negócios Interiores criou uma polícia feminina, cuja função é ocupar-se da vigilância dos costumes. [...]

Corajosas mulheres! Nestes duros tempos de vida difícil – porque é somente a caça ao pão que as impele a misteres tão penosos – elas hão de lamentar o outro tempo, quando

bastava ter um marido e ficar quieta em casa. Agora, em frequentes exemplos, são os maridos que ficam em casa quietos.

Conforme apontam Santos e Melo (2012, p.625), “o artigo de opinião tem grande presença na imprensa e nele são emitidas opiniões concretas sobre a atualidade”. Para isso, a mídia impressa seleciona escritores que possam contribuir, opinando sobre algum tema relevante.

A data de publicação do texto é 20 de janeiro de 1930, e é assinado por Ribeiro Couto. O autor nasceu em São Paulo, em 1898, trabalhou como guarda-livros e começou a escrever na imprensa local aos quatorze anos. Formou-se em direito e trabalhou como revisor e colaborador de jornais, tais como “Jornal do Comércio”, “Correio Paulistano” e “Gazeta de Notícias”. Além disso, venceu concursos literários e publicou vários livros de poemas. Em outro momento, também atuou como delegado de polícia e promotor público. Na época em que escreveu o texto para o jornal O Globo, ocupava o posto de vice-cônsul honorário em Marselha<sup>55</sup>.

O contexto social e econômico da época – o ano de 1930 – é marcado pela crise econômica mundial que ocorreu em 1929, com a falência da bolsa de valores de Nova York. O Brasil, sendo ainda um país predominantemente agrário, exportador de produtos primários, principalmente o café, e dependente dos mercados e empréstimos externos, teve a economia duramente atingida pela crise<sup>56</sup>. Além disso, um importante acontecimento de 1930 – apesar de posterior à publicação do texto “As Mulheres e o pão”, que ocorreu em janeiro – foi a tomada do poder por Getúlio Vargas. Mesmo após ser derrotado nas eleições de 1930, Getúlio governou de 1930 a 1945. Esses fatos demonstram que o país vivia, na época, um cenário político e econômico conturbado.

No que se refere à imprensa, Araújo (2008) aponta que os anos 1930 são considerados, para a maioria dos historiadores, um período de consolidação da imprensa burguesa. O autor afirma ainda que,

[...] de acordo com Roberto Seabra, estilisticamente, é um período de afirmação do jornalismo *‘informativo-utilitário’*, que se inicia na

<sup>55</sup> Disponível em:

<[http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/literatura/ribeiro\\_couto/biografia.htm](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/literatura/ribeiro_couto/biografia.htm)>. Acesso em: 31 jan. 2017.

<sup>56</sup> Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/revolucao-de-1930-movimento-revolucionario-derrubou-a-republica-velha.htm>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

década de vinte. O catalisador dessa transformação na imprensa, não somente brasileira, mas mundial, foi a Primeira Grande Guerra. Nesta, os periódicos tiveram participação decisiva e consolidaram a sua representação como ‘espelho da sociedade’ (ARAÚJO, 2008).

Assim, notamos o percurso realizado pela mídia em direção a se tornar, posteriormente, os meios de comunicação de massa que conhecemos hoje. Nesse sentido, um fator preponderante para o seu desenvolvimento foi contar com uma crescente massa de novos alfabetizados, que passou a desenvolver hábitos de leitura, e para quem a mídia era um dos poucos meios de comunicação através do qual poderiam compreender o que acontecia no então período social conturbado. Desse modo, para Araújo (2008),

[...] a expansão do jornalismo nos anos 1920, culminando na década seguinte era, em tempos difíceis de recessão internacional, um ótimo negócio: além de lucrativo economicamente, com o crescimento do número de assinaturas e dos anúncios publicitários, há também o ganho simbólico: a crescente participação da imprensa no jogo político: se auto proclamando “espelho da sociedade”, tinha papel decisivo na formação de uma opinião pública, passando a ser, também, centro irradiador de valores, ideias e crenças.

Percebemos, portanto, que em meados de 1930, a mídia já era considerada um importante veículo de comunicação, com o poder de influenciar ideias, comportamentos e “dizer verdades”. Conforme aponta Araújo (2008), em meados dos anos 1930, a imprensa no Rio de Janeiro contava com 23 jornais, sendo que

[...] Marialva Barbosa catalogou em quatro tipos. Primeiramente, jornais como *A Batalha*, *A Nação*, *O Radical*, entre outros, era vistos como sem muita expressão de publicidade e de tiragens. Os tradicionais como *Jornal do Brasil*, *O Imparcial*, e a *Gazeta de Notícias*, atravessavam um momento de crise, com pleno declínio de público, formavam o segundo tipo. O terceiro era de jornais novos, que apesar do franco crescimento, só passariam a ter relevo nas décadas posteriores, como o *Diário Carioca* e *O Globo*. Por fim [...], o quarto tipo de periódico era o de matutinos, e, sobretudo, vespertinos, que na década de 1930, estavam em plena ascensão. Matutinos como *O Correio da Manhã*, *A Manhã*, e vespertinos como *A Noite* e *O Jornal*, formavam aquilo que podemos chamar de “grande imprensa”, aqui entendido da forma mais elementar possível, como o grupo de jornais com maior circulação e de maior influência perante a opinião pública.

Notamos, então, que naquela época, o jornal *O Globo* estava em crescimento, porém, ainda não apresentava grande relevância na imprensa nacional.

No que se relaciona ao gênero “artigo de opinião”, é um tipo de texto argumentativo que busca convencer, persuadir o leitor sobre um juízo de valor. Por isso, em sua escrita geralmente são usados adjetivos variados, com o objetivo de qualificar coisas ou pessoas; frases interrogativas usadas em tom retórico; frases exclamativas para enfatizar algo, entre outros. Além disso, “é comum presenciarmos descrições detalhadas, apelo emotivo, acusações, humor, ironia e fontes de informações precisas” (SANTOS & MELO, 2012, p.625).

O texto “As Mulheres e o pão” – segundo texto selecionado para análise neste trabalho – apresenta dois subtítulos: “Depois de conquistar outras profissões, fazem-se policiais” e “A polícia das estradas na Inglaterra e a vigilância de costumes na Rússia”. Através da leitura do texto, notamos que a escolha do título pelo autor está relacionada ao momento social de crise econômica, no qual as mulheres precisavam trabalhar para conquistar o pão. A palavra “pão”, neste contexto, funciona como um hipônimo, representando a comida em geral, como percebemos neste fragmento (A):

(A) Corajosas mulheres! Nestes duros tempos de vida difícil – porque **é somente a caça ao pão que as impele a misteres tão penosos** – elas não de lamentar o outro tempo, quando bastava ter um marido e ficar quieta em casa. Agora, em frequentes exemplos, são os maridos que ficam em casa quietos.

No fragmento (A), o autor alega que são “duros tempos de vida difícil”, e que esse é o único motivo que impele as mulheres a trabalharem fora de casa em várias profissões. Ademais, Ribeiro Couto sugere também que as mulheres sentirão saudades do tempo em que podiam apenas “ter um marido e ficar quieta em casa”. Nessa frase, o uso da palavra “quieta” sugere que, na circunstância contrária, ou seja, fora de casa, as mulheres ficam inquietas e agitadas. O autor enfatiza ainda o quão corajosas são estas mulheres – as trabalhadoras –, por meio do uso da frase exclamativa no início do trecho e associa o trabalho feminino a algo “penoso”, como se as mulheres não nascessem para realizar tal ação.

Já no subtítulo “Depois de conquistar outras profissões, fazem-se policiais”, o uso do verbo “fazer” sugere que a profissão que está sendo ocupada, policial, é algo conquistado e decidido pelas próprias mulheres, sem interferência de terceiros. O outro subtítulo “A polícia das estradas na Inglaterra e a vigilância de costumes na Rússia”, por sua vez, relaciona-se ao seguinte fragmento (B):

B) Ora, a Inglaterra acaba de **criar um corpo feminino de polícia das rodovias** [...]A Rússia, porém, (que aliás possui diversos regimentos do Exército Vermelho compostos só de mulheres) **não quer ficar atrás da Inglaterra em matéria de feminismo**. Não mostra, como esta, representantes no Parlamento, porque não tem Parlamento: porém o Comissário do Povo dos Negócios Interiores criou uma polícia feminina, cuja função é ocupar-se da vigilância dos costumes.

No fragmento (B), o autor cita a Inglaterra como exemplo de país pioneiro em feminismo, e sugere que a motivação da Rússia ao inserir mulheres no exército seria uma certa “competição” com a Inglaterra. É importante, neste ponto, lembrarmos que durante a escrita desse texto, o autor Ribeiro Couto era vice-cônsul honorário em Marselha, na França, portanto, seu acompanhamento das notícias na Europa possivelmente influenciaram a redação do texto em questão.

A leitura do texto demonstra, conforme as características do gênero “artigo de opinião”, que o autor quer convencer o leitor de que o lugar ideal para as mulheres não é as ruas, como policiais. Para isso, Ribeiro Couto caracteriza as possíveis mulheres que se envolveriam na profissão por meio de adjetivos, no fragmento (C): “Esse corpo de polícia deve compor-se de mulheres cheias de experiência, bastante desiludidas, razoavelmente feias, e muito pouco sensíveis [...]”.

O uso da palavra “desiludidas”, no fragmento (C), faz uma representação das mulheres policiais como “decepcionadas” e “sem esperanças”, se considerarmos os sinônimos da palavra “desiludida”<sup>57</sup>. Além disso, ao utilizar a expressão “razoavelmente feias”, Ribeiro Couto sugere que mulheres bonitas não praticariam tal ação – ser policiais. Por fim, o uso da frase “muito pouco sensíveis” sugere que para essa profissão ser praticada é necessário que a mulher não seja emocional ou impressionável.<sup>58</sup>

Notamos, mais uma vez, através da reflexão sobre as escolhas lexicais e argumentativas no texto, a construção de uma realidade na qual relacionar a mulher ao trabalho (policial) é algo negativo. Nesse sentido, podemos nos perguntar que efeito tais representações podem ter causado nas estruturas sociais da época, corroborando para a conservação das relações de hegemonia entre homens e mulheres na sociedade.

<sup>57</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=desiludida>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

<sup>58</sup> Ao considerar os sinônimos da palavra “sensível” disponíveis em: <<https://www.dicio.com.br/sensivel>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

Em outro fragmento (D), referente ao início do texto, verificamos o modo como o autor descreve as mudanças com relação ao “papel social” das mulheres:

(D) Está decidido: **nenhuma profissão resiste à invasão das mulheres**. Nestes últimos quinze anos, principalmente nos que sucederam à guerra, **a contribuição das mulheres para a produção e o trabalho deixou de limitar-se ao lar**, ao “Candoca, você acertou o pagamento do leiteiro? ” Não, não é só fazendo o rol (?) da roupa, conferindo as camisas engomadas que chegaram do chinês, penteando os meninos para o colégio e coibindo os gastos excessivos da cozinha **que a mulher pode dar a medida do que é capaz**.

Neste fragmento, a frase “nenhuma profissão resiste à invasão das mulheres”, demonstra, por meio do uso da palavra “invasão”, que as mulheres estão ocupando posições que não são delas. A palavra “invasão” é, muitas vezes, usada para referir-se à ocupação de territórios geográficos por pessoas que não são autorizadas a ocupá-los, como em cenários de guerra, por exemplo. Além disso, nesse fragmento (D), Ribeiro Couto afirma que “a contribuição das mulheres para a produção e o trabalho deixou de limitar-se ao lar” e, agora, não só nos afazeres de casa “que a mulher pode dar a medida do que é capaz”. Podemos inferir, dessas afirmações, que antes do momento social da escrita do texto em 1930, pensava-se que as habilidades das mulheres eram restritas às atividades do lar e, no momento da escrita do texto, o autor considera que elas mostravam que possuíam também outras capacidades.

A transformação pela qual estava passando a vida da mulher em sociedade parece ter causado muitas inquietações já no ano de 1930. Conforme percebemos no fragmento (D), o autor parece surpreendido com o fato de as mulheres serem dotadas de capacidades variadas. A associação do papel social da mulher unicamente ao lar parecia ser uma “verdade universal” até essa condição ser questionada mediante a necessidade de ela ir para o mercado de trabalho em períodos de crise econômica.

Essa estranheza com a nova realidade da mulher de 1930, também está presente no fragmento (E) a seguir:

(E) A guerra mundial lembrou, porém, a fibra das mulheres europeias. Tornaram-se (ilegível) decisivas. É difícil encontrar nos povos da Europa aquele tipo de mulher de ontem, tremendo (?) quando escutava uma discussão (?) e o apito (?) do guarda-civil,

desmaiando (?) quando assistia a umas bengaladas. **Os homens não se conformaram com a mudança sem protesto. Viram nisso a virilização da mulher. Gritaram contra a perda da delicadeza, do pudor e da fragilidade feminina, graciosos atributos.** Depois, compreenderam que uma criatura adorável pode passar o dia serrando tíbias, numa mesa de cirurgia e ser à noite, de volta do teatro, a mais doce das companhias.

Por meio da leitura do fragmento (E), notamos a opinião do autor sobre a reação dos homens às “novas mulheres” nas frases em negrito. Segundo Ribeiro Couto, os homens não gostaram quando pensaram que as características que faziam das mulheres femininas desapareceriam. Entre as características atribuídas ao feminino, no texto, estão a delicadeza, o pudor e a fragilidade. Para Vianna (2001, p. 96),

[...] o esquema binário que situa o masculino e o feminino como categorias excludentes estende-se para definições do que é ser homem e do que é ser mulher em nossa sociedade. Essa dicotomia cristaliza concepções do que devem constituir atribuições masculinas e femininas e dificulta a percepção de outras maneiras de estabelecer as relações sociais [...]. Muitas atividades profissionais associadas ao cuidado são consideradas femininas, como a enfermagem, o tomar conta de crianças pequenas, a educação infantil, etc.[...]. Criam-se, assim, vários estereótipos sobre homens e mulheres: agressivos, militaristas, racionais, para eles; dóceis, relacionais, afetivas, para elas.

Assim, a ideologia está notadamente manifestada nos trechos analisados, por meio do uso de afirmações que evocam noções de senso comum sobre as mulheres e de representações negativas sobre as (novas) relações de trabalho que desenvolviam em 1930. Neste trabalho, ao considerar, segundo Thompson (1995), os meios de comunicação como responsáveis pela reprodução de formas simbólicas na sociedade, o texto “As mulheres e o pão” propaga uma visão negativa sobre as transformações femininas pelas quais a sociedade passava naquele momento. Para Santos e Barreira (2008, p. 590),

[...] o trabalho feminino sentido como um desconforto, como a marca de uma decadência da família, era aceito pela sociedade na condição de complemento da renda familiar e quando necessário ao processo de industrialização do país, conjugando-se como uma ocupação transitória, que deveria ser abandonada quando necessária a presença da mulher na manutenção do lar. Desse modo, o trabalho feminino, no contexto dos valores sociais

dominantes, se configurava exclusivamente através de serviços e ocupações adequadas à feminilidade.

Nesse sentido, ao consideramos a mídia posicionando-se como “espelho da verdade” (ARAÚJO, 2008), os textos que, de um modo geral, exprimem opiniões negativas sobre as conquistas femininas, tais como o texto “As mulheres e o pão”, podem agir no sentido de desincentivo às mulheres para o mercado de trabalho e, de certa forma, ridicularizar aquelas que já fazem parte dele. Isso, já que, como aponta Fairclough (2001), os discursos contribuem para construir identidades sociais, relações sociais e sistema de conhecimento e crença.

### 5.3 Feminismo não é masculinização

O texto selecionado para a década de 1940 intitula-se “Feminismo não é masculinização”, e é um texto no qual encontramos o gênero textual “entrevista” e o gênero textual “artigo de opinião”:

Texto 3 (ANEXO 3):

21 de novembro de 1942, Vespertina, Geral, página 6

Feminismo não é masculinização...

“A mulher é a mestra por excelência como formadora de caracteres e a condutora dos filhos pelos labirintos da vida”

Só no terreno intelectual é que devem ser equivalentes os direitos dos dois sexos – Outras surpresas na sinceridade da tese de uma escritora paulista

A IV Convenção Nacional de Mulheres, realizada recentemente no Rio, condensou os pontos de vista da mulher brasileira, de modo que pudesse a Sra. Anna Amelia Queiroz Carneiro de Mendonça, representante do Brasil no Congresso Feminino a se reunir em Washington, exprimir e defender naquele conclave, o verdadeiro pensamento das feministas do país. Nessa convenção, muitos valores novos surpreenderam, relevando ideias e temas que muito recomendam a cultura e a formação da mulher brasileira. Das teses apresentadas, uma obteve singular êxito e repercussão. Foi a da escritora paulista Hecilda Clark Ferreira. Colocando-se num ângulo oposto ao das feministas que só entendem a emancipação da mulher como uma tentativa para verdadeira masculinização, aquela publicista fixou a corrente real do pensamento feminino, no Brasil, sem excessos nem exotismos. Numa palestra com O GLOBO, a Sra. Hecilda Clark Ferreira assim explica a sua tese:

– Realmente, a tese que tive a honra de apresentar à Convenção versou sobre o preparo cultural da mulher, tanto assim que a intitulei de “A cooperação da mulher como fator imprescindível à civilização dos povos, e a cultura como veículo seguro à emancipação

da mulher”. No meu ponto de vista, a educação deve ser a maior preocupação da mulher, porquê sem instrução não pode haver nacionalidade forte. A mulher é a mestra por excelência como formadora de caracteres; e a condutora dos filhos pelos labirintos intrincados da vida. Pela imprensa e na tribuna venho, há longo tempo, tratando do magno assunto, desdobrando temas nos seus diferentes aspectos, exemplificando fatos, focalizando épocas afim de caracterizar as minhas afirmativas em relação à questão. Francamente a vitória do feminismo não está na dependência da masculinização da mulher, de vez que é ilógica e inadmissível essa pretensa igualdade que se quer estabelecer, conduzindo a mulher pelos caminhos mais tortuosos para a mais completa decadência. Julgo errôneas as opiniões que vêm medrando nesse terreno tão ingrato, que só tem servido para desorientar os adeptos sinceros e a ação dos propugnadores do verdadeiro feminismo, cujo êxito depende, unicamente, de um preparo racional afim de que venha da adolescência a convicção do ideal, e assim aprenda a mulher a observar, sem esquecer jamais que ela entra na existência com a sagrada missão de orientadora dos filhos que serão os homens do futuro. É necessário afirmar que à mulher cabe a elevada missão de transmitir, com acerto, aos descendentes de uma raça o conceito perfeito dos deveres para com a família, a sociedade, a Pátria e a humanidade. Só considero equivalentes os direitos que outorgam capacidade intelectual na conquista do renome, nas letras, nas artes, nas ciências e na política. Na minha juventude, quando a inteligência se me foi aclarando para os diversos conhecimentos da vida, comecei a pensar seriamente na emancipação da mulher, certa de que a sua vitória depende sobretudo do preparo intelectual, da educação que se venha processando através das gerações.

O texto “Feminismo não é masculinização” foi publicado pelo jornal O Globo, em 21 de novembro de 1942, e apresenta a opinião da escritora paulista Hecilda Clark Ferreira sobre o feminismo. Segundo o texto, a escritora participou da IV Convenção Nacional de Mulheres e apresentou uma tese que, segundo O Globo, “obteve singular êxito e repercussão”. Nessa frase, a escolha do vocabulário, tal como “singular êxito”, demonstra que as concepções sobre o que seria um “bom feminismo” que a escritora defende são compartilhadas pelo jornal, conforme ponderarei posteriormente.

No que se relaciona ao contexto político e social da época, importante acontecimento foi o início do Estado Novo, em 1937, instituído por Getúlio Vargas que, em 1939, criou o “Departamento de Imprensa e Propaganda”, órgão responsável pela censura aos meios de comunicação e pela propaganda oficial. Nesse período, o Brasil permaneceu tomado pelo regime ditatorial que durou até 1945.

Com relação aos aspectos econômicos, a Segunda Guerra Mundial e os primeiros anos do pós-guerra proporcionaram um clima favorável ao crescimento econômico nacional, de modo que com a redução das importações impostas pelo conflito, a industrialização cresceu e a produção agrícola diversificou-se. Além disso,

também ocorreram importantes iniciativas nas áreas de transporte e energia, com a abertura de estradas, ampliação de portos e construção de usinas hidrelétricas.<sup>59</sup>

Sobre os aspectos estruturais do texto “Feminismo não é masculinização”, uma vez que identificamos dois gêneros textuais – “entrevista” e “artigo de opinião” –, encontramos características de ambos. O texto apresenta algumas informações sobre a escritora que expõe sua opinião sobre o tema – feminismo, e a presença de aspas nos indica que se trata de um discurso direto, caracterizando, desse modo, uma entrevista. Posteriormente, há um longo trecho no qual a entrevistada – sobre a qual não obtive êxito ao realizar busca biográfica – defende sua tese. Nessa parte do texto, notamos argumentos que tentam convencer o leitor sobre a tese que a escritora defende, e essa característica está relacionada ao gênero textual “artigo de opinião” (SANTOS & MELO, 2012).

O título do texto “Feminismo não é masculinização...” é seguido de dois subtítulos: “A mulher é a mestra por excelência como formadora de caracteres e a condutora dos filhos pelos labirintos da vida” (que está originalmente entre aspas, indicando que se trata de uma fala da entrevistada) e “Só no terreno intelectual é que devem ser equivalentes os direitos dos dois sexos – Outras surpresas na sinceridade da tese de uma escritora paulista”. Nos fragmentos (A) e (B), a seguir, notamos os contextos em que são retomados o título do texto:

(A) Colocando-se num ângulo oposto ao das feministas que só entendem **a emancipação da mulher como uma tentativa para verdadeira masculinização**, aquela publicista fixou a corrente real do pensamento feminino, no Brasil, sem excessos nem exotismos.

(B) Francamente **a vitória do feminismo não está na dependência da masculinização** da mulher, de vez que **é ilógica e inadmissível essa pretensa igualdade que se quer estabelecer**, conduzindo a mulher pelos caminhos mais tortuosos para a mais completa decadência.

O primeiro fragmento (A) relaciona-se à parte do texto produzida pela editoria do jornal, e o segundo fragmento (B), é um recorte da fala da entrevistada, Hecilda Clark Ferreira. Desse modo, no fragmento (A), o jornal O Globo transparece, por meio da frase “aquela publicista fixou a corrente real do pensamento feminino, no Brasil, sem excessos nem exotismos”, que a opinião da escritora sobre o tema

<sup>59</sup> Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/visitantes/panorama-das-decadas/decada-de-40>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

expressa a opinião das mulheres em geral. E, além disso, que ideias diferentes das apontadas por Hecilda são “excessos” e “exotismos”. Esse último termo apresenta como sinônimos, entre outros, as palavras “esquisitice”, “incomum” e “excentricidade”<sup>60</sup>, possivelmente evidenciando a perspectiva (negativa) do jornal sobre um feminismo diferente daquele pensando por Hecilda.

Neste contexto, notamos o jornal O Globo exercendo algumas das funções básicas da mídia, que são, para Alexandre (2001, p. 113): “informar, divertir, persuadir e ensinar”, conforme apontei no capítulo sobre comunicação de massa. Ademais, a frase da escritora, no fragmento (B), “é ilógica e inadmissível essa pretensa igualdade que se quer estabelecer”, demonstra que, segundo sua opinião, o feminismo que busca igualdade tende à masculinização e não é positivo, é “irracional” – ao considerar a sinonímia da palavra “ilógico”. É importante considerar que comumente na sociedade o que está relacionado à irracionalidade é avaliado como inferior ao que está no campo da racionalidade.

No fragmento (C), percebemos as características que a escritora entrevistada atribui ao “verdadeiro” ou “bom” feminismo, que estaria, segundo ela, atrelado à racionalidade:

(C) Julgo errôneas as opiniões que vêm medrando nesse terreno tão ingrato, que só tem servido para desorientar os **adeptos sinceros** e a ação dos propugnadores do **verdadeiro feminismo**, cujo êxito depende, unicamente, de um preparo racional afim de que venha da adolescência a convicção do ideal, e assim **aprenda a mulher a observar, sem esquecer jamais que ela entra na existência com a sagrada missão de orientadora dos filhos que serão os homens do futuro.**

O fragmento (C) acima, mostra que a autora considera que os adeptos de um conceito de feminismo diferente do dela não são sinceros: “só tem servido para desorientar os adeptos sinceros”. Ademais, na frase “aprenda a mulher a observar, sem esquecer jamais que ela entra na existência com a sagrada missão de orientadora dos filhos que serão os homens do futuro”, percebemos a concepção biológica da função social da mulher, ideologia que foi culturalmente naturalizada entre as pessoas. Sobre isso, Giffin (1991, pp. 190-191) pondera que

<sup>60</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/exotismo/>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

[...] antes do ressurgimento do movimento feminista na década de 60, a identidade feminina e a condição social da mulher eram referidas a fatores biológicos: estatura menor, menor força muscular, as dimensões do cérebro e o processo reprodutivo que "enfraquecia" caracterizavam a chamada "inferioridade biológica da mulher" (SCHELKY, 1955) — conceito aceito tanto no discurso científico como na sociedade em geral. Na mulher feita para ser mãe (ter um útero significa parir) via-se uma correspondência perfeita entre atributos físicos e funções sociais.

A ideia desse determinismo biológico feminino foi contestada por Simone de Beauvoir mais de 20 anos depois, a partir da célebre frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (1967 [1949], p.9). Para a escritora francesa, conforme apontei no Capítulo 2 deste trabalho, a identidade feminina é formada no âmbito da cultura e, portanto, é histórica e social. Contudo, no ano de 1942, muito anterior às discussões influenciadas por Simone, o feminismo que discutia esse determinismo biológico parecia ser bastante questionado (e repudiado) até mesmo pelas mulheres, como notamos por meio da opinião de Hecilda, a entrevistada no texto. Nesse cenário, o trecho (D) também vai ao encontro da compreensão biológica do papel da mulher:

(D) É necessário afirmar que **à mulher cabe a elevada missão de transmitir, com acerto, aos descendentes de uma raça o conceito perfeito dos deveres para com a família, a sociedade, a Pátria e a humanidade.**

Por meio do uso da palavra “missão”, a escritora sugere que a mulher nasceu para tal função, a de educar não só os filhos, mas transmitir bons valores para toda a sociedade. Ou seja, segundo as ideias de Hecilda e corroborado pelo jornal O Globo, a mulher deve agir de modo a ser um exemplo para a sociedade. Nesse ponto, é importante lembrarmos que o país vivia sob a ditadura de Vargas no Estado Novo (1937-1945), época em que havia grande incentivo e propaganda do Estado em promover as características que faziam dos homens cidadãos, como o trabalho e a família.

Desse modo, Castro Gomes (1999, p. 66) afirma que “era pela família que o Estado chegava ao homem e este chegava ao Estado. Ela era a ‘célula política primária’ [...]. A preocupação com a família era, portanto, uma questão central à proteção do homem brasileiro e ao próprio progresso material e moral do país”. Assim, podemos considerar que, possivelmente, manter as mulheres em casa e

incentivá-las ao papel social do cuidado do lar e da família também eram de interesse do Estado.

Nos trechos seguintes (E) e (F), Hecilda demonstra o que acredita estar relacionado ao “bom feminismo”. Segundo ela, a emancipação deve atrelar-se à educação da mulher:

(E) Realmente, a tese que tive a honra de apresentar à Convenção versou sobre o preparo cultural da mulher, tanto assim que a intitulei de “A cooperação da mulher como fator imprescindível à civilização dos povos, **e a cultura como veículo seguro à emancipação da mulher**”. No meu ponto de vista, **a educação deve ser a maior preocupação da mulher**, porquê sem instrução não pode haver nacionalidade forte.

(F) **Só considero equivalentes os direitos que outorgam capacidade intelectual na conquista do renome, nas letras, nas artes, nas ciências e na política.** Na minha juventude, quando a inteligência se me foi aclarando para os diversos conhecimentos da vida, comecei a pensar seriamente na emancipação da mulher, certa de que a sua vitória depende sobretudo do preparo intelectual, da educação que se venha processando através das gerações.

Por meio da leitura dos fragmentos (E) e (F), notamos que a escritora considera que apenas no campo da intelectualidade é que os direitos entre homens e mulheres são equivalentes. Ela afirma que a cultura é “veículo seguro” para a emancipação, demonstrando um certo receio do que a liberdade feminina poderia significar para a mulher. No fragmento (B), observamos que Hecilda sugere que o “mal feminismo”, ou seja, aquele que busca igualdade em outros campos que não a educação, pode conduzir “a mulher pelos caminhos mais tortuosos para a mais completa decadência”. Essa frase revela medo e insegurança mediante os questionamentos e mudanças que aconteciam com relação à vida da mulher na sociedade.

Esses aspectos do texto “feminismo não é masculinização”, de 1942, no que se relaciona ao que deveria ser considerado um “bom feminismo”, vai ao encontro das ideias expressas no texto “O Exemplo de D. Heloisa Alberto Torres”, de 1925, principalmente no trecho:

[...] Junte-se a isso a força sugestiva do exemplo que D. Heloisa vem dar ao feminismo mostrando como ele não se deve voltar para o palanfrório e politiquice, para a discussão dos sexos e do amor, dos

direitos no lar e na rua e, sim, para a ciência, ou para o trabalho apropriado e honroso (trecho do ano de 1925, texto 1).

Percebemos, então, que ambos consideram que o feminismo correto e que deveria ser seguido pelas mulheres deveria ser o que lutasse por direitos iguais apenas no campo da educação e da ciência.

Portanto, conforme as reflexões sobre o discurso jornalístico do ano de 1942 sugerem, aceitava-se um feminismo com ressalvas - não muito diferente daquele de 1925 - e ainda com muita dificuldade em considerar a mulher com “novos olhos”, direcionados à liberdade nos diversos meios sociais. Nesse cenário, a mídia pôde, possivelmente, contribuir para, através de uma autorreflexão do público feminino leitor, inibir movimentos de emancipação feminina que visassem a igualdade de direitos em setores além da educação.

Para Fairclough (1997), contudo, a reflexividade crítica é o caminho para uma possível desconstrução das relações assimétricas presentes na sociedade e ela pode ocorrer nos diferentes contextos, considerando que os leitores são construtores ativos dos significados que consomem. Nesse sentido,

[...] não se pode pressupor que os indivíduos que recebem as mensagens da mídia, pelo simples fato de recebê-las, serão impelidos a agir de maneira imitativa e conformista e, com isso, tornarem-se prisioneiros de uma ordem social que suas ações – e as mensagens que, supostamente, os impeliram – prestam-se a reproduzir (THOMPSON, 1994, p. 345).

Assim, trazer à tona aspectos (ocultos) de opressão presentes no discurso é um modo de caminhar para a mudança social e um degrau para a construção da igualdade. Nesse caso, a igualdade entre os sexos.

#### **5.4 Como juízes, criminalistas, autoridades, advogados e advogadas encaram o projeto da mulher-comissário e até da mulher-chefe de polícia**

O texto selecionado para a década de 1950 intitula-se “Como juízes, criminalistas, autoridades, advogados e advogadas encaram o projeto da mulher-comissário e até da mulher-chefe de polícia”. O objetivo do texto é apresentar opiniões de várias pessoas que, segundo o autor, são “ligadas à criminologia”, sobre a criação de um departamento de polícia feminino. O texto foi publicado em 18 de julho de 1951:

Texto 4 (ANEXO 4):

18 de julho de 1951, Matutina, Geral, página 7

De Xavier de Montepin ao Senador Mozart Lago...

Como juízes, criminalistas, autoridades, advogados e advogadas encaram o projeto da mulher-comissário e até da mulher-chefe de polícia.

Prós e contras dos homens – Predomina a opinião de que seria excelente no ramo da assistência (sic) social ou no serviço de menores – Agora, ou quando?

Se não estamos errados, quem primeiro viu que a polícia precisava do concurso da mulher, foi um folhetinista famoso, Xavier de Montepin, isso muito antes de Miss Pankhurst lançar o movimento das sufragistas que iniciou o moderno feminismo [...]. Mas, deixemos a novela e entremos na vida real. Ao que parece, nossa polícia vai ter um Departamento Feminino. Pelo menos o senador Mozart Lago, apresentou um projeto nesse sentido, a ser discutido pela Câmara Alta.

Assim, vemos que as mulheres continuam a preocupar os homens. Com outras preocupações, além daquelas que têm dado ao mundo masculino, desde as mais remotas idades. Ao mesmo tempo que se agita a Academia Brasileira de Letras, sobre o ingresso, no Petit Trianon, das escritoras e poetisas nacionais, reservando para o sexo gentil algumas cadeiras de seu mobiliário consagratorio, aparece esse projeto no Senado, resultando de uma antiga campanha de nosso feminismo, por meio de suas associações de combate, em prol dos direitos femininos [...]

Dado a repercussão do caso e às (sic) modificações que trará a criação do Departamento Feminino, em nossa organização policial, procuramos colher impressões, a respeito, entre personalidades de diversas maneiras ligadas aos problemas da criminologia.

Equidade observa o juiz

Interrogado o juiz Alcino Pinto Falcão, assim se pronunciou:

– O projeto é original, sem dúvida, é extravagante à primeira vista, em alguns de seus aspectos. Não deixa, porém, de ter fundamento, sobretudo por sua equidade. Se a mulher, através dos anos, conseguiu se colocar em pé de igualdade, com o homem, cabe-lhe, naturalmente, os mesmos direitos, inclusive o de exercer cargos de polícia. [...]. Acabemos, portanto, com os velhos preconceitos. Os homens devem fazer sacrifício de sua vaidade e de seu exclusivismo: precisamos progredir, sobretudo em um meio de tanta importância para a sociedade.

Prudência – adverte o chefe de seção

O Sr. Martins Alonso, chefe da Seção de Roubos, não viu o caso com bons olhos.

– Não é boa essa ideia. Já foi feita, nesse sentido, uma tentativa, em 1934, quando chefe de Polícia o Sr. Felinto Muller. A nomeação de comissários do belo sexo fracassou, entretanto. Penso que nova medida no sentido de entregar cargos da polícia às mulheres, deve ser precedida de acurados estudos. Em todo o caso, acho que a criação de um Departamento Feminino de Polícia seria um exagero. Aliás, devo dizer que, em uma reforma que estamos planejando, inclui-se uma Delegacia de Assistência Social, entregue a funcionários do sexo feminino, substituindo a atual Delegacia de Menores. Essa repartição trabalhará articulada com a Legião Brasileira de Assistência. Não chegamos, porém, ao cúmulo de nomear uma mulher para o cargo de chefe de Polícia.

Disparate – diz o inspetor

O Sr. Cecil Borer, inspetor do Setor Trabalhista, na Divisão de Polícia Política e Social também é contrário:

– Não li ainda o projeto. Mas parece-me um disparate. Seria caso único no mundo! E não vejo por onde traria vantagens reais à polícia [...]

Prematuro – pondera o penitenciário

O capitão Vitorio Canepa, diretor da Penitenciária Central, também é a favor, mas com restrições:

– Será um grande passo na questão sócio-policial do Brasil. Apenas suponho que ainda não estamos preparados para tal inovação. Nos Estados Unidos, onde o nível cultural é mais elevado do que o nosso, a experiência não deu resultados satisfatórios. E, sem dúvida, a grande maioria dos cargos policiais só pode ser exercida por homens.

Indispensável – afirma a advogada

Quisemos ouvir também a palavra de alguns líderes femininos. Procuramos a doutora Sylvia Moncorvo que já foi candidata a cargo de polícia:

– Como sabem, fui a única candidata em um concurso realizado em 1932, para o cargo de comissário de polícia. Aprovada, só não aceitei a investidura, devido à oposição de meu pai. Acho, portanto, admirável a ideia agora consubstanciada nesse projeto. Pronunciei muitos discursos e conferencias pleiteando a participação da mulher na organização policial, onde considero sua presença indispensável.

Ótimo – qualifica o diretor geral

O Sr. Cesar Garoez, diretor geral da Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras, teceu comentários elogiosos ao projeto:

– O projeto é o desdobramento de um outro, também do Sr. Mozart Lago, facultando às mulheres o ingresso na carreira de comissário de polícia. Considero-o digno de aplausos. A polícia precisa evoluir. Há um setor, entretanto, mais interessante, para o trabalho feminino – a assistência social [...]

Grande conquista – conclui a vereadora

Outra voz feminina que procuramos ouvir neste inquérito foi a da vereadora Ligia Lessa Bastos:

– Há muito que esse problema é discutido [...]. Acho que será uma grande conquista, não feminina, mas de polícia social. Em via de regra, as detidas em grau primário e as presas por suspeita, acabam ingressando na carreira do crime, dada a incompetência e a corrupção de agentes policiais inescrupulosos.

Como se vê, o assunto está interessando vivamente a opinião dos que mais diretamente estão ligados ao problema sócio-policial, verificando-se das opiniões expedidas acima, que, se há alguns votos radicalmente contrários ao projeto, a maioria se pronuncia favoravelmente a uma medida que, além de marcar grande progresso em nosso sistema policial, parece corresponder a necessidades prementes da organização e que fundamentam o projeto do senador Mozart Lobo.

O texto apresenta aspectos semelhantes aos relacionados ao gênero textual “artigo de opinião” e apresenta ideias de algumas pessoas sobre a criação de um departamento feminino na delegacia. Assim, o texto expõe argumentos que embasam opiniões contra e a favor da criação do departamento.

Nos anos 1950, de modo geral, a imprensa brasileira continuava a transformação iniciada nos anos 1940. Era o início da busca por neutralidade e objetividade na mídia e a expansão dos jornais brasileiros ocorria, muitas vezes, atrelada a empréstimos a bancos. Para Ribeiro (2003, p. 158),

[...] ao incorporar as novas técnicas e o ideal da objetividade, se afastando da literatura e recusando vínculos explícitos com a política, o campo jornalístico transformou-se numa comunidade discursiva

própria e criou as condições sociais da sua eficácia. Reformar os jornais, afiná-los aos padrões norte-americanos, ainda que apenas retoricamente, significava inseri-los formalmente na "modernidade". No contexto dos anos 1950-60, significava conferir ao campo jornalístico um capital simbólico sem precedentes, significava fazer do seu discurso uma "fala autorizada" e transformar a imprensa em um ator social reconhecido.

Desse modo, naquela época, o discurso jornalístico firmava-se como “espelho da verdade”, deixando de ser o lugar da polêmica de pensamentos e da produção literária. Os acontecimentos, concebidos como notícia, passariam a ser a unidade básica de constituição dos jornais e seriam compreendidos como emergindo naturalmente do mundo real. Além disso, a racionalização da produção conduzia para a implantação de um jornalismo de massa no país (RIBEIRO, 2003). Ademais, no que tange aos aspectos políticos e sociais da época, a década de 1950 foi marcada pelo fim do Estado Novo e do governo Getúlio Vargas, que cometeu suicídio em 1954, além do início das transmissões de televisão. Sobre a televisão, conforme aponta Jambeiro (2008, p. 89),

[...] o início de sua consolidação, como veículo de massa, deu-se em 1945, após a guerra, a partir de quando rapidamente se desenvolveu e se expandiu [...]. No Brasil, prevista na legislação emitida pelo Governo Provisório da Revolução de 1930, a televisão (então chamada Radiotelevisão, numa referência direta ao fato de as imagens circularem no espectro eletromagnético por meio de ondas de rádio) somente foi implantada no Brasil em 1950.

Desse modo, já que a implantação da televisão estava se iniciando nos anos de 1950, percebemos que a mídia impressa era ainda uma das poucas fontes de informação sobre acontecimentos, além do rádio. Era, então, o início de uma construção do poder da mídia que influenciaria, de forma profunda, o modo como as pessoas veriam a si mesmas e a construção de suas identidades até os dias atuais. Nesse sentido, Figueiredo (2006, p. 208) afirma que “[...] o comportamento dos indivíduos é formado pelo processo de internalização do discurso público na forma de ideias”.

O texto do jornal O Globo a ser analisado, selecionado para a década de 1950, apresenta três títulos que antecipam seu conteúdo: “De Xavier de Montepin ao Senador Mozart Lago...”, “Como juízes, criminalistas, autoridades, advogados e advogadas encaram o projeto da mulher-comissário e até da mulher-chefe de

polícia” e “Prós e contras dos homens – Predomina a opinião de que seria excelente no ramo da assistência (sic) social ou no serviço de menores – Agora, ou quando? ”.

Xavier de Montepin era, segundo o autor do texto – sobre quem não há identificação –, um folhetinista famoso que escreveu uma novela na qual a mulher aparecia como policial. Já Mozart Lago era um senador que elaborou um projeto que propunha a criação de um departamento feminino na polícia. Os outros dois títulos demonstram sobre o que será o conteúdo do texto – as opiniões contrárias e favoráveis sobre a criação desse departamento – e antecipam parte das opiniões.

Através da leitura do fragmento (A) a seguir, informamos-nos sobre alguns aspectos da vida social da mulher da época:

(A) [...] Vemos que as mulheres **continuam a preocupar os homens**. Com outras preocupações, além daquelas que têm dado ao mundo masculino, desde as mais remotas idades. Ao mesmo tempo que se agita a Academia Brasileira de Letras, sobre o ingresso, no Petit Trianon, das escritoras e poetisas nacionais, reservando para o **sexo gentil** algumas cadeiras de seu mobiliário consagratorio, aparece esse projeto no Senado, resultando de uma antiga campanha de nosso feminismo, por meio de suas associações de combate, em prol dos direitos femininos.

Como notamos no fragmento (A), o jornal aponta para uma discussão sobre a ocupação feminina de cadeiras na Academia Brasileira de Letras (doravante ACB). O jornal designa-as como “mobiliário consagratório”, evidenciando a posição social de destaque assumida por quem as ocupa. Segundo Fanini (2010, p.346),

[...] o projeto inaugural a partir do qual a Academia Brasileira de Letras foi criada assegurou-lhe uma compleição marcadamente androcêntrica, característica esta que permaneceu inalterada por décadas a fio. Com isso, a elegibilidade feminina, ainda que tenha integrado a pauta de algumas das incontáveis sessões acadêmicas, foi mantida fora de cogitação, precisamente durante os oitenta primeiros anos de sua existência, ora em decorrência de um acordo tácito – inicialmente estabelecido entre seus membros fundadores, mas logo transformado em legado –, ora respaldada pelo Regimento Interno.

Assim, apesar de a ACB ter sido criada no ano de 1897, às mulheres só foi permitida a possibilidade de candidatura em 1976, ano em que o Art. 17 do Regimento Interno, que até então restringia a eleição aos “brasileiros do sexo masculino”, foi alterado (FANINI, 2010).

Notamos ainda, no trecho (A), a frase “**Vemos** que as mulheres **continuam** a preocupar os homens. Com outras preocupações, além daquelas que têm dado ao mundo masculino, desde as mais remotas idades”. Nela, o uso do verbo “vemos” na 1ª pessoa do plural evidencia que a afirmação se trata de algo também compartilhado pelo leitor, uma informação de senso comum. Já o uso do verbo “continuar”, insinua que a preocupação que as mulheres produzem aos homens é algo que já ocorre há muito tempo e, agora, segundo o jornal, aparece por meio das discussões na ACB e no projeto do senado. Portanto, para o jornal, a possibilidade de as mulheres ocuparem cadeiras na ACB e a elaboração do projeto que prevê a criação de um departamento de polícia feminino são assuntos preocupantes aos homens.

O fragmento (A) evidencia que o discurso apresentado pelo jornal é repleto de ideologias que estão atreladas às relações hegemônicas entre homens e mulheres. Por um lado, os homens tentam manter-se no poder de modo a serem os únicos a ocuparem diversos espaços públicos, por exemplo, e as mulheres, por outro lado, lutam em busca de direitos iguais.

Conforme apontam Resende e Ramalho (2006), para Fairclough (1997, 2001a) as relações hegemônicas são caracterizadas como o domínio exercido pelo poder de um grupo sobre os demais, baseado mais no consenso que no uso da força. Desse modo, a hegemonia e a luta hegemônica assumem a forma da prática discursiva a partir da dialética entre discurso e sociedade – hegemônias são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso (FAIRCLOUGH, 1997). Por isso, A ACD busca “[...] analisar não somente a gramática da língua como estrutura de regularidades, mas também o discurso que sustenta e elabora todo um modo de ver o mundo” (PRADO & MOTTA-ROTH, 2006, p. 161).

Nesse sentido, as relações hegemônicas também transparecem na frase do fragmento (A): “[...] **resultando** de uma antiga campanha de nosso feminismo, por meio de suas associações de combate, em prol dos direitos femininos”. Essa frase demonstra que os temas sobre os quais o jornal se refere – ACB e polícia feminina - são resultados do feminismo e, apesar da perspectiva negativa apresentada pelo jornal sobre os temas apresentados, o uso do pronome “nosso” parece mostrar que o feminismo é algo que deva ser pensado por todos, em um aspecto compartilhado.

No fragmento (A), o jornal aponta também para as “associações de combate” feministas que tinham a função de lutar por direitos iguais. Segundo Costa Pinheiro, 1981 (*apud* TIMOTEO, 2013, p. 94),

[...] em toda América Latina, as mulheres se organizaram em clubes de mães, associações de combate ao aumento do custo de vida, nas associações de bairros, nas lutas por demandas sociais (escolas, hospitais, saneamento básico, creches, transporte etc.), pelo direito à terra e à segurança. No Brasil, as organizações femininas, sob a orientação do Partido Comunista Brasileiro, como a União Feminina criada para atender a política de “frente popular” estabelecida pela Terceira Internacional em 1935, e o Comitê de Mulheres pela Anistia em 1945, tiveram amplo poder de articulação e mobilização feminina.

Desse modo, percebemos, por meio da leitura do texto, que as discussões sobre os direitos femininos em 1950 estavam associadas à existência de grupos feministas que lutavam pelos direitos das mulheres. Como afirmam Marques e Melo (2008), era um momento no qual Bertha Lutz<sup>61</sup> atuava na política de modo a encaminhar os direitos civis das mulheres, fazendo o assunto tramitar no congresso.

Outro aspecto importante no que se relaciona aos aspectos formais do texto, ainda no fragmento (A), é a designação das mulheres pelo jornal como “sexo gentil”. Posteriormente, no fragmento (C), notaremos também o modo como o chefe da seção de roubos designa as mulheres: “belo sexo”. Nas reflexões sobre os textos dos anos anteriores, ponderei sobre o modo como às mulheres estão, frequentemente, atreladas características (de feminilidade) que tendem à delicadeza, à gentileza, à calma, à beleza, ao pudor, entre outros, e isso é significativo neste texto também. Por meio do uso das palavras “gentil” e “belo”, podemos inferir que essas qualidades são conferidas às mulheres de um modo geral, como atributo do gênero. Assim, elas devem ser reconhecidas pela beleza e pela gentileza que lhe são pertinentes.

Para Liebes-Plesner (1984, p. 186 *apud* Figueiredo, 2006, p.208), “a sociedade não consegue perceber que a personalidade de uma mulher pode combinar diferentes características”. Neste trabalho, considero a concepção de

---

<sup>61</sup> Conforme apontei no Capítulo 2 deste trabalho, Maria Lacerda de Moura e a bióloga Bertha Lutz fundaram no Rio de Janeiro a “Liga para a Emancipação Internacional da Mulher”, um grupo de estudos cuja preocupação principal era batalhar pela igualdade política das mulheres”. Posteriormente, Bertha fundou também a “Federação Brasileira pelo Progresso Feminino”, para auxílio da luta pela conquista do voto feminino, que se tornou realidade em 1934.

gênero como categoria socialmente construída influenciada pelos diversos aspectos que acompanham a vida do sujeito historicamente situado (HEBERLE, OSTERMANN e FIGUEIREDO, 2006).

No que se relaciona às ideias das pessoas convidadas a opinarem sobre o assunto do texto, o fragmento (B) nos informa sobre a opinião do juiz Alcino Pinto Falcão:

(B) Interrogado o juiz Alcino Pinto Falcão, assim se pronunciou:  
 – O projeto é original, sem dúvida, é **extravagante** à primeira vista, em alguns de seus aspectos. Não deixa, porém, de ter **fundamento**, sobretudo por sua **equidade** [...]. Acabemos, portanto, com os velhos preconceitos. Os homens devem fazer **sacrifício de sua vaidade e de seu exclusivismo**: precisamos progredir, sobretudo em um meio de tanta importância para a sociedade.

No fragmento (B), o uso das aspas nos indica o início do discurso do juiz, no qual percebemos que, para ele, a criação do departamento feminino na polícia é algo “extravagante”, mas tem “fundamento” principalmente por sua “equidade”. Entre os adjetivos sinônimos da palavra “extravagante”, encontramos “esquisito” e “insensato”<sup>62</sup>, mostrando que, apesar de o juiz acreditar que a ação poderia causar um estranhamento inicial, soar como uma insensatez, por meio da frase “Não deixa, porém, de ter fundamento, sobretudo por sua equidade”, ele demonstra-se favorável a ela e considera o acontecimento “justo”.

Ademais, o juiz afirma que “os homens devem fazer sacrifício de sua vaidade e de seu exclusivismo: precisamos progredir, sobretudo em um meio de tanta importância para a sociedade”. Nessa frase, deparamo-nos, mais uma vez, com sentidos que levam às relações hegemônicas que são ideologicamente cristalizadas na sociedade. Assim, o “exclusivismo” e a “vaidade” dos homens, segundo o juiz, precisam de “sacrifício”. No discurso religioso, a palavra sacrifício está relacionada à renúncia de algo por motivos morais ou religiosos<sup>63</sup> e, geralmente, essa renúncia refere-se a algo de grande importância para aquele que a realiza.

Nos próximos dois fragmentos (C) e (D) do Texto 4, percebemos que os dois opinantes não são favoráveis à criação do departamento feminino e acreditam que as mulheres devem atuar em assuntos relativos à assistência social:

<sup>62</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=Mnn0>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

<sup>63</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=sacrificio>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

(C) Prudência – adverte o chefe de seção

O Sr. Martins Alonso, chefe da Seção de Roubos, não viu o caso com bons olhos.

– Não é boa essa ideia. Já foi feita, nesse sentido, uma tentativa, em 1934, quando chefe de Polícia o Sr. Felinto Muller. A nomeação de comissários do **belo sexo** fracassou, entretanto. Penso que nova medida no sentido de entregar cargos da polícia às mulheres, deve ser precedida de acurados estudos. Em todo o caso, acho que a criação de um Departamento Feminino de Polícia seria um **exagero**. Aliás, **devo dizer que, em uma reforma que estamos planejando, inclui-se uma Delegacia de Assistência Social, entregue a funcionários do sexo feminino**, substituindo a atual Delegacia de Menores. Essa repartição trabalhará articulada com a Legião Brasileira de Assistência. Não chegamos, porém, ao **cúmulo** de nomear uma mulher para o cargo de chefe de Polícia.

(D) Ótimo – qualifica o diretor geral

O Sr. Cesar Garoez, diretor geral da Polícia Marítima, Aérea e de Fronteiras, teceu comentários elogiosos ao projeto:

– O projeto é o desdobramento de um outro, também do Sr. Mozart Lago, facultando às mulheres o ingresso na carreira de comissário de polícia. Considero-o digno de aplausos. A polícia precisa evoluir. Há um setor, entretanto, mais interessante, para o trabalho feminino – **a assistência social [...]**.

Por meio da leitura dos trechos (C) e (D), percebemos que, apesar de a opinião do Sr. Martins Alonso estar resumida pela palavra “prudência” e as ideias do Sr. Cesar Garoez pela palavra “ótimo”, as duas são muito semelhantes e consideram que o trabalho feminino é condizente apenas com a assistência social. Além disso, Martins Alonso usa a palavra “exagero” para referir-se à criação do departamento feminino e afirma “penso que nova medida no sentido de entregar cargos da polícia às mulheres, deve ser precedida de acurados estudos”. Nessa frase, podemos inferir que o chefe da seção de roubos preocupava-se com as reações possíveis das mulheres ao atuarem nesses cargos e, por isso, sugeria que fossem realizados estudos que as previssem. Ademais, a frase “não chegamos, porém, ao **cúmulo** de nomear uma mulher para o cargo de chefe de Polícia”, demonstra, através do uso da palavra “cúmulo”, o quanto Martins Alonso é contrário à ideia de as mulheres ocuparem cargos de destaque na polícia.

As ideias presentes nos trechos (E) e (F) também demonstram opiniões negativas sobre o assunto:

(E) Disparate – diz o inspetor

O Sr. Cecil Borer, inspetor do Setor Trabalhista, na Divisão de Polícia Política e Social também é contrário: – Não li ainda o projeto. Mas parece-me um **disparate**. Seria caso único no mundo! E não vejo por onde traria vantagens reais à polícia.

(F) Prematuro – pondera o penitenciário

O capitão Vitorio Canepa, diretor da Penitenciária Central, também é a favor, mas com restrições: – Será um grande passo na questão sócio-policial do Brasil. Apenas suponho que ainda não estamos preparados para tal inovação. Nos Estados Unidos, onde o nível cultural é mais elevado do que o nosso, a experiência não deu resultados satisfatórios. E, **sem dúvida, a grande maioria dos cargos policiais só pode ser exercida por homens.**

Assim, percebemos, no fragmento (E), que o inspetor, Sr. Cecil Borer, acredita que a ação – criação do departamento feminino – seria um disparate e caso único no mundo. A palavra “disparate” apresenta os seguintes significados: ato ou pronunciado absurdo, sem lógica; contrassenso, desatino, despropósito<sup>64</sup>, evidenciando com ênfase a opinião contrária do inspetor sobre o assunto. Além disso, Cecil Borer afirma que seria caso único no mundo e, por meio do uso da exclamação, o texto demonstra a ênfase dessa afirmação. Ora, nas reflexões sobre o Texto 2, “As mulheres e o pão”, observamos que o autor afirmava que em países como Inglaterra e Rússia já havia departamentos de mulheres na polícia:

Ora, a Inglaterra acaba de **criar um corpo feminino de polícia das rodovias** [...]A Rússia, porém, (que aliás possui diversos regimentos do Exército Vermelho compostos só de mulheres) **não quer ficar atrás da Inglaterra em matéria de feminismo**. Não mostra, como esta, representantes no Parlamento, porque não tem Parlamento: porém o Comissário do Povo dos Negócios Interiores criou uma polícia feminina, cuja função é ocupar-se da vigilância dos costumes (fragmento do texto 2).

Assim, o que podemos refletir sobre esses aspectos é que discutir sobre a presença das mulheres em cargos de polícia já era assunto no Brasil desde os anos de 1930, sendo que, naquela época, opinava-se sobre mulheres exercendo a profissão – o que ainda era novidade, enquanto em 1950, discutia-se sobre a criação de um departamento feminino na polícia. Isso mostra um certo progresso ao olharmos com os “olhos de hoje” para esses debates do passado.

<sup>64</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=wQd4>>. Acesso em: 04 fev. 2017.

No fragmento (F), o capitão Vitorio Canepa demonstra uma opinião negativa sobre o assunto (apesar da afirmação do jornal de que sua opinião é positiva), principalmente, por meio da frase “E, sem dúvida, a grande maioria dos cargos policiais só pode ser exercida por homens”. Assim, a confusão sobre sua efetiva opinião pode ter sido gerada pela frase “ – Será um grande passo na questão sócio-policial do Brasil. Apenas suponho que ainda não estamos preparados para tal inovação”, que apresenta uma primeira afirmação positiva que é negada pela segunda, demonstrando que a opinião do capitão é efetivamente contrária à criação do departamento feminino.

Nos fragmentos (G) e (H), lemos as opiniões das duas entrevistadas mulheres sobre o tema em discussão:

(G) Indispensável – afirma a advogada

Quisemos ouvir também a palavra de alguns líderes femininos. Procuramos a doutora Sylvia Moncorvo que já foi candidata a cargo de polícia:

– Como sabem, fui a única candidata em um concurso realizado em 1932, para o cargo de comissário de polícia. Aprovada, só não aceitei a investidura, devido à oposição de meu pai. Acho, portanto, **admirável** a ideia agora consubstanciada nesse projeto. Pronunciei muitos discursos e conferencias pleiteando a participação da mulher na organização policial, onde considero sua presença **indispensável**.

(H) Grande conquista – conclui a vereadora

Outra voz feminina que procuramos ouvir neste inquérito foi a da vereadora Ligia Lessa Bastos: – Há muito que esse problema é discutido [...]. Acho que será uma **grande conquista**, não feminina, mas de polícia social. Em via de regra, as detidas em grau primário e as presas por suspeita, acabam ingressando na carreira do crime, dada a incompetência e a corrupção de agentes policiais inescrupulosos.

Conforme notamos, a doutora Sylvia Moncorvo – que já foi aprovada em cargo policial, mas não atuou devido à oposição do pai – opina a favor da criação do departamento feminino, considerando a presença da mulher neste setor “indispensável” e a ideia veiculada pelo projeto “admirável”. Já Ligia Lessa Bastos considera uma “grande conquista”, e aponta para os abusos cometidos por homens a mulheres no cenário da delegacia.

Por fim, no encerramento do texto, no fragmento (I), o autor afirma que a maioria das pessoas entrevistadas são favoráveis ao projeto:

(I) Como se vê, o assunto está interessando vivamente a opinião dos que mais diretamente estão ligados ao problema sócio-policial, **verificando-se das opiniões expedidas acima, que, se há alguns votos radicalmente contrários ao projeto, a maioria se pronuncia favoravelmente** a uma medida que, além de marcar grande progresso em nosso sistema policial, parece corresponder a necessidades prementes da organização e que fundamentam o projeto do senador Mozart Lobo.

Contudo, conforme as reflexões realizadas no decorrer da análise do texto, percebemos que as únicas pessoas realmente favoráveis à criação do departamento feminino de polícia são o juiz Alcino Pinto Falcão (trecho B) e as mulheres entrevistadas, doutora Sylvia Moncorvo (trecho G) e a vereadora Ligia Lessa Bastos (trecho H). Os outros entrevistados são a favor de que as mulheres atuem apenas no setor de assistência social.

Assim, o discurso do jornal parece atuar neste texto de modo que, apesar de se afirmar favorável ao projeto, elenca, em sua maioria, opiniões de pessoas que argumentam contra. Desse modo, podemos nos perguntar até que ponto o jornal seria efetivamente favorável e quais as intenções em sua motivação em parecer favorável ao projeto do senador Mozart Lobo. É importante lembrarmos, nesse ponto, que conforme apontei anteriormente, os anos 1950 caracterizaram-se por grandes empréstimos de bancos estatais a jornais, de modo a incentivar a expansão da imprensa no país. Podemos assim, sugerir, que a motivação do jornal na maneira de lidar com o assunto pode estar ligada às relações travadas entre políticos e a imprensa naquela época.

Conforme notamos neste texto, referente à década de 1950, as ideologias e as relações hegemônicas atuam nas representações simbólicas do jornal objetivando, neste caso, a manutenção das estruturas sociais nas quais às mulheres é limitado o acesso a alguns espaços públicos. Assim, ao considerarmos, tal como Figueiredo (2006), que o discurso transforma ideias em ações sociais, podemos refletir sobre que efeitos esses discursos podem ter evocado nas identidades femininas da época.

## 5.5 Simone de Beauvoir e a condição de mulher

O texto selecionado para a década de 1960 intitula-se “Simone de Beauvoir e a condição de mulher” e objetiva informar sobre a palestra da escritora francesa no Brasil, que aconteceu na Faculdade Nacional de Filosofia:

Texto 5 (ANEXO 5):

26 de agosto de 1960, Matutina, Geral, página 6

### Simone de Beauvoir e a condição de mulher

A romancista e pensadora Simone de Beauvoir, esposa do filósofo Jean Paul Sartre, pronunciou ontem, na Faculdade Nacional de Filosofia, uma conferência sob o título “A condição da mulher”, na qual abordou diversos aspectos da integração da mulher no mundo moderno. Reconheceu que o feminismo está superado, como movimento social, mas disse ser necessário que a mulher se capacite de sua condição e passe a integrar-se efetivamente no meio-ambiente em que vive, sentindo suas responsabilidades e seus deveres para com a comunidade. Afirmou que a mulher deve deixar de ser “objeto” e passar a “sujeito” da realidade em que está integrada, ajudando dessa maneira o homem a realizar plenamente seu destino social. Fez o retrospecto do papel da mulher dos diversos períodos da história e frisou que a atual condição é devida, em grande parte, à situação parasitária que sempre teve, desde a pré-história. Abordou também a situação da mulher nos Estados Unidos, dizendo que, na sua opinião, a sociedade americana não é um matriarcado, como muitos julgam, mas sim, um regime que prejudica tanto o homem como a mulher, pois ambos são massacrados pelo sistema de vida imposto pela filosofia da produção que vigora no país.

O texto supracitado foi publicado em 26 de agosto de 1960, e é uma notícia. Para Motta-Roth e Lovato (2009, p. 238),

[...] comumente é a notícia o gênero jornalístico que, junto com a reportagem, tem a função informativa na mídia (LAGE, 2004; FRANCESCHINI, 2004) [...]. A notícia é construída de acordo com técnicas jornalísticas específicas que dizem respeito à escolha de vocabulário, à ordenação de informação e ao tratamento das fontes (FRANCESCHINI, 2004, p. 148). Podemos identificar “notícia” como um acontecimento pontual em contraste com a “reportagem”, por exemplo, que discorre sobre um tema, apresentando uma interpretação sobre situações ou fatos relacionados a este (LAGE, 2005, p. 61).

Portanto, o objetivo de uma notícia é informar sobre um acontecimento relevante no país, de modo pontual, buscando uma linguagem clara, objetiva e isenta de opiniões. No texto em questão, notamos que o jornal apresenta, de modo

resumido, os assuntos que foram abordados por Simone na conferência realizada na Faculdade de Filosofia. Segundo Romano (2000, p. 120),

[...] Simone pronunciou uma conferência no Rio de Janeiro e outra em São Paulo, nas quais concentrou sua fala no problema da integração da mulher em todos os planos da sociedade e no da necessária ruptura com os preconceitos que, historicamente, a situam em posição de inferioridade em relação ao homem. Simone sempre voltava a frisar a importância da superação dessas barreiras para que a mulher pudesse realizar-se plenamente na vida.

Assim, conforme apontei no Capítulo 2 – sobre feminismo – deste trabalho, Simone de Beauvoir foi uma das pioneiras do feminismo no mundo e sua famosa frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (1967, p.9), presente no livro “O segundo sexo”, que foi tema de sua conferência no Brasil, contesta o pensamento tradicional de que a mulher nasceria com papéis designados – o determinismo biológico que apontei nas reflexões sobre os textos das décadas anteriores. Ao contrário, segundo a escritora, a identidade feminina é formada no âmbito da cultura e, portanto, é histórica e social. Nesse sentido,

[...] para Simone, o dado biológico não basta para definir a mulher, essa apenas se define ao retomar sua natureza revestida pelos valores projetados sobre ela. Assim, para além da necessidade do dado natural, o signo ‘mulher’ incorpora valores arbitrários postos na ação humana sobre o mundo material geradora de cultura (ROMANO, 2000, p. 121).

Desse modo, Simone de Beauvoir sugere que não existe um papel social feminino pré-determinado apenas pelo ato de nascer mulher, mas sim que a personalidade, a identidade feminina, deve ser algo construído mediante a reflexão da própria mulher sobre a pergunta “o que é ser mulher?”. Isso conforme notamos no seguinte trecho de “O segundo sexo” (BEAUVOIR, 1949[2009]):

[...] Todo mundo concorda que há fêmeas na espécie humana; constituem hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade: e, contudo, dizem-nos que a feminilidade ‘corre perigo’: e exortam-nos: sejam mulheres, permaneçam mulheres, ‘tomem-se mulheres’. Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto necessariamente mulher: cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. Será esta secretada pelos ovários? Ou estará congelada no fundo de um céu platônico? E bastará uma saia ruge-ruge para fazê-la descer à terra? Embora certas mulheres se esforcem por encarná-la, o modelo nunca foi

registrado. [...]. Se a função de fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também explicá-la pelo ‘eterno *feminino*’ e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na terra, teremos que formular a pergunta: que é uma mulher?

Conforme podemos perceber, as reflexões realizadas por Simone de Beauvoir na obra “O segundo sexo” orientam-se em direção à liberdade feminina, no sentido de que a mulher possa ser o que quiser socialmente. Contudo, a leitura do texto do jornal O Globo, ao resumir os assuntos que a escritora tratou no Brasil, transparece contrariedade às ideias feministas de Simone de Beauvoir e promove uma “função feminina” na qual cabe à mulher apoiar o homem, como notamos no trecho (A) abaixo:

(A) Reconheceu que **o feminismo está superado, como movimento social**, mas disse ser necessário que a mulher se capacite de sua condição e passe a integrar-se efetivamente no meio-ambiente em que vive, sentindo suas responsabilidades e seus deveres para com a comunidade. Afirmou que a mulher deve deixar de ser “objeto” e passar a “sujeito” da realidade em que está integrada, **ajudando dessa maneira o homem a realizar plenamente seu destino social**.

Assim, notamos, no fragmento (A) que, segundo o jornal, Simone de Beauvoir afirmou que o feminismo está superado como movimento, mas a mulher ainda precisa conscientizar-se de sua condição social. Além disso, na frase “[...] e passe a integrar-se efetivamente no meio-ambiente em que vive, sentindo suas responsabilidades e seus deveres para com a comunidade”, percebemos uma construção discursiva na qual a mulher deve ser exemplo para a sociedade e está, então, repleta de “deveres” que devem ser realizados socialmente.

Esses aspectos são semelhantes aos que ponderei nos textos das décadas anteriores no que tange às funções femininas determinadas biologicamente, e que apontam para, entre outras coisas, a ideia de que a mulher deva ser exemplo para a sociedade. Nesse sentido, no que concerne às formas simbólicas que circulam por meio da mídia, é importante considerar que

[...] os discursos divulgados pela imprensa, devido ao seu caráter multiplicador, são de fundamental importância para a construção da identidade social, na medida em que por um lado, instauram a possibilidade de novos discursos e, por outro, interferem na construção do nosso cotidiano e na forma como configuramos as relações sociais e a memória. Nessa perspectiva, os discursos

divulgados em jornais e revistas de circulação nacional, estabelecem novos sentidos e representações, instituindo assim as condições para a formação de novas identidades (SGARBIERI, 2006, p. 387).

Dessa forma, devemos considerar que os discursos são potencialmente propulsores de mudanças sociais e essas podem ser ocasionadas partindo de processos de conscientização/reflexão sobre aspectos ocultos de poder presentes na linguagem. Portanto, a desconstrução ideológica de textos que integram práticas sociais pode intervir de algum modo na sociedade, a fim de desvelar relações de dominação (RESENDE & RAMALHO, 2006).

Ademais, retomando os aspectos formais do texto em análise, e ainda no que se relaciona ao fragmento (A), na frase: “Afirmou que a mulher deve deixar de ser ‘objeto’ e passar a ‘sujeito’ da realidade em que está integrada, ajudando dessa maneira o homem a realizar plenamente seu destino social”, o que podemos inferir é que, apesar de, segundo o jornal, a escritora propor uma reflexividade da mulher sobre sua identidade, o objetivo dessa reflexão é que o homem, e não a mulher, “realize plenamente seu destino social”. Ou seja, a mulher deveria atuar, de certo modo, como protagonista de sua história, mas a intenção continua a ser a satisfação das necessidades masculinas.

Por meio da leitura do fragmento (B) abaixo, o texto nos informa que a escritora francesa buscou origens históricas para explicar a condição feminina de sua época:

(B) Fez o retrospecto do papel da mulher dos diversos períodos da história e frisou que a atual condição é devida, em grande parte, à **situação parasitária** que sempre teve, desde a pré-história.

O fragmento (B) refere-se ao percurso histórico da mulher que Simone realizou em sua conferência, segundo o jornal O Globo. Nesse trecho, a escritora relacionaria a atual condição da mulher à “situação parasitária” histórica. A palavra “parasitária” está ligada ao sentido de “viver à custa do outro”<sup>65</sup>, fazendo alusão à relação de dependência da mulher ao homem e apresenta uma perspectiva negativa na sociedade.

As informações apresentadas pelo jornal O Globo, do modo como foram colocadas, parecem contrárias à leitura que realizo das ideias divulgadas por

---

<sup>65</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/parasitaria/>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

Simone nos dois volumes de “O segundo sexo”. Contudo, minha leitura das obras da escritora é repleta dos sentidos que carrego atualmente, influenciados por minha historicidade social. Isso, já que, como afirma Fairclough (2001), e conforme apontei no capítulo de metodologia deste trabalho, o discurso do analista, assim como qualquer outro discurso, está dialeticamente ligado às estruturas sociais, carregado ideologicamente e posicionado em relação a lutas hegemônicas, de modo que os pesquisadores não estão acima da prática social que analisam, estão dentro dela.

Assim, “olhar dados do passado com os olhos de hoje” requer cautela ao realizar afirmações categóricas sobre as construções de sentido que podem ter sido realizadas em 1960 pelo jornal e pelo público do jornal sobre as falas de Simone de Beauvoir. Segundo Fairclough (2001), os processos de interpretação conduzem os intérpretes a pressupor coisas que não estão no texto e que podem ser de natureza ideológica.

Nesse sentido, conforme me parece, a abordagem realizada pelo Jornal do Brasil sobre a conferência, na mesma data (26 de agosto de 1960), apresenta o discurso da escritora de modo mais condizente e um pouco diferente do jornal O Globo, ao inserir trechos de discurso direto em sua notícia sobre o evento, como o que segue:

[...] Se a mulher tem as mesmas atribuições de pensar e agir, como o homem, por que continua ela relegada a condição de inferioridade? Uma fatalidade biológica, fisiológica ou psicológica a levaria a isso, ou essa situação decorre apenas de determinadas condições históricas? Estou convencida de que a segunda explicação é a verdadeira, mesmo porque não acredito em determinismos dessa espécie [...] (conferência proferida por Simone de Beauvoir em 25/08/60 no Rio de Janeiro - JORNAL DO BRASIL, 26 de agosto de 1960).<sup>66</sup>

Notamos, assim, por meio da leitura do trecho do jornal do Brasil em comparação com as informações apresentadas pelo jornal O Globo sobre a conferência, que a fala da escritora transcrita pela notícia do Jornal do Brasil evidencia uma opinião contrária ao determinismo biológico e que promove a igualdade entre homens e mulheres.

Em outro trecho da conferência, segundo o jornal do Brasil, Simone de Beauvoir comenta sobre a relação entre a história e a condição atual da mulher do

---

<sup>66</sup> Disponível em:

<<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19600826&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

seu tempo e afirma que “a mulher foi relegada desde os tempos primitivos à condição de uma consumidora passiva em relação ao homem que era essencialmente produtor” (conferência proferida por Simone de Beauvoir em 25/08/60 no Rio de Janeiro - JORNAL DO BRASIL, 26 de agosto de 1960). Percebemos, conforme apontei anteriormente, que o jornal O Globo apresenta essa parte da conferência usando a expressão “situação parasitária” de modo que transparece ao leitor que a situação seria, possivelmente, causada e escolhida pela própria mulher e não uma condição conferida a ela histórica e culturalmente.

No que tange às características do movimento feminista da época, Costa (2005, p.10) aponta que

[...] após um pequeno período de relativa desmobilização, o feminismo ressurgiu no contexto dos movimentos contestatórios dos anos 1960. [...] Ressurgiu em torno da afirmação de que “o pessoal é político”, pensado não apenas como uma bandeira de luta mobilizadora, mas como um questionamento profundo dos parâmetros conceituais de *político*, até então identificado pela teoria política com o âmbito da esfera pública e das relações sociais que aí acontecem.

Nesse sentido, ao afirmar que “o pessoal é político”, o movimento feminista insere em sua pauta assuntos até então compreendidos como da ordem do privado no campo da discussão política e atua, assim, no sentido de romper a dicotomia público-privado (COSTA, 2005). Desse modo, “ao utilizar essa bandeira de luta, o feminismo chama a atenção das mulheres sobre o caráter político da sua opressão, vivenciada de forma isolada e individualizada no mundo privado, identificada como meramente pessoal” (COSTA, 2005, p. 11).

Ademais, o contexto social da década de 1960 também ficou marcado pela publicação da obra “A Mística Feminina”, de Betty Friedan em 1963 nos Estados Unidos. Esse livro – conforme apontei detalhadamente no capítulo 2 sobre feminismo, deste trabalho –, intensificou os questionamentos sobre o papel feminino na sociedade e influenciou uma nova onda de movimentos feministas não só nos Estados Unidos, mas também no Brasil. Além disso, na mesma época, publicações da autora Carmen da Silva sobre temas tabus na coluna “A Arte de ser mulher”, na revista Cláudia – entre 1963 e 1985 – destacaram-se na mídia, causando alvoroço em meio à sociedade e atuando como motivação para os movimentos seguintes, que se fortaleceriam na década de 1970.

No que se relaciona ao contexto político dos anos de 1960, o início da década é marcado pela inauguração de Brasília pelo então presidente Juscelino Kubitschek e, posteriormente, no mesmo ano, Jânio Quadros é eleito para a presidência. Contudo, em 1964, após um golpe de estado, tem início uma ditadura militar no Brasil que duraria até o ano de 1985.<sup>67</sup> Nesse período, os movimentos de mulheres, juntamente com os demais movimentos populares foram silenciados e massacrados. Posteriormente, na década de 1970, o movimento feminista ressurgiu como uma resistência das mulheres à ditadura militar, conforme apontarei durante as reflexões sobre a próxima década.

### **5.6 Nair de Teffé: A carioca, as modas, uma casa para morar**

O texto selecionado para a década de 1970 intitula-se “Nair de Teffé: A carioca, as modas, uma casa para morar”, e é um texto que apresenta algumas opiniões da cartunista Nair de Teffé sobre assuntos que envolvem a mulher na sociedade:

Texto 6 (ANEXO 6):

02 de outubro de 1970, Matutina, Geral, página 9

Nair de Teffé: A carioca, as modas, uma casa para morar

Uma jovem carioca de 84 anos, de olhar vivo e brilhante de ascendência nobre, procura uma casa para morar. Motivo: o proprietário da residência que aluga, em Niterói, moveu uma ação de despejo contra ela. A ação foi suspensa depois pelo próprio autor, mas a inquilina decidiu mudar-se de qualquer modo.

A primeira mulher no mundo a publicar charges na imprensa que, há bem pouco tempo, viu recusada pelo museu de imagem e do som a edição do álbum de suas famosas caricaturas. Mulher de opinião, “carioca autêntica”, orgulhosa de ser filha desta cidade.

Nair de Teffé. Rian, como assinava seus desenhos no início do século, partindo do princípio de que eles eram feitos para rir. Esposa do presidente Marechal Hermes da Fonseca, filha de Antônio Luís Von Hoonholtz, o barão de Teffé, nascida na antiga rua Matacavalos, hoje Riachuelo.

#### A Mulher carioca

A mulher carioca é viva, arguta, gosta de avançar pelo seu próprio esforço e trabalho, sem ficar de todo na dependência do marido. É livre, mas sabe que sua liberdade cessa onde começam os direitos do homem, o que a torna interessante, sem se deixar levar

<sup>67</sup> Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/464841-FATOS-MARCANTES-DA-HISTORIA-DO-BRASIL-NAS-DECADAS-DE-60-A-80.html>>. Acesso em: 8 fev. 2017.

ao extremo da chatice. Mulher bonita e de muito charme que sabe ocupar muito bem o seu tempo. Mas é esplêndida mãe de família, tem muito de Amélia, é companheira, amiga e amante, sabe consolar e dar o apoio moral.

#### Minissaia só bem usada

Minissaia só quando a mulher tem pernas bonitas, joelhos dignos de se ver. Neste ponto, a autocrítica é necessária. Mas midi e máxi, essa moda compridona, paciência. É negócio de pinto – calçudo. Nada de unisex, também: cada coisa no seu lugar, homem e mulher são muito diferentes. Fumar era elegante quando as mulheres em geral não fumavam. Hoje isso já passou, como tantas modas. Mulher que fuma muito, cheira a homem. Feminismo em exagero é impertinência: a mulher, por mais livre que seja, depende do apoio masculino.

- Numa reunião social, tomar uma taça de champanha não faz mal, mas é preciso não exagerar. Acho degradante uma mulher bêbada.

O texto do jornal O Globo foi publicado em 02 de outubro de 1970 e, inicialmente, apresenta algumas informações sobre a entrevistada, Nair de Teffé. Segundo o jornal, ela foi a primeira mulher no mundo a publicar charges na imprensa e é “mulher de opinião, ‘carioca autêntica’, orgulhosa de ser filha desta cidade”, referindo-se, conforme notamos, à cidade do Rio de Janeiro. Além disso, a frase “uma casa para morar”, refere-se à condição de Nair na época da publicação do texto, que estava de mudança após ter sido despejada do lugar que morava em Niterói. Segundo o site do Museu Histórico Nacional<sup>68</sup>,

[...] Nair de Teffé foi a primeira caricaturista brasileira (Petrópolis, RJ, 1886/Niterói, RJ, 1981). Iniciou-se, com pseudônimo de Rian, na revista Fon-Fon! (1907), fazendo *portrait-charges* (retrato caricatural de indivíduos) de figuras da alta sociedade e das elegantes da época. Seu sucesso como artista deveu-se, em parte, à posição social que desfrutou, como filha do barão de Teffé e, mais tarde esposa do Presidente da República, marechal Hermes da Fonseca.

Assim, percebemos que, além de caricaturista, Nair ocupava uma posição de destaque na sociedade, inicialmente como filha de um barão e depois como esposa do presidente Marechal Hermes da Fonseca. Notamos, nesse sentido, o quanto o destaque social de uma mulher, embora artista, estava, ainda na década de 1970, possivelmente relacionado à relação com um homem.

Dessa forma, no que tange aos aspectos formais, o texto do jornal O Globo caracteriza-se por possuir aspectos semelhantes ao de uma entrevista, de modo

<sup>68</sup> Disponível em: <<http://www.museuhistoriconacional.com.br/mh-g-7.htm>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

que, inicialmente, apresenta dados sobre a entrevistada e depois exhibe algumas opiniões da caricaturista sobre assuntos relacionados à vida das mulheres. Essas ideias são apresentadas por meio de discurso indireto em grande parte do texto, apenas na última frase é que notamos o uso de travessão indicando tratar-se exatamente da fala de Nair. Isso pode ter sido uma escolha do jornal para atribuir destaque à última frase da caricaturista, conforme apontarei posteriormente.

No que se relaciona ao contexto social dos anos 1970, podemos afirmar que a imprensa alternativa feminina foi essencial para divulgação de ideias feministas e fortalecimento das reivindicações pelos direitos da mulher. Conforme apontei no capítulo sobre feminismo deste trabalho, jornais como “Brasil Mulher”, em 1974, e o “Nós Mulheres”, em 1976, contribuíram decisivamente para a divulgação de assuntos ligados ao movimento. Segundo Costa (2005, p. 15), estes dois jornais “se converteram nos principais porta-vozes do movimento feminista brasileiro”.

Além disso, o decreto da ONU, que fazia de 1975 o Ano Internacional da Mulher, proporcionou às mulheres brasileiras a possibilidade de levar a público as questões pelas quais lutavam de forma clandestina, devido aos anos de ditadura militar em que o país se inseria. Conforme aponta Costa (2005), a partir do decreto, surgem novos grupos de mulheres em todo o país. Muitos são somente “grupos de estudos” e de reflexão, outros são de reflexão e ação. Assim, o movimento se espalhou e passou a assumir novas bandeiras, tais como os direitos reprodutivos, o combate à violência contra a mulher, a sexualidade, a implantação de creches e as questões relativas ao trabalho doméstico. Assim, para Costa (2005, p. 15),

[...] em linhas gerais, poderíamos caracterizar o movimento feminista brasileiro dos anos 1970 como fazendo parte de um amplo e heterogêneo movimento que articulava as lutas contra as formas de opressão das mulheres na sociedade com as lutas pela redemocratização.

Dessa forma, podemos considerar que uma segunda onda feminista nasceu como consequência da resistência das mulheres à ditadura militar. Ademais, somadas à experiência feminina de resistência à ditadura estavam as mudanças pelas quais o país passava na época. De modo que,

[...] a expansão do mercado de trabalho e do sistema educacional que estava em curso num país que se modernizava, gerou, ainda que de forma excludente, novas oportunidades para as mulheres.

Este processo de modernização, acompanhado pela efervescência cultural de 1968, de novos comportamentos afetivos e sexuais relacionados ao acesso à métodos anticoncepcionais e ao recurso às terapias psicológicas e à psicanálise, influenciou decisivamente o mundo privado. Novas experiências cotidianas entraram em conflito com o padrão tradicional de valores nas relações familiares, sobretudo por seu caráter autoritário e patriarcal (SARTI, 2001, p. 36).

Notamos, desse modo, que o fortalecimento do movimento feminista ocorreu de modo inicialmente clandestino. No contexto da censura da ditadura militar, era de se esperar que os veículos de comunicação também não se pronunciassem livremente sobre o feminismo e/ou assuntos considerados progressistas em meio ao conservadorismo político da época. Desse modo, a escolha do jornal O Globo em divulgar, naquele momento, opiniões conservadoras de Nair de Teffé sobre assuntos de pauta feminista demonstra certo pudor do jornal ao lidar com o tema. Isso em um momento em que, em todo o mundo, havia indícios de uma revolução cultural, como o movimento de Woodstock em 1968, por exemplo, e sexual, motivada, entre outros fatores, pelos métodos anticoncepcionais que eram novidade na época.

Ao retomar os aspectos formais do texto, percebemos, no fragmento (A), ideias da caricaturista sobre a mulher carioca:

(A) A Mulher carioca

A mulher carioca é **viva, arguta**, gosta de avançar pelo seu próprio esforço e trabalho, sem ficar **de todo** na dependência do marido. É livre, mas sabe que sua liberdade cessa onde começam os direitos do homem, o que a torna interessante, sem se deixar levar ao extremo da chatice.

Conforme notamos no fragmento (A), Nair utiliza alguns adjetivos para qualificar a mulher carioca, tais como “viva” e “arguta”. Esse último vocábulo possui entre os sinônimos as palavras “sutil”, “fina” e “astuta”<sup>69</sup>, demonstrando que a caricaturista usa um vocabulário que objetiva atribuir à mulher qualidades além daquelas ligadas à beleza e à fragilidade.

A caricaturista afirma, ainda, que a mulher carioca “gosta de avançar pelo seu próprio esforço e trabalho, sem ficar de todo na dependência do marido. É livre, mas sabe que sua liberdade cessa onde começam os direitos do homem, o que a torna interessante, sem se deixar levar ao extremo da chatice”. Desse modo, ao refletir

<sup>69</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/arguto/>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

sobre essas frases, percebemos contradições em sua opinião sobre as mulheres, já que, segundo a entrevistada, por um lado, elas avançam sem, de todo, depender do marido, mas, por outro, são livres. Porém, essa liberdade termina quando começam os direitos dos homens. Ora, ao que parece, essas mulheres dependem, em parte, dos maridos e continuam submissas a eles. Ademais, a frase “[...] sem se deixar levar ao extremo da chatice”, transparece a crença de Nair de que existe um limite para a liberdade feminina e que as mulheres muito livres seriam chatas.

Neste contexto, um dos objetivos desta pesquisa ao refletir sobre os textos selecionados utilizando como base teórica a ACD é ponderar se a mídia está reproduzindo, reestruturando ou desafiando as configurações hegemônicas existentes (RESENDE e RAMALHO, 2006). Nesse sentido, considero que o autor do texto “Nair de Teffé: A carioca, as modas, uma casa para morar” utiliza de estratégias discursivas que, apesar de parecer desafiar perspectivas tradicionais, após uma leitura mais profunda, parece propagar pontos de vista tradicionais e conservadores sobre a mulher na sociedade.

Isso transparece também no fragmento (B), quando a caricaturista exprime sua opinião sobre algumas possíveis características e funções femininas na sociedade:

(B) Mulher **bonita e de muito charme** que sabe ocupar muito bem o seu tempo. Mas é **esplêndida** mãe de família, tem muito de Amélia, é companheira, amiga e amante, sabe consolar e dar o apoio moral.

Conforme o fragmento (B), segundo Nair, faz parte das atribuições femininas ser “bonita”, ter “muito charme” e ser “esplêndida mãe de família”. A palavra “esplêndida” está relacionada a algo “maravilhoso”, “perfeito” e “fantástico”<sup>70</sup> e, associada à expressão “mãe de família”, demonstra como as ideias da caricaturista estão ligadas ao determinismo biológico feminino já apontado na reflexão sobre as décadas anteriores deste trabalho. Ademais, o uso da palavra “Amélia”<sup>71</sup>, dos adjetivos “companheira”, “amiga” e “amante” e a presença da frase “saber consolar e dar apoio moral” ao homem, corroboram com essa análise.

Já no fragmento (C), Nair expressa suas ideias sobre o uso de minissaia:

<sup>70</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/esplendido/>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

<sup>71</sup> O nome “Amélia”, no Brasil, é popularmente associado à “mulher submissa”, devido à música de Mário Lago e Ataulfo Alves, “Ai Que Saudades da Amélia”, lançada pela primeira vez em 1942. Disponível em <http://archive.is/W44SC#selection-1123.8-1123.35> Acesso em 19 de fevereiro de 2017.

(C) Minissaia só bem usada

Minissaia só quando a mulher tem pernas bonitas, joelhos dignos de se ver. Neste ponto, a autocrítica é necessária. Mas midi e máxi, essa moda compridona, paciência. É negócio de pinto – calçudo. Nada de unissex, também: cada coisa no seu lugar, homem e mulher são muito diferentes.

No fragmento (C), observamos, então, que a caricaturista considera que nem todas as mulheres deveriam usar minissaia, mas que a “moda compridona” não é algo feminino. Além disso, aponta que “homem e mulher são muito diferentes”, provavelmente referindo-se à ideia de que a mulher deve ser feminina na maneira de vestir-se.

Por fim, o fragmento (D) demonstra mais claramente que as opiniões de Nair são contrárias às ideias disseminadas pelo feminismo emancipatório da época:

(D) Fumar era elegante quando as mulheres em geral não fumavam. Hoje isso já passou, como tantas modas. **Mulher que fuma muito, cheira a homem.** Feminismo em exagero é impertinência: a mulher, por mais livre que seja, depende do apoio masculino.  
- Numa reunião social, tomar uma taça de champanha não faz mal, mas é preciso não exagerar. Acho degradante uma mulher bêbada.

No fragmento (D), segundo a entrevistada, as mulheres não devem fumar, não devem ser feministas “em exagero” e nem beber demais. Isso corrobora o pensamento de que as diferenças entre homens e mulheres faz com que existam coisas que às mulheres não são permitidas. Além disso, a caricaturista usa a palavra “impertinência” para designar o feminismo em exagero e afirma que acha “degradante uma mulher bêbada”. Ao refletirmos sobre a carga semântica da palavra “degradante”, percebemos que, no senso comum, é um vocábulo com um sentido bastante negativo e possui como sinônimo a palavra “desonroso”.<sup>72</sup> A palavra “impertinência”, por sua vez, está relacionada à “insolente” e “descabido”<sup>73</sup> evidenciando que, para Nair, há um limite no qual a mulher possa ser feminista e ultrapassá-lo é algo muito negativo para elas.

<sup>72</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/degradante/>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

<sup>73</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/impertinente/>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

Desse modo, as construções de sentido realizadas pela caricaturista Nair de Teffé e divulgadas pela mídia no ano de 1970, promovem uma perspectiva negativa das ideias emancipatórias do feminismo. Conforme aponta Da Cruz (2010), parte da ação feminista, é

[...] avaliar criticamente os discursos construtores de uma teia de significados. De uma visão de mundo socialmente construída que historicamente tem excluído e estigmatizado as mulheres. [...] a mídia incorpora elementos da realidade, mas também pode modular, redimensionar, e recriar essa mesma realidade.

Assim, no que concerne ao texto publicado pelo jornal O Globo em 1970, considero que foi uma escolha do jornal abordar assuntos relacionados ao feminismo sem considerar as mudanças profundas que estavam acontecendo na sociedade por meio do movimento. Isso é compreensível se ponderarmos que a época foi marcada por censuras e repressões violentas em vários setores, devido ao conservadorismo político no qual o país se inseria. É importante, nesse contexto, “lembrarmos que há sempre uma determinação histórica que relaciona o mundo com a linguagem e é por meio dessa perspectiva que podemos observar a influência das coerções sociais na construção de sentido” (SGARBIERI, 2006, p.387).

## **5.7 Telenovela: nas universidades, um tema de pesquisa**

O texto selecionado para a década de 1980 intitula-se “TELENOVELA – Nas universidades, um tema de pesquisa”, e é uma entrevista:

Texto 7 (ANEXO 7):

18 de janeiro de 1980, Matutina, Cultura, página 29

TELENOVELA – Nas universidades, um tema de pesquisa

Virgilio Moretzsohn Moreira

Na semana passada, na Sociedade Universitária Augusto Mota (SUAM), em Bonsucesso, mais de 800 alunos aplaudiram entusiasmadamente o professor Afrânio Coutinho, quando declarou que a televisão brasileira está criando um novo gênero literário: a telenovela. Afrânio Coutinho enfatizou: “Não participo, de maneira alguma, da resistência de alguns intelectuais contra a televisão. Distingo-a desde logo como instrumento, e o material que por ela passa para o telespectador, quando por acaso é ruim, não cabe acusar o instrumento, mas antes o uso que dele fazemos”.

Já as sociólogas Ana Maria Brasileiro e Thereza Lobo concluíram recentemente uma pesquisa sobre como o papel da mulher é transmitido pela telenovela. O estudo foi feito para um concurso da Fundação Carlos Chagas.

Em sua casa em Ipanema, o acadêmico baiano Afrânio Coutinho diz:

– Ninguém aguenta assistir a Hamlet todo dia. Precisamos também de entretenimento, de *divertisement* (sic) e a televisão nos oferece essa possibilidade [...].

– À telenovela se deve a formação de bons autores e atores: com isso começa a acabar aquela tese de que os brasileiros são excelentes artistas fora do palco. Por um misterioso processo, a televisão está sendo o palco certo, onde primam as qualidades de grandes artistas, nem sempre alcançados no palco.

Alguns cientistas políticos brasileiros estão igualmente interessados em analisar o assunto telenovela, embora através de outros enfoques. É o caso das sociólogas Ana Maria Brasileiro e Thereza Lobo, que chegaram à telenovela através de um concurso da Fundação Carlos Chagas para estudos sobre temas referentes à mulher [...]. Ana Maria e Thereza pesquisaram como era transmitido pela telenovela o papel da mulher e como se processava a veiculação ideológica através dos personagens femininos.

– Ficou claro, desde o início, que nos faltava o conhecimento necessário para atingir o cerne do problema: a situação da mulher. Propusemo-nos então a analisar uma literatura básica, que nos despertou o interesse pelos movimentos feministas e suas diferentes abordagens ao papel da mulher.

Ana Maria e Thereza concluíram que os movimentos femininos podem ser agrupados, a grosso modo, em três vertentes básicas:

– A primeira encara o sexo como atributo básico componente de uma classe. Haveria, assim, classes sexuais dentro da sociedade e não apenas classes sociais. Tenta-se com isso demonstrar que a luta principal dentro da sociedade se trava entre homens e mulheres. Para este tipo de abordagem, o verdadeiro proletariado é a mulher: a classe oprimida por excelência.

Ana Maria explica quais as duas outras variantes para abordar o problema do feminismo: uma vai dar ênfase a problemas de ordem psicológica e cultural como origem da discriminação sexual.

– Finalmente, tem-se a linha de pensamento que argumenta só ser possível conhecer a real situação da mulher a partir do contexto de um sistema de dominação que é mais abrangente. Neste sentido, a luta da mulher pela libertação deve ser inserida no âmbito da luta de classes, comum à sociedade como um todo.

Vista que é esta a situação da mulher, as duas sociólogas afirmam também que o processo de modernização que vem experimentando a sociedade brasileira nas últimas décadas afetou também a mulher, alterando-lhe a percepção a respeito de seu papel.

– Assim, a televisão penetra no cotidiano da mulher. O estímulo ao consumo, a veiculação de ideias modernizantes, promove-os a televisão visando a população em geral, mas indiscutivelmente seu alvo é a mulher.

A mulher representa hoje a principal força consumidora de produtos e serviços, inclusive masculinos, afirma Thereza Lobo.

– Se há dez anos seu papel era apenas de influência na compra dos produtos, hoje a mulher é a executiva da casa, faz as compras de toda a família, em geral com poder decisório. E tem também cada vez mais poder aquisitivo, independentemente de classe social, nível de instrução ou idade.

Quanto à temática das telenovelas, Ana Maria e Thereza acham que é muito difícil generalizar sobre ela.

– Algumas são muito conservadoras, quase sem situações de conflito, como o enfrentamento de classes sociais, a discussão aberta de preconceitos como os raciais, a questão feminina, a questão da educação das crianças etc. São novelas que defendem

inteiramente o “status quo”. Como exemplo, “As locomotivas”, em que as personagens passaram quase todo o tempo só namorando.

Outras procuram ser mais críticas, chegando mesmo a apresentar situações ainda pouco comuns à realidade brasileira. O exemplo citado pelas sociólogas é “Sinal de alerta” em que a comunidade se organiza para lutar contra a força opressora e poluente representados por uma fábrica de fertilizantes.

Há também a receptividade de público. Sabe-se que ele vem dando preferência ao chamado novelão, o melodrama.

Para Thereza, a importância destes temas no processo de informação e conscientização da sociedade brasileira está ainda por ser avaliada.

– A personagem feminina central varia também, em suas características e comportamento, conforme o tipo de novela. Tende, contudo, a ser uma mulher “atraente” (o que ajuda a “vender” a telenovela e os produtos a ela associados), já com certa experiência na vida e com uma profissão que tem, entretanto, importância muito secundária na trama que se desenrola. As situações giram basicamente em torno de sua vida amorosa (encontra o amor – surgem dificuldades – perde o amor – reencontra – quase sempre – o amor).

Thereza Lobo afirma que neste processo aparecem pessoas boas que a auxiliam e a amparam, e pessoas más que fazem intriga e a sabotam, em uma visão bastante maniqueísta da realidade.

– O cenário é quase sempre o lar, com frequência o quarto de dormir. A telenovela brasileira, porém, ao contrário do que se observa em outros países (Estados Unidos, por exemplo), não enfatiza a figura da mãe. A criança não tem lugar de destaque, nem os assuntos que a ela se referem. Com mais frequência é introduzido o tema da ascensão social: pessoas pobres que “sobem de vida” por mérito próprio, através de muito esforço, ou, o que é mais comum, através de relacionamento com pessoas ricas.

Para as sociólogas, a importação de ideias femininas chega à telenovela. Não é por acaso que surgem, de algum tempo para cá, personagens femininas com posturas modernizantes, mostrando e difundindo valores contrários aos associados ao papel tradicional da mulher na sociedade.

– É óbvio que a telenovela não pode ficar imune à dinâmica da cultura, à influência que a cultura como um todo sofre dos processos externos [...].

Assim, segundo Ana Maria Brasileiro, reproduzindo fragmentária e seletivamente aspectos da realidade, vem a telenovela se afirmando como um dos principais espetáculos do País (talvez o principal), trazendo uma esteira de produtos comercializáveis [...].

A entrevista assinada pelo poeta Virgílio Moretzsohn Moreira (sobre o qual não encontrei maiores informações biográficas) foi publicada pelo O Globo em 18 de janeiro de 1980, e objetiva informar ao público do jornal sobre as recentes pesquisas acadêmicas realizadas sobre as telenovelas.

Conforme observamos nas reflexões sobre os textos das décadas anteriores, o gênero textual “entrevista” caracteriza-se por ser dividido em duas partes: na primeira, apresenta algumas informações sobre a(s) pessoa(s) entrevistada(s) e o assunto que será abordado e, na segunda, por meio da estrutura de perguntas e respostas, exhibe as ideias do(s) entrevistado(s) sobre o tema.

Desse modo, no texto “Telenovela – nas universidades, um tema de pesquisa”, Virgílio Moretzsohn, autor do texto, apresenta as ideias do “acadêmico baiano” Afrânio Coutinho, que comenta sobre os aspectos positivos da telenovela enquanto entretenimento, e das sociólogas Ana Maria Brasileiro e Thereza Lobo, que “[...] concluíram recentemente uma pesquisa sobre como o papel da mulher é transmitido pela telenovela”, assunto que é de interesse deste trabalho.

No que concerne aos movimentos feministas na década de 1980, Sarti (2001, p.41) afirma que

[...] nos anos 80 o movimento de mulheres no Brasil era uma força política e social consolidada. Explicitou-se um discurso feminista em que estavam em jogo as relações de gênero. As ideias feministas difundiram-se no cenário social do país, produto não só da atuação de porta-vozes diretas, mas do clima receptivo das demandas de uma sociedade que se modernizava como a brasileira. Os grupos feministas alastraram-se pelo país. Houve significativa penetração do movimento feminista em associações profissionais, partidos, sindicatos, legitimando a mulher como sujeito social particular [...]. Ganhou força uma atuação mais especializada, com uma perspectiva mais técnica e profissional [...]. Dentro da tendência à especialização, desenvolveu-se também a pesquisa acadêmica sobre a mulher, além da explosão do tema no mercado editorial.

Assim, notamos que o país estava em processo de efetivação de pautas feministas em diversos setores, e foi nesse momento que o tema se intensificou no discurso acadêmico por meio de pesquisas sobre questões relativas à mulher.

Já no que se relaciona ao contexto político da época, os anos de 1983 e 1984 foram marcados pelo movimento “Diretas já”, no qual milhares de pessoas foram às ruas pedindo o fim da ditadura e eleições diretas para a presidência. Dessa forma, em 1985, ocorreu o fim da ditadura militar no Brasil com a eleição do primeiro presidente civil desde o ano de 1964.<sup>74</sup> Ademais, em 1988, houve a promulgação da Constituição Federal, que tem por objetivo

[...] assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e

---

<sup>74</sup> Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/464841-FATOS-MARCANTES-DA-HISTORIA-DO-BRASIL-NAS-DECADAS-DE-60-A-80.html>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias.<sup>75</sup>

Desse modo, em meio a um contexto social e político de muitas mudanças, as sociólogas Ana Maria Brasileiro e Thereza Lobo realizaram uma pesquisa acadêmica sobre “[...] como era transmitido pela telenovela o papel da mulher e como se processava a veiculação ideológica através dos personagens femininos”. Conforme notamos, o tema de pesquisa dessas sociólogas, na década de 1980, revela uma abordagem de estudo da mídia que já a considerava como veículo de propagação de ideologias por meio de formas simbólicas. Nesse sentido, Fairclough (2003a) aponta que ideologias são, inicialmente, representações, mas podem ser legitimadas em modos de ação social e inculcadas nas identidades de agentes sociais.

Assim, para a realização do estudo, inicialmente as pesquisadoras buscaram ampliar seus conhecimentos sobre o feminismo, como podemos perceber no fragmento (A) a seguir:

(A) Ficou claro, desde o início, que nos faltava o conhecimento necessário para atingir o cerne do problema: a situação da mulher. Propusemo-nos então a analisar uma literatura básica, que nos despertou o interesse pelos movimentos feministas e suas diferentes abordagens ao papel da mulher.

No fragmento (A), notamos que as sociólogas compreendiam que, para estudar as representações femininas nas telenovelas, era necessário que conhecessem as ideias das diferentes vertentes feministas sobre a vida social da mulher. Então, esse estudo inicial culminou na divisão em três grupos: o primeiro, que considera a luta entre homens e mulheres a principal dentro da sociedade e aponta a mulher como “classe oprimida por excelência”; o segundo, que enfatiza “problemas de ordem psicológica e cultural como origem da discriminação sexual”; e o terceiro, “que argumenta só ser possível conhecer a real situação da mulher a partir do contexto de um sistema de dominação que é mais abrangente. Neste sentido, a luta da mulher pela libertação deve ser inserida no âmbito da luta de classes, comum à sociedade como um todo.”

---

<sup>75</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Desse modo, após essas observações sobre os modos feministas de abordar a mulher em sociedade, as pesquisadoras refletiram sobre as mudanças no cotidiano da mulher e sobre a influência da televisão, no fragmento (B):

(B) Assim, a televisão penetra no cotidiano da mulher. O estímulo ao consumo, a veiculação de ideias modernizantes, promove-os a televisão visando a população em geral, **mas indiscutivelmente seu alvo é a mulher.**

**A mulher representa hoje a principal força consumidora de produtos e serviços**, inclusive masculinos, afirma Thereza Lobo.

Assim, no fragmento (B), notamos que as sociólogas consideram que o alvo da programação televisiva são as mulheres e afirmam que, em 1980, a mulher representava a “principal força consumidora”. O uso da palavra “força” nessa frase, pode ser compreendida de modo a considerar a mulher como aquela que move o mercado de consumo.

A representação da mulher enquanto consumidora é algo que percebemos fazer parte ainda hoje da sociedade. Há um sexismo atrelado a essas representações que desenham a mulher sob a ótica de consumidora compulsiva e essa “imagem” está presente em muitas propagandas de bens de consumo na mídia. Conforme aponta Araújo (2006, p. 147),

[...] no Brasil, aproximadamente 44% da população feminina é considerada economicamente ativa; sendo assim, existe um grande público consumidor, atingido, principalmente, pela vaidade e pelo narcisismo exacerbado nas campanhas publicitárias, por meio da “oferta” de corpos estonteantes e de soluções milagrosas para qualquer aspecto físico e desenvoltura feminina que não estejam de acordo com a imagem de mulher estabelecida no imaginário atual.

Assim, a representação da mulher é construída em torno da necessidade de ela possuir um produto que reflete um estilo de vida, que é simbolicamente alcançado através da compra daquele produto. A mídia então vende, principalmente por meio de propagandas, não apenas produtos, mas também formas simbólicas de felicidade e bem-estar. Ademais,

[...] para alguns autores, nos dias de hoje, a mídia é o *locus* principal onde é realizado o trabalho sobre as representações sociais, pois adquirem um status institucional que lhes autoriza a interpretar e produzir sentidos sobre o social que são aceitos consensualmente

pela sociedade (RIBEIRO, 1996; HUYSSSEN, 2000 *apud* SGARBIERI, 2006, p. 386).

Sobre isso, Thompson (1998, p. 45) pondera que "[...] ao interpretar as formas simbólicas, os indivíduos as incorporam na própria compreensão que têm de si mesmos e dos outros, as usam como veículos para reflexão e autorreflexão". Nesse ponto, notamos de que modo o poder está atrelado à institucionalização da comunicação pela mídia, que veicula "modos de vida".

No fragmento (C), percebemos que, segundo as pesquisadoras, houve algumas mudanças na vida das mulheres de 1980 em comparação com a década anterior:

(C) Se há dez anos seu papel era apenas de influência na compra dos produtos, hoje a mulher é a executiva da casa, faz as compras de toda a família, em geral com poder decisório. E tem também cada vez mais poder aquisitivo, independentemente de classe social, nível de instrução ou idade.

Percebemos então, no fragmento (C), mudanças na função social feminina em 1980 que condizem com aspectos da vida da mulher na fase de globalização atual (KUMARAVADIVELU, 2006). Para as sociólogas Ana Maria e Thereza, a mulher dos anos 1980 tem "poder decisório" e cada vez mais poder aquisitivo. A expressão "poder decisório" sugere que a mulher não é mais dependente do marido para tomar decisões e demonstra-se, portanto, mais livre em relação às mulheres das décadas anteriores.

No fragmento (D), abaixo, as sociólogas refletem sobre a temática das telenovelas:

(D) **Algumas são muito conservadoras**, quase sem situações de conflito, como o enfrentamento de classes sociais, a discussão aberta de preconceitos como os raciais, a questão feminina, a questão da educação das crianças etc. São novelas que defendem inteiramente o "status quo". Como exemplo, "As locomotivas", em que as personagens passaram quase todo o tempo só namorando. **Outras procuram ser mais críticas**, chegando mesmo a apresentar situações ainda pouco comuns à realidade brasileira. O exemplo citado pelas sociólogas é "Sinal de alerta" em que a comunidade se organiza para lutar contra a força opressora e poluente representados por uma fábrica de fertilizantes.

Elas afirmam, no fragmento (D), que algumas telenovelas são muito conservadoras e outras mais críticas. As conservadoras não apresentam muitas situações de conflito e as personagens passam quase o tempo todo namorando, tal como em “As locomotivas”. Já as mais críticas apresentam situações que, segundo as pesquisadoras, são ainda pouco comuns à realidade brasileira, tal como em “Sinal de alerta” em que “a comunidade se organiza para lutar contra a força opressora e poluente representados por uma fábrica de fertilizantes. ”

Ao refletir sobre o exemplo de um tema que, segundo as sociólogas, ainda era pouco comum – a luta contra uma fábrica de fertilizantes –, pondero que, possivelmente, os responsáveis pelas telenovelas da época acreditavam que assuntos “mais sérios” como esse não interessavam ao público feminino, principal consumidor do gênero.

O fragmento (E) relaciona-se à receptividade do público das telenovelas:

(E) Há também a receptividade de público. Sabe-se que ele vem dando preferência ao chamado novelão, o melodrama.

Para Thereza, a importância destes temas no processo de informação e conscientização da sociedade brasileira está ainda por ser avaliada.

– A personagem feminina central varia também, em suas características e comportamento, conforme o tipo de novela. Tende, contudo, a ser uma mulher “atraente” (o que ajuda a “vender” a telenovela e os produtos a ela associados), já com certa experiência na vida e com uma profissão que tem, entretanto, importância muito secundária na trama que se desenrola. As situações giram basicamente em torno de sua vida amorosa (encontra o amor – surgem dificuldades – perde o amor – reencontra – quase sempre – o amor).

Por meio da leitura do fragmento (E), percebemos que o autor do texto do jornal O Globo considera que o público das telenovelas prefere o melodrama<sup>76</sup>. Sobre isso, é importante apontar que as organizações Globo tratam-se da principal empresa produtora das telenovelas no Brasil e, ao afirmar que o público prefere o

<sup>76</sup> Segundo o dicionário Michaelis, “o melodrama é um gênero de obra dramática que até meados do século XVIII era considerado sinônimo de ópera e que, a partir dessa época, passou a designar declamação de texto em que as linhas declamadas são acompanhadas ou intercaladas por música instrumental”, posteriormente, o sentido modernizou-se para “dramalhão sentimental, com óbvio apelo popular, cujos exemplos mais notórios podem ser vistos em novelas de televisão em que as personagens são desprovidas de ambivalência de caráter ou de temperamento, em enredos de imediato entendimento pelo público”.

Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=melodrama>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

melodrama, fomenta um mercado que ela mesma alimenta, inserindo certos temas e evitando outros. Para Lopes (2003, p. 19), “[...] a novela dá visibilidade a certos assuntos, comportamentos, produtos e não a outros; ela define uma certa pauta que regula as interseções entre a vida pública e a vida privada”.

Ademais, ainda no fragmento (E), as pesquisadoras apontam que a personagem feminina nas telenovelas também varia conforme o tipo de novela. Contudo, afirmam que a atriz tende a ser uma mulher “atraente” o que, segundo as sociólogas, parece ser uma das motivações para o interesse do público na telenovela. Ademais, as situações giram quase sempre em torno das relações amorosas da personagem e sua vida profissional é deixada em segundo plano. Isso vai ao encontro do que observamos anteriormente sobre os temas das telenovelas que, em geral, não se relacionam a situações de conflito.

Esses aspectos refletem construções de discursos repletos de ideologias nas quais o importante na vida de uma mulher é ser bonita e bem-sucedida em sua vida amorosa, enquanto outros setores – como o profissional, por exemplo – não são tão importantes. Nesse sentido, podemos questionar de que modo esses valores são recebidos pelo público feminino e incorporados à aspectos de sua identidade. Sobre isso, Resende e Ramalho (2006, p.31) afirmam que

[...] a reflexividade da vida social moderna refere-se à revisão intensa, por parte dos atores sociais, da maioria dos aspectos da atividade social, à luz de novos conhecimentos gerados pelos sistemas especialistas. Devido à relação entre esses conhecimentos e o monitoramento reflexivo da ação, Chouliaraki e Fairclough (1999) sugerem que a reflexividade inerente à ação humana foi “externalizada” na modernidade, ou seja, as informações de que os atores sociais se valem para a reflexividade vêm “de fora”. Uma boa parte desse conhecimento é veiculada na mídia, e uma das características da mídia, segundo Thompson (1998), é a disponibilidade das formas simbólicas no tempo e no espaço.

Assim, a mídia funciona, de modo geral, e conforme notamos em outros capítulos deste trabalho, como exemplo de comportamento e valores a serem seguidos. Nesse sentido, no que concerne ao texto da década de 1980 em reflexão, o assunto abordado pelo jornal evidencia que as pautas femininas estavam, naquele momento, com mais intensidade, tornando-se objeto de estudo acadêmico, o que demonstra especialização e maior criticidade na abordagem do tema.

No fragmento (F), as pesquisadoras consideram, apesar dos exemplos citados, que as telenovelas têm apresentado novos modos de representar a mulher:

(F) Para as sociólogas, a importação de ideias femininas chega à telenovela. Não é por acaso que surgem, de algum tempo para cá, personagens femininas com posturas modernizantes, mostrando e difundindo valores contrários aos associados ao papel tradicional da mulher na sociedade.

Conforme observamos, se os anos 1960 e 1970 proporcionaram uma unificação do movimento feminista em torno da luta pela democracia, os anos 1980 demonstraram uma consolidação política e social do feminismo. Contudo, ao refletirmos sobre as questões apresentadas pela mídia jornal O Globo neste texto, ao atuar como divulgadora de ideias sobre outra mídia, a televisão – especificamente as telenovelas – notamos, em ambas, a promoção de valores simbólicos que se unem em uma construção de sentidos sexistas e tradicionais sobre a mulher. Alguns deles veiculados até hoje por diversos meios de comunicação, conforme observaremos nas reflexões sobre os textos das décadas seguintes.

## 5.8 Feminismo leva a prazer precoce

O texto selecionado para a década de 1990 intitula-se “Feminismo leva a prazer precoce”, e é uma reportagem:

Texto 8 (ANEXO 8):

04 de setembro de 1994, Matutina, Jornal da Família, página 2

Feminismo leva a prazer precoce

Antônio Marinho

A ejaculação prematura se transformou num problema para os homens depois da emancipação da mulher. A sexóloga Maria do Carmo Silva explica: na década de 60, com a pílula, a mulher passou a buscar um prazer até então restrito ao “sexo forte”, e os homens se viram diante do desafio de controlar a ejaculação para satisfazer as parceiras.

– Como só aos homens era permitido o prazer, a ejaculação se dava a qualquer momento. Com a emancipação feminina, porém, a ejaculação prematura virou um distúrbio comum. Pressionados pela exigência feminina de prazer, muitos deles passaram a apresentar também falhas na ereção – revela Maria do Carmo.

As pesquisas mostram que a ansiedade é um dos principais fatores responsáveis pela ejaculação precoce. Indivíduos que não conseguem controlar a vontade de ejacular podem também desenvolver impotência sexual.

Esse texto, selecionado para as reflexões sobre a década de 1990 deste trabalho, é assinado por Antônio Marinho e foi publicado em 04 de setembro de 1994. Conforme apontei em reflexões anteriores, a reportagem é um texto jornalístico que tem por característica apresentar uma interpretação sobre um tema (LAGE, 2005). No que se relaciona ao assunto dessa reportagem, o objetivo é informar ao leitor sobre as possíveis causas da ejaculação precoce dos homens e, para isso, o texto apresenta a opinião da sexóloga Maria do Carmo sobre o assunto.

Antônio Marinho, autor do texto, é um jornalista especializado em Saúde e Ciência e trabalhou no jornal O Globo por 24 anos, até 2 de abril de 2012 [...]. Assinou colunas sobre medicina, bem-estar e atividade física. É coautor do livro “Nos Limites da Amazônia Azul” [...]. Participou de workshops de jornalismo em saúde e dezenas de congressos médicos e científicos no Brasil e no exterior. Ganhou 15 prêmios na área de jornalismo em saúde, incluindo o Esso.<sup>77</sup>

No que tange às características do feminismo nos anos 1990, segundo Costa (2005), a década se inicia em uma situação de fragilidade dos órgãos de governo para as mulheres, impedidos pelo clima conservador predominante no Estado e a ausência de credibilidade do movimento autônomo, algumas feministas criam organizações não – governamentais, que passam a desempenhar, de forma especializada, a pressão junto ao Estado, procurando influenciar nas políticas públicas. Além disso,

[...] se multiplicaram as várias modalidades de organizações e identidades feministas. As mulheres pobres articuladas nos bairros através das associações de moradores, as operárias através dos departamentos femininos de seus sindicatos e centrais sindicais, as trabalhadoras rurais através de suas várias organizações começaram a auto identificar-se com o feminismo, o chamado feminismo popular (COSTA, 2005, p. 19).

Desse modo, “[...] a existência de muitos feminismos era plenamente reconhecida, assim como a diversidade de pontos de vista, enfoques, formas organizativas e prioridades estratégicas feministas nos anos 90” (ALVAREZ, 1994,

---

<sup>77</sup> Disponível em: <<http://www.casadapalavra.com.br/autor/253/Antonio+Marinho>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

p. 278 *apud* COSTA, 2005, p. 19). Nesse sentido, considero que nos anos 1990 começaram a delinear-se aspectos do feminismo que estão notadamente presentes, de forma intensa, na sociedade dos dias de hoje: um movimento repleto de ramificações, especializações e apresentando mais ou menos tendências à radicalização. Sobre isso, ponderarei nos próximos textos que, por serem mais recentes, são recortes do momento atual.

No que se relaciona à vida profissional das mulheres, Bruschini (2007) traça um panorama da situação delas no mercado de trabalho brasileiro desde a última década do século XX até 2005. Segundo a autora, “[...] nas últimas décadas do século XX, o país passou por importantes transformações demográficas, culturais e sociais que tiveram grande impacto sobre o aumento do trabalho feminino” (BRUSCHINI, 2007, p. 539). Assim, a pesquisadora considera que

[...] de um lado, a intensidade e a constância da participação feminina no mercado de trabalho, que tem ocorrido desde 1970, de outro, o elevado desemprego das mulheres e a má qualidade do trabalho feminino; de um lado a conquista de bons empregos, o acesso a carreiras e profissões de prestígio e a cargos de gerência e mesmo diretoria, por parte de mulheres escolarizadas, de outro, o predomínio do trabalho feminino em atividades precárias e informais (BRUSCHINI, 2007, p. 538).

Conforme notamos, as conquistas das mulheres no mercado de trabalho trouxeram novos desafios com relação às características das profissões assumidas por elas, mas também no que concerne à jornada dupla de trabalho (BRUSCHINI, 2007), na qual a mulher passou a acumular as atividades domésticas com o trabalho fora do lar.

Ao refletir sobre os aspectos formais do texto “Feminismo leva a prazer precoce”, observo que o título apresenta uma perspectiva negativa sobre o movimento. Assim, antes da leitura do texto, ao realizar inferências prévias sobre o assunto que será abordado, presumo que a palavra “precoce” atribui à frase-título um sentido de que o prazer incentivado pelo feminismo ocorre antes do tempo natural. Isso de acordo com o significado da palavra “precoce” no dicionário.<sup>78</sup> Posteriormente, ao realizar a leitura do texto completo, percebo que há, segundo o jornal, explicações científicas que relacionam a “ejaculação prematura” dos homens às transformações na vida sexual da mulher, como no trecho (A):

<sup>78</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=L1xqv>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

(A) A ejaculação prematura se transformou num problema para os homens depois da emancipação da mulher. A sexóloga Maria do Carmo Silva explica: na década de 60, com a pílula, a mulher passou a buscar um prazer até então restrito ao “**sexo forte**”, e os homens se viram diante do **desafio** de controlar a ejaculação para satisfazer as parceiras.

– **Como só aos homens era permitido o prazer, a ejaculação se dava a qualquer momento. Com a emancipação feminina, porém, a ejaculação prematura virou um distúrbio comum.** Pressionados pela exigência feminina de prazer, muitos deles passaram a apresentar também falhas na ereção – revela Maria do Carmo.

No fragmento (A), observamos a opinião da especialista no assunto Maria do Carmo Silva, que afirma que desde que a mulher passou a buscar prazer sexual o homem demonstra dificuldade em controlar a ejaculação. A sexóloga explica que “como só aos homens era permitido o prazer, a ejaculação se dava a qualquer momento. Com a emancipação feminina, porém, a ejaculação prematura virou um distúrbio comum”. Nesse contexto, compreendo melhor o que nos informa o título da reportagem, indicando que a emancipação feminina é consequência do feminismo e relacionando a isso a ejaculação precoce masculina.

A sexóloga Maria do Carmo aponta, ainda, que tal transformação sexual feminina ocorreu devido ao surgimento da pílula nos anos 1960 que, conforme sabemos, proporcionou liberdade sexual para a mulher, que passou a ser percebida, em teoria, como ser sexual e não mais como um gênero para o qual o sexo estava ligado apenas ao ato de procriar. Ademais, o uso da palavra “desafio” demonstra, por meio de uma rede de significados semânticos, que o vocábulo está associado ao “ato de instigar alguém a realizar algo que supostamente está acima da sua capacidade” e a uma “situação ou problema cujo enfrentamento demanda esforço e disposição firme,”<sup>79</sup> indicando, assim, a grande dificuldade que tal ação exige dos homens.

Além disso, segundo o texto, no fragmento (B), a ejaculação precoce está relacionada à ansiedade masculina:

(B) As pesquisas mostram que a ansiedade é um dos principais fatores responsáveis pela ejaculação precoce. Indivíduos que não conseguem controlar a vontade de ejacular podem também desenvolver impotência sexual.

---

<sup>79</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=P3pn>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

Assim, por meio da leitura e da reflexão sobre o texto, notamos que há uma perspectiva sobre as modificações na identidade feminina no que se relaciona ao sexo. É nesse sentido que Fairclough (2001) aponta a importância da análise linguística como um método para estudar a mudança social. Assim, as transformações sociais que ocorrem desde os anos 1970 com o fortalecimento do movimento feminista – sobre as quais tenho refletido durante a escrita deste trabalho – demonstram que uma revolução sexual foi (e está sendo) realizada e a mulher “descobriu-se” enquanto ser sexual.

Contudo, apesar de todas essas modificações que ecoavam na sociedade de 1990 na vida da mulher, a reportagem analisada apresenta como foco o prazer masculino quando busca justificativas para a ejaculação precoce e a impotência sexual do homem. Desse modo, o texto demonstra a importância atribuída ao prazer sexual masculino na sociedade, revelando uma ideologia embutida no discurso. A ideologia atua, dessa forma, como um aspecto importante que contribui para criar e manter relações sociais desiguais e possui eficácia em atingir o *status* de senso comum (WODAK, 2004).

## 5.9 Quando a maternidade se torna descartável

O texto selecionado para a década de 2000 intitula-se “Quando a maternidade se torna descartável” e é uma reportagem:

Texto 9 (ANEXO 9):

Domingo, 22 de julho de 2001

### Quando a maternidade se torna descartável

Desejos diferenciados da mulher contemporânea confundem os homens e dificultam até as relações amorosas

O que quer uma mulher?

A pergunta perturba há séculos homens e mulheres, sem resposta definitiva.

O novo livro da psicanalista americana Polly Young-Eisendrath, "A mulher e o desejo - Muito mais do que a vontade de ser querida" (Editora Rocco), é mais uma tentativa de decifrar esse enigma.

Para a autora, a mulher contemporânea está mais perdida do que nunca. Obrigada a ser sedutora, jovem, vitoriosa no trabalho e eficiente em casa, a mulher perdeu o controle

sobre sua verdadeira natureza. O enigma sobre o que uma mulher quer da vida estaria cada vez mais indecifrável.

Não é o caso da atriz Cássia Kiss, que se diz uma mulher do século XIX grávida de um homem do século XXI. Ela conta que seu "namorado", um mix de namorado e marido, se espanta ao ouvi-la dizer que gosta realmente é de cozinhar e cuidar das crianças:

- A mulher quer ser a rainha do lar. Isso é o essencial. Converso muito sobre isso com meu namorado, que é moderno, e aos poucos aprendo que posso fazer as coisas simultaneamente. Se um dia eu chego tarde do trabalho e meus filhos já estão dormindo, coloco os dois em minha cama para matar a saudade. E agora, novamente grávida, sinto-me totalmente a rainha do lar.

#### Homens e mulheres em busca de amor

[...]. Para o ator Paulo Betti, compreensão e solidariedade bastam:

- É disso que preciso numa relação afetiva. Não sei o que uma mulher quer, mas espero que também queira isso.

Para o psicanalista Giovanni Gamgemi, as necessidades básicas do ser humano são iguais para homens e mulheres.

- Homens e mulheres têm necessidade biológica de água, ar, amizade, alimento, amizade e amor. Essa é a realidade. Já os desejos são imaginários, muitas vezes desconhecidos e nunca satisfeitos plenamente - comenta.

#### Quando a maternidade se torna descartável

O psicanalista Giovanni Gamgemi acha que Cássia Kiss tem razão. Quando pensa no que quer uma mulher, ele diz que lhe vem a ideia da necessidade de ser mãe.

- O que a mulher quer e necessita é ser mãe. Mas não basta essa necessidade existir. Ela precisa ser sentida. O problema é que a nossa cultura é tão invadida por desejos imaginários que ser mãe se torna muitas vezes um acessório indesejado e descartável. Daí a proliferação de creches e babás. De tal modo que a Humanidade está se transformando num amontoado de órfãos de mães - diz.

Ele adverte que as mulheres devem se conscientizar da importância da maternidade. Mães despreparadas, segundo ele, são responsáveis pela maior parte da destruição do ser humano:

- Quando o bebê não tem o seu amor correspondido pela mãe, desiste de amar. Esse adulto passará a desejar satisfações imaginárias, muitas vezes destrutivas. Em vez de água, por exemplo, beberá cachaça.

#### Sucesso na profissão pode impedir a maternidade

A apresentadora de TV Astrid Fontenelle confessa que deseja amar um homem e com ele constituir uma família, mas essa realização jamais poderá comprometer a sua vida profissional.

Do contrário, será descartada. Astrid explica que não abre mão de seu trabalho por amor algum:

- Tenho 40 anos e quero ser feliz com um novo amor. Ele será o nono coração que vou tatuar em meu corpo, mas não ameaçará o meu trabalho. Tenho planos a médio prazo de ser mãe, o que também não me impedirá de trabalhar. O meu trabalho é minha realização fundamental.

Já a cineasta tcheca Michaela Pavlatova diz que é impossível dizer o que uma mulher quer porque cada uma quer algo diferente [...].

O gerente-geral do bar temático Hard Rock Café, Marcelo Politi, de 39 anos [...] diz que o homem não quer sexo, poder e vida fácil, mas amor, amigos, um trabalho agradável e muita atividade esportiva:

- Sei que sucesso e dinheiro não satisfazem. O que me realiza é amar profundamente minha mulher, Luciana, e minhas filhas Ayla, de 13 anos, e Mariah, de 10. E praticar esporte. Sem atividade física minha vida é uma desgraça. Já a mulher é mais simples. Ela só quer atenção, porque é carente. A mulher já nasce carente.

Se a questão do desejo é interminável para leigos, o que dirá para psicanalistas. Para o psicanalista Carlos Saba, a mulher quer ser amada e se cuidar, além de sexo, segurança e proteção. Cabe ao homem atendê-la:

- O feminismo tornou as mulheres masculinas e agressivas. Os homens se assustam com isso e muitos estão se tornando até sexualmente impotentes. Duvido do homem que diz gostar de mulher independente. Só se for para tirar proveito financeiro dela - comenta [...].

A reportagem “Quando a maternidade se torna descartável” foi publicada em 22 de julho de 2001, não foi assinada, e objetiva informar e exibir opiniões sobre relacionamentos entre homens e mulheres por meio de tentativas de respostas aos questionamentos “o que as mulheres querem?” e “o que os homens querem?”. Para isso, o autor do texto apresenta algumas opiniões de atores famosos, cujas ideias frequentemente funcionam como argumento de autoridade, já que eles são, em muitos contextos, considerados exemplos de comportamento; expõe opinião de um dono de bar, possivelmente com a intenção de se aproximar do leitor por meio da opinião de uma pessoa “comum”; e apresenta opiniões de psicanalistas em comportamentos de homens e mulheres que, no texto do jornal, também funcionam como argumento de autoridade, já que são considerados especialistas sobre o tema abordado.

A década de 2000, primeira do século XXI, foi marcada por algumas transformações sociais. No que concerne ao perfil profissional da mulher, Bruschini (2007), ao apresentar dados de 2005 em comparação com os anos 1990, considera que as mulheres consolidaram presença no mercado de trabalho, de um lado, inseridas em profissões tradicionalmente consideradas masculinas e ocupando cargos de poder, e de outro, atuando em posições precárias. Além disso, as mulheres continuam acumulando o trabalho doméstico com o trabalho fora de casa em uma divisão de tarefas que favorece aos homens. Nesse sentido, a autora afirma que apesar de muitas mudanças,

[...] muita coisa continua igual: as mulheres permanecem como as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas (BRUSCHINI, 2007, p. 542).

Sobre isso, considero que esse acúmulo de tarefas femininas pode ter gerado, no século XXI, uma nova “crise de identidade feminina”, na qual a mulher atualmente deve ser uma profissional competente, reconhecida pela carreira, mas também uma ótima mãe de família perante à sociedade.

Para o tema em estudo neste trabalho, é importante considerar também as mudanças que ocorreram no âmbito comunicativo, principalmente com a internet consolidando-se como veículo de comunicação de massa e armazenagem de informações; além disso, a expansão da telefonia e do uso de celulares; a chegada da TV digital; o início da internet banda larga; e o aumento do número de residências brasileiras que adquiriram computadores. Apesar de que, na época da reportagem época, o produto ainda era considerado privilégio.<sup>80</sup>

Desse modo, essas transformações na comunicação são essenciais para compreendermos como as discussões sobre temas sociais e de minorias têm sido pauta de inúmeros veículos atualmente. Na década passada, observamos o início da fase de globalização (KUMARAVADIVELU, 2006) na qual estamos inseridos, com a diminuição das distâncias e a facilidade e agilidade de comunicação entre as pessoas, aspecto no qual deter-me-ei nas reflexões sobre o próximo texto.

No que se relaciona aos aspectos formais do texto “Quando a maternidade se torna descartável”, percebemos, já no título, uma afirmação que sugere um tom negativo por meio do uso da palavra “descartável” – cujo significado é “que não tem durabilidade ou permanência; que carece de importância ou profundidade”<sup>81</sup> – associado à palavra “maternidade”.

Já o subtítulo “Desejos diferenciados da mulher contemporânea confundem os homens e dificultam até as relações amorosas” transparece um sentido no qual a mulher é considerada a responsável pelas complicações possíveis de um relacionamento. Assim, a frase posiciona o homem como vítima dos desejos “diferenciados” da mulher, a responsável pelos problemas gerados. Isso reflete uma perspectiva machista do texto do jornal sobre as relações que, segundo essa perspectiva, devem ser construídas de modo que o homem precisa ser satisfeito em

---

<sup>80</sup> Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,censo-mostra-que-computador-ainda-e-privilegio,20020517p52913>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

<sup>81</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=descart%C3%A1vel>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

suas necessidades e a mulher deve agir de modo a não o confundir e, assim, provocar o bem das relações.

No fragmento (A), o autor introduz o tema do texto considerando que não há resposta definitiva para a pergunta “o que quer uma mulher? ”:

(A) O que quer uma mulher?

A pergunta **perturba** há séculos homens e mulheres, sem resposta definitiva.

O novo livro da psicanalista americana Polly Young-Eisendrath, "A mulher e o desejo - Muito mais do que a vontade de ser querida" (Editora Rocco), é mais uma tentativa de decifrar esse **enigma**.

Para a autora, **a mulher contemporânea está mais perdida do que nunca**. Obrigada a ser sedutora, jovem, vitoriosa no trabalho e eficiente em casa, a mulher perdeu o controle sobre sua verdadeira natureza. O enigma sobre o que uma mulher quer da vida estaria cada vez mais indecifrável.

Assim, no fragmento (A), notamos que, segundo o jornal O Globo, essa pergunta “perturba há séculos homens e mulheres, sem resposta definitiva”. Sobre isso, a palavra “perturba” atribui um sentido à frase que, segundo consulta ao dicionário, refere-se ao “estado de quem está inquieto”,<sup>82</sup> como se a resposta à pergunta referida fosse um pensamento constante de homens e mulheres.

A pergunta “o que quer uma mulher?” uniformiza e generaliza as mulheres de modo que, idealmente, encontrar resposta para esse questionamento é decifrar o pensamento de todas as mulheres, em um sentido totalizante que as posiciona inseridas dentro de uma única identidade/“verdade” a ser desvendada. Isso, já que, de acordo com o texto, tal resposta seria como um “enigma” a ser decifrado. O vocábulo “enigma” possui os seguintes significados: “1. Dito, fato ou pergunta de difícil interpretação; 2. Descrição metafórica ou ambígua de uma coisa, tornando-a difícil de ser adivinhada. 3. Algo que não se conhece com clareza; sombra”<sup>83</sup>

No fragmento (A) notamos, também, um comentário da psicanalista americana Polly Young-Eisendrath, que acabava de lançar um livro cujo título é "A mulher e o desejo - Muito mais do que a vontade de ser querida". Para a psicanalista: “a mulher contemporânea está mais perdida do que nunca. Obrigada a ser sedutora, jovem, vitoriosa no trabalho e eficiente em casa, a mulher perdeu o controle sobre sua verdadeira natureza”. Nessas frases, percebo, novamente, ideias

<sup>82</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=4bk4Q>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

<sup>83</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=enigma>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

que vão ao encontro de um determinismo biológico feminino sobre o qual ponderei em reflexões sobre as décadas passadas. Isso torna-se perceptível, principalmente, pelo uso da expressão “verdadeira natureza” (feminina) pela psicanalista. Ora, se existe uma natureza verdadeira, diferente de uma possível “natureza falsa”, sobre a qual “a mulher perdeu o controle”, afirma-se, então, que existe um papel feminino que deve ser exercido apenas devido ao ato de nascer mulher.

Esse pensamento está relacionado ao que Simone de Beauvoir contestou na década de 1960 por meio dos dois volumes de “O Segundo sexo”, conforme já apontei anteriormente neste trabalho. E sobre isso, afirma a também psicanalista Maria Rita Kehl (1998, p. 15-16 *apud* FISCHER, 2001, p. 591),

[...] o que é específico da mulher, em sua posição tanto subjetiva quanto social, é a dificuldade que enfrenta em deixar de ser objeto de uma produção discursiva muito consistente, a partir da qual foi sendo estabelecida a verdade sobre sua “natureza”, sem que tivesse consciência de que aquela era a verdade do desejo de alguns homens – sujeitos dos discursos médico e filosófico que constituem a subjetividade moderna – e não a verdade “da mulher”.

Percebemos, assim, que o papel feminino foi/é construído por meio de discursos considerados legítimos há algum tempo, e que continuam sendo propagados pelas mídias de comunicação de massa como noções de verdade. Assim, conforme já comentado neste trabalho, a “mídia não apenas veicula, mas também constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos” (FISCHER, 2001, p. 588).

Ademais, no que concerne ao fragmento (A) do texto, a psicanalista americana discorre ainda que “a mulher contemporânea está mais perdida do que nunca. Obrigada a ser sedutora, jovem, vitoriosa no trabalho e eficiente em casa [...]”. Sobre essa afirmação, considero estar relacionada à dupla jornada de trabalho feminina, sobre a qual comentei anteriormente com base na pesquisa realizada por Bruschini (2007) sobre a mulher e o mercado de trabalho. Desse modo, ao afirmar que “a mulher contemporânea está mais perdida do que nunca”, a psicanalista americana pode estar se referindo ao posicionamento das mulheres mediante o papel social atribuído a elas. Esse papel envolve, no século XXI, aspectos ligados à feminilidade perante à sociedade – maternidade, família e serviços domésticos – e o sucesso na vida profissional.

Após as afirmações da psicanalista, o texto apresenta opiniões de pessoas famosas sobre o assunto, por exemplo, as ideias da atriz Cássia Kiss, no fragmento (B):

(B) A mulher quer ser a rainha do lar. Isso é o essencial. Converso muito sobre isso com meu namorado, que é moderno, e aos poucos aprendo que posso fazer as coisas simultaneamente. Se um dia eu chego tarde do trabalho e meus filhos já estão dormindo, coloco os dois em minha cama para matar a saudade. E agora, novamente grávida, sinto-me totalmente a rainha do lar.

Desse modo, quando a atriz aponta que a “mulher quer ser a rainha do lar”, ela pode estar considerando dois aspectos relacionados à analogia com a realeza: de um lado, que a mulher deseja ser uma liderança no lar, de outro, a vontade de ser atendida como pessoa de destaque no ambiente doméstico. Contudo, ao mesmo tempo, Cássia Kiss comenta que é capaz de fazer “coisas simultaneamente”, sugerindo a realização de um duplo papel, em casa e no trabalho.

Nesse sentido, conforme comentei anteriormente, este parece ser um aspecto preponderante no século XXI: o acúmulo de tarefas na vida das mulheres, que atualmente são bem instruídas e (possivelmente) independentes financeiramente e esforçam-se cotidianamente para cumprirem também com as tarefas domésticas e com o cuidado dos filhos. Ressalvo que, nessas reflexões, estou considerando apenas uma parcela das mulheres que está relacionada com o cotidiano social com o qual convivo e estou inserida. Não desejo, com este trabalho, negar a existência de outras inúmeras complicações na vida de diferentes mulheres.

No fragmento (C) subtítulo é “Homens e mulheres em busca de amor”, nos deparamos com a opinião do ator Paulo Betti:

(C) [...] Para o ator Paulo Betti, compreensão e solidariedade bastam:  
- É disso que preciso numa relação afetiva. Não sei o que uma mulher quer, mas espero que também queira isso.

O autor afirma que o importante em uma relação afetiva é “compreensão e solidariedade” e afirma que não sabe o que uma mulher quer.

Já no fragmento (D), outro psicanalista, Giovanni Gamgemi, comenta o assunto:

(D) Quando a maternidade se torna descartável

O psicanalista Giovanni Gamgemi acha que Cássia Kiss tem razão. Quando pensa no que quer uma mulher, ele diz que lhe vem a ideia da necessidade de ser mãe.

- O que a mulher quer e necessita é ser mãe. Mas não basta essa necessidade existir. Ela precisa ser sentida. O problema é que a nossa cultura é tão invadida por desejos imaginários que ser mãe se torna muitas vezes um acessório indesejado e descartável. Daí a proliferação de creches e babás. De tal modo que a Humanidade está se transformando num amontoado de órfãos de mães - diz.

Ele adverte que as mulheres devem se conscientizar da importância da maternidade.

Conforme notamos, para o psicanalista, a pergunta “o que quer uma mulher?” sugere como resposta a “necessidade de ser mãe”. Segundo ele, essa necessidade precisa “ser sentida” e “as mulheres devem se conscientizar da importância da maternidade”. Sobre isso, considero que as ideias expostas pelo psicanalista estão associadas a um pensamento antigo tradicional de que as mulheres não são “completas” se não forem mães. Então, percebemos novamente o determinismo biológico fazendo-se presente nas ideias do século XXI, por meio da construção de um discurso sobre a mulher que promove esse pensamento. É a mídia atuando, portanto, na produção e circulação de sentidos.

Ainda no fragmento (D), para o psicanalista Giovanni Gamgemi, “[...] o problema é que a nossa cultura é tão invadida por desejos imaginários que ser mãe se torna muitas vezes um acessório indesejado e descartável. Daí a proliferação de creches e babás”. A frase transparece, possivelmente, que para ele a mulher tem o dever de ser mãe e não deve se deixar levar por “desejos imaginários”. Ademais, por meio da frase “proliferação de creches e babás”, podemos considerar que o psicanalista atribui sentido negativo ao ato de as mães deixarem os filhos aos cuidados de outras pessoas. Ou seja, para ele, a mulher deve se ocupar integralmente dos filhos, cumprindo com seu “dever materno”.

Sobre essa perspectiva, é importante destacar que desde a época de maior destaque do movimento feminista no Brasil, meados dos anos 1970, a luta das mulheres pela criação e manutenção de creches pelo governo é constante. Afinal, é a existência das creches que faz com que grande parte (talvez a maioria) das mulheres brasileiras - que dependem do seu próprio salário para sobreviver - possam exercer a maternidade.

No fragmento (E), o foco da abordagem do texto relaciona-se ao modo como o sucesso na profissão pode impedir a maternidade:

(E) Sucesso na profissão pode impedir a maternidade  
A apresentadora de TV Astrid Fontenelle **confessa** que deseja amar um homem e com ele constituir uma família, mas essa realização jamais poderá comprometer a sua vida profissional. Do contrário, será descartada. Astrid explica que não abre mão de seu trabalho por amor algum [...].

No fragmento (E), observamos a opinião da apresentadora de TV Astrid Fontenelle sobre o tema da reportagem e, assim, notamos que o uso da palavra “confessa” para referir-se ao desejo da apresentadora de “amar um homem e constituir uma família” faz com que o leitor compreenda que se trata de algo difícil de ser falado. Além disso, a leitura do fragmento (E) sugere que o que foi confessado por Astrid Fontenelle é, possivelmente, um desejo (secreto) de todas as mulheres. Desse modo, mesmo aquelas que são muito bem-sucedidas profissionalmente conservariam esse desejo de ser mães de família e só assim seriam felizes plenamente. Reflito sobre isso associando as informações do fragmento (E) ao modo como a maternidade tem sido abordada ao longo do texto.

Já o fragmento (F) apresenta a opinião de Marcelo Politi que, segundo O Globo, é gerente geral do bar temático Hard Rock Café:

(F) O gerente-geral do bar temático Hard Rock Café, Marcelo Politi, de 39 anos, [...] diz que o homem não quer sexo, poder e vida fácil, mas amor, amigos, um trabalho agradável e muita atividade esportiva:  
- Sei que sucesso e dinheiro não satisfazem. O que me realiza é amar profundamente minha mulher, Luciana, e minhas filhas Ayla, de 13 anos, e Mariah, de 10. E praticar esporte. Sem atividade física minha vida é uma desgraça. Já a mulher é mais simples. Ela só quer atenção, porque é carente. A mulher já nasce carente.

Percebemos, no fragmento (F), que Marcelo Politi considera os desejos femininos muito simples se comparados aos masculinos. Para ele, as necessidades dos homens são: “amor, amigos, um trabalho agradável e muita atividade esportiva”, “já a mulher é mais simples. Ela só quer atenção, porque é carente. A mulher já nasce carente”. Notamos assim que a opinião de Marcelo sobre o que as mulheres querem é marcada por uma ideia de que as mulheres só precisam de atenção e, portanto, de um homem, para serem felizes.

Por fim, no fragmento (G), mais um psicanalista apresenta opinião sobre o tema:

(G) Se a questão do desejo é interminável para leigos, o que dirá para psicanalistas. Para o psicanalista Carlos Saba, a mulher quer ser amada e se cuidar, além de sexo, segurança e proteção. Cabe ao homem atendê-la:

- O feminismo tornou as mulheres masculinas e agressivas. Os homens se assustam com isso e muitos estão se tornando até sexualmente impotentes. Duvido do homem que diz gostar de mulher independente. Só se for para tirar proveito financeiro dela - comenta [...].

Assim, segundo o psicanalista Carlos Saba, “[...] a mulher quer ser amada e se cuidar, além de sexo, segurança e proteção”. Desse modo, ao refletir sobre essa frase, considero que o psicanalista apresenta uma perspectiva sobre a mulher que a posiciona como “sexo frágil”, que necessita da proteção de um homem para viver. Nas frases seguintes, as ideias do psicanalista demonstram-se bastante machistas quando afirma que o feminismo tornou as mulheres agressivas e que os homens não gostam de mulheres independentes, “só se for para tirar proveito dela”. Essas ideias transparecem um pensamento retrógrado para uma publicação do ano de 2005 e promove uma construção discursiva na qual posiciona os homens como seres agressivos e que se sentem ameaçados por mulheres financeiramente independentes.

Portanto, posteriormente às reflexões realizadas no âmbito dessa reportagem do Jornal O Globo, considero que a ideologia está presente de modo marcante e pontual, ponderando que ideologias são “[...] significações/construções da realidade [...] construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação [...]” (RESENDE & RAMALHO, 2006, p. 117). Nesse sentido, elas apresentam-se por meio das opiniões dos vários especialistas e não-especialistas de modo que o texto: promove um preciosismo à maternidade e associa ideias do papel social da mulher atrelado ao ato de procriar; adota uma perspectiva negativa sobre o sucesso profissional feminino quando se posiciona contra creches e babás e aponta que a independência feminina assusta os homens; posiciona-se contra o feminismo.

Assim, as relações de hegemonia que estão ocultas sob o texto em análise revelam incentivo à dependência da mulher ao homem e a vida em torno da maternidade, promovendo, assim, uma sociedade na qual as relações de dominação entre os sexos permanecem. Nesse contexto, considero que a reportagem se trata de uma prática discursiva de consolidação e não de renovação de (antigas) ideias (HEBERLE, 2004). Entretanto, desvendar essas relações de poder e dominação da vida social que são opacas no discurso (FAIRCLOUGH, 2001) por meio da análise crítica dos textos da mídia é uma tentativa de minimizar esses aspectos através da conscientização, que pode, possivelmente, gerar ações sociais de transformação.

### 5.10 Sororidade: Substantivo feminino

O texto selecionado para a década de 2010 intitula-se “Sororidade, substantivo feminino”:

Texto 10 (ANEXO 10):

Sábado, 26 de março de 2016

Sororidade, substantivo feminino

Termo usado para expressar empatia entre mulheres ganha força nas redes sociais

Dandara Tinoco

Um substantivo feminino ausente de dicionários clássicos de língua portuguesa vem sendo repetido com vigor entre jovens mulheres que militam pela igualdade de gênero. Disseminada em redes sociais, a palavra é salpicada em frases como “A sororidade pode salvar vidas”, “Sororidade gera sororidade” ou, ainda, “Estamos aqui umas pelas outras. Isso é sororidade”. Numa definição corrente na internet, “sororidade” se refere a uma espécie de pacto entre mulheres relacionado às dimensões ética, política e prática do feminismo contemporâneo. Ou, simplesmente, uma aliança baseada na empatia e no companheirismo.

O termo, uma espécie de antônimo da suposta rivalidade existente entre elas, atingiu, este mês, marcado pelo Dia da Mulher, o seu mais alto patamar de popularidade no Google Trends, que mede o volume de pesquisas no buscador, em 12 anos. No Twitter, foram 1.600 menções até o dia 17, quase o dobro do total de março de 2015, quando a palavra foi usada 900 vezes por usuários, de acordo com levantamento feito pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (DAPP/FGV) a pedido do GLOBO. A popularidade repentina está ligada à recente expansão de correntes diversas do feminismo, sugerem estudiosas de gênero. Para elas, o sentimento expresso pelo termo é um instrumento para a conquista da igualdade entre mulheres e homens.

— A expressão tem se disseminado com a expansão recente dos feminismos, inclusive entre as jovens mulheres, e com a consciência de que a sororidade é um caminho importante para enfraquecer a misoginia ainda dominante em nossa cultura que, inclusive, incita a rivalidade entre as mulheres — analisa Ana Liési Thurler, integrante do grupo de pesquisa Vozes Femininas, da Universidade de Brasília (UNB). — Mergulhadas

acriticamente na sociedade, muitas vezes, não nos damos conta dos processos misóginos em nosso entorno.

Ana define sororidade como “acolhimento, empoderamento, solidariedade entre mulheres”. A socióloga explica que o termo tem origem em *soror*, cujo significado é “irmã”, em latim. Nos Estados Unidos, por sua vez, *sororities* são organizações sociais em universidades: as fraternidades integradas por meninas.

— A misoginia — e a sororidade, seu antídoto — torna-se também um fenômeno político, já que envolve a distribuição de poderes na sociedade — acrescenta a professora.

Para Ligia Baruch, mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o conceito contribui para a igualdade de gênero na medida em que implica uma reflexão sobre a importância das mulheres não julgarem ou criticarem umas às outras.

— Não sei ao certo quando essa ideia da rivalidade entre as mulheres surgiu, me parece mais um desses clichês populares que são perpetuados automaticamente sem maiores reflexões, pois também há rivalidade entre os homens. Faz parte da competição do humano pela sobrevivência. É um mecanismo primitivo útil em situações extremas, mas a colaboração também é um mecanismo útil e mais sofisticado — opina. — A rivalidade masculina é mais enfatizada nos esportes e no trabalho, e a feminina, na questão da competição pelo mercado matrimonial. São resquícios de uma visão patriarcal e machista.

Ligia sugere que a aliança entre mulheres seja incorporada no dia a dia, com atitudes de cooperação que favoreçam condições para que elas assumam posições de poder.

— Mas essas atitudes colaborativas também precisam acontecer entre homens e mulheres, principalmente dos parceiros em relação a uma divisão real das tarefas de casa e cuidado dos filhos — ressalta.

A psicóloga credita a disseminação do termo à emergência de uma nova onda do feminismo protagonizada por jovens mulheres conectadas às redes sociais e às ferramentas tecnológicas, que favorecem as articulações de ideias e práticas. A exemplo disso, a jornalista Babi Souza recém-lançou o livro “Vamos juntas? — O guia da sororidade para todas” (Editora Galera), aos 25 anos. O livro é fruto de um projeto criado pela jovem na internet, cuja proposta é unir mulheres contra o assédio e outros tipos de violência. Numa noite, voltando do trabalho, Babi percebeu que ela e outras mulheres poderiam vencer a sensação de insegurança ao andarem sozinhas na rua se caminhassem lado a lado. A página do movimento recebeu mais de cinco mil curtidas nas 24 horas seguintes ao seu lançamento. Hoje, um terço das seguidoras não passa dos 18 anos, e as mais engajadas estão entre os 13 e 14 anos.

— Depois de criar o projeto, fizemos uma pesquisa perguntando o que fazia as mulheres sentirem tanto medo ao andar na rua. A alternativa que teve maior número de respostas foi “o machismo”. Muitas das que participaram disseram que nunca tinham parado para pensar nisso — conta a jornalista, que, no livro, dá as dicas (que ilustram esta reportagem) de como praticar a sororidade.

Outra campanha a incentivar a solidariedade feminina é a #MaisAmorEntreNós. A ideia é que meninas ajudem umas às outras em tarefas do dia a dia ou com apoio emocional numa espécie de corrente. Nas redes, usuárias se dispõem gratuitamente a apoiar outras usuárias cuidando de seus bebês por algumas horas, auxiliando em questões jurídicas, ensinando habilidades como idiomas e fotografia ou mesmo fazendo companhia e dando abraços.

De acordo com o levantamento do DAPP, da FGV, as menções a “sororidade” aparecem sobretudo ao lado de termos como “mulheres”, “mina”, “empatia”, “feminista” e a expressão “não quero flores”. Para Babi Souza, embora o termo ainda não seja amplamente conhecido, mesmo entre alguns grupos de meninas, o sentimento a que ele se refere é notório.

— Ainda há esse estranhamento em relação à palavra, mas algo que me deixa surpresa é que, quando comento a ideia de desconstruir a rivalidade entre mulheres, raramente ela não é aceita. Algo nos diz que isso não faz sentido e não nos fortalece. Não raro, meninas me falam que já procuravam se aproximar de outras meninas na rua quando

se sentiam inseguras, mesmo sem pensar muito nisso. A ideia de sororidade já está dentro das mulheres, mesmo que inconscientemente.

O texto é uma reportagem que foi publicada em 26 de março de 2016, e o título “Sororidade, substantivo feminino” demonstra que o assunto abordado está relacionado ao significado da palavra “sororidade”. A autora, Dandara Tinoco,

[...] é jornalista graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio) e mestranda em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ao longo de oito anos, trabalhou no jornal O Globo, onde publicou reportagens sobre direitos humanos, política, economia e cidade. Em 2015, recebeu o Prêmio Gilberto Velho Mídia e Drogas, do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), pelos trabalhos sobre política de drogas “Crack, uma outra abordagem”, “Discórdia semeada” e “Reduzindo danos”. No mesmo ano, foi vencedora na categoria veículos de comunicação do Prêmio Camélia da Liberdade, concedido pelo Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (Ceap), por uma série de reportagens sobre intolerância religiosa contra o candomblé e a umbanda.<sup>84</sup>

Notamos, por meio da leitura da biografia da autora, seu interesse por temas ligados à discriminação, às questões sociais e de minorias, assuntos que estão relacionados ao feminismo e, portanto, ao tema do texto escrito para o Jornal O Globo.

Anteriormente à análise dos aspectos formais do texto, é importante destacar que, diferentemente do modo como os textos das décadas anteriores foram selecionados – os primeiros textos sobre feminismo de cada década –, o texto de 2016 foi pontualmente escolhido. Isso, porque acredito que o tema representa, muito adequadamente, a perspectiva feminista que se propaga hoje nos diversos meios de comunicação, principalmente nas redes sociais e internet.

A década que se iniciou em 2010 caracteriza-se pela intensificação da comunicação eletrônica, a internet, agora mais eficaz e abrangendo maior número de pessoas no país. Além disso, a facilidade de comunicação também aumentou, de modo que as pessoas têm acesso à uma grande quantidade de informações, não apenas nos seus computadores, mas também por meio da mobilidade proporcionada pelos telefones celulares.

Neste contexto, as redes sociais passaram a funcionar como local de debate de ideias, promoção de eventos, entretenimento, divulgação de produtos, entre

---

<sup>84</sup> Disponível em: <<https://igarape.org.br/dandara-tinoco/>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

outros e delineou-se, portanto, um cenário no qual é possível colocar em pauta questionamentos sobre diversos assuntos, entre eles, o feminismo e os aspectos relacionados à vida da mulher no século XXI. Nesse sentido, conforme aponta Ferreira (2013, p. 34),

[...] a internet passa a ser uma importante ferramenta, não só de divulgação, mas também de crítica, debate, reação e diálogo com os mais diferentes setores da sociedade, possibilitando enfrentamentos com a grande mídia sobre os temas do feminismo, gênero e violência. A possibilidade de autonomia para a produção e para a divulgação de ideias feministas na rede incitou uma grande quantidade de debates - em jornais, rádios, televisão, mas principalmente, em blogs, páginas de diversos movimentos sociais, de grupos ou pessoais, na internet- que discutiram sobre as principais pautas e táticas reivindicadas e realizadas pelas diversas marchas.

Assim, o movimento feminista, por meio das redes sociais, alcança grande número de mulheres, convidando-as para reflexões nas quais é possível o debate de diferentes pontos de vista, ao contrário da perspectiva generalista e parcial apontada frequentemente pela mídia de comunicação de massa. “Desse modo, a internet se constrói como espaço de publicação feminista alternativa [...]. Ou seja, a internet se apresenta como um lugar em que as ideias podem ser divulgadas e combatidas” (FERREIRA, 2013, p. 34). É nesse contexto que o uso da palavra “sororidade” no feminismo torna-se constante e significativo. Observamos o sentido desse vocábulo no trecho (A):

(A) Numa definição corrente na internet, “sororidade” se refere a uma espécie de pacto entre mulheres relacionado às dimensões ética, política e prática do feminismo contemporâneo. Ou, simplesmente, uma aliança baseada na empatia e no companheirismo.

Portanto, o objetivo do uso do termo relaciona-se a posicionar-se contra o senso comum de que existe uma disputa cotidiana entre as mulheres e promover a união entre nós, “uma aliança baseada na empatia e no companheirismo”. Exemplo linguístico disso – com uma conotação bastante social - é o uso das frases “juntas somos mais fortes” e “mexeu com uma, mexeu com todas”, frequentemente usadas nas redes sociais, para apontar casos de abusos e/ou de sucesso feminino após alguma ação realizada em conjunto em prol da mulher. A frase “juntas somos mais fortes”, por exemplo, foi usada como título por Naná Soares, colunista do jornal

Estadão, no texto publicado no dia 8 de março de 2016, Dia Internacional da Mulher<sup>85</sup> e no texto do dia 5 de março de 2015, escrito por Beatriz Regina Barbosa e publicado no blog “Blogueiras Negras”.<sup>86</sup>

No trecho (B), a autora Dandara Tinoco apresenta as ideias de uma integrante de um grupo de estudos de Brasília sobre o termo “sororidade”:

(B) A expressão tem se disseminado com a expansão recente dos feminismos, inclusive entre as jovens mulheres, e com a consciência de que a sororidade é um caminho importante para enfraquecer a misoginia ainda dominante em nossa cultura que, inclusive, incita a rivalidade entre as mulheres - analisa Ana Liési Thurler, integrante do grupo de pesquisa Vozes Femininas, da Universidade de Brasília (UNB). — Mergulhadas acriticamente na sociedade, muitas vezes, não nos damos conta dos processos misóginos em nosso entorno. Ana define sororidade como “acolhimento, empoderamento, solidariedade entre mulheres”. A socióloga explica que o termo tem origem em soror, cujo significado é “irmã”, em latim. Nos Estados Unidos, por sua vez, sororities são organizações sociais em universidades: as fraternidades integradas por meninas. — A misoginia — e a sororidade, seu antídoto — torna-se também um fenômeno político, já que envolve a distribuição de poderes na sociedade — acrescenta a professora.

Desse modo, conforme notamos no fragmento (B), a analista Ana Liési Thurler comenta sobre “os processos misóginos<sup>87</sup> em nosso entorno”, os quais às vezes não percebemos, e afirma que acredita na sororidade como antídoto, realizando uma analogia com o uso de um remédio para um veneno. Aponta ainda que a palavra “sororidade” “tem origem em soror, cujo significado é “irmã” em latim”. Assim, percebemos a força do uso do vocábulo que, por meio do seu significado, incentiva a união entre as mulheres que, ao se juntarem, realizam ações em benefício feminino.

Em janeiro de 2017, por exemplo, ocorreu a Marcha das Mulheres, nos Estados Unidos, que reuniu milhares de mulheres nas ruas protestando contra o

<sup>85</sup> Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/blogs/nana-soares/8-de-marco-somos-muito-mais-fortes-juntas>>. Acesso em: 16 fev.2017.

<sup>86</sup> Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/03/05/juntas-somos-mais-fortes>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

<sup>87</sup> De acordo com o dicionário Michaelis, misoginia é “antipatia ou aversão mórbida às mulheres”. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=D91IP>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

presidente recém-eleito, Donald Trump. Elas exigiram que ele respeitasse as mulheres, as minorias, os imigrantes e os direitos civis.<sup>88</sup>

Outro evento importante que teve início nesta década foi a Marcha das Vadias, que se trata de um movimento internacional de mulheres criado em abril de 2011 no Canadá, em resposta ao comentário de um policial que falou que, para evitar estupros em uma universidade, as mulheres deveriam parar de se vestir como *sluts* (vadias, em português). Assim, teve início a *SlutWalk*, em que mais de 3 mil mulheres canadenses foram às ruas para protestar contra o discurso de culpabilização das vítimas em qualquer tipo de violência contra as mulheres. Posteriormente, diversas manifestações semelhantes (*SlutWalk*, *Marcha de las Putas*, *Marcha das Vadias*) ocorreram em diversos países – como Costa Rica, Honduras, México, Nicarágua, Suécia, Nova Zelândia, Inglaterra, Israel, Estados Unidos, Argentina e Brasil.<sup>89</sup>

Sobre a Marcha da Vadias, Ferreira (2013) considera que uma das questões centrais percebidas na Marcha no Brasil, é uma tentativa de efetuar um deslocamento das representações construídas na grande mídia, e corroboradas por um senso comum, sobre o sujeito do feminismo - ainda fortemente marcado pelos estereótipos de mulher feia, lésbica, radical e mal-amada. A autora acredita que o uso da internet

[...] possibilita uma forma mais democrática de retratar e divulgar ideias feministas, viabilizando uma produção estética bastante ampla e inúmeros debates sobre as ideias difundidas, já que em cada postagem se abre a possibilidade de comentários para o público receptor (FERREIRA, 2013, p.36)

Nesse sentido, a opinião da mestre em psicologia, Ligia Baruch, no texto em reflexão, vai ao encontro das ideias de Ferreira (2013) no sentido de afirmar a importância das redes sociais para a promoção de um feminismo que pratique a sororidade, no fragmento (C):

(C) Para Ligia Baruch, mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o conceito contribui para a igualdade de gênero na medida em que implica uma reflexão sobre a importância das mulheres não julgarem ou criticarem umas

<sup>88</sup> Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/21/internacional/1485009994\\_849896.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/21/internacional/1485009994_849896.html)>. Acesso em: 16 fev. 2017.

<sup>89</sup> Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/08/marcha-das-vadias-reune-mulheres-e-homens-por-direitos-femininos>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

às outras [...] Ligia sugere que a aliança entre mulheres seja incorporada no dia a dia, com atitudes de cooperação que favoreçam condições para que elas assumam posições de poder [...]. A psicóloga credita a disseminação do termo à emergência de uma nova onda do feminismo protagonizada por jovens mulheres conectadas às redes sociais e às ferramentas tecnológicas, que favorecem as articulações de ideias e práticas.

Conforme observamos, a psicóloga sugere que as mulheres conectadas por meio das redes sociais são as responsáveis pela disseminação do termo e acredita que elas estejam mobilizando uma nova onda feminista. Aponta ainda que a aliança entre as mulheres deve ser incorporada no cotidiano de modo que “elas assumam posições de poder”. Sobre isso, reflito que as redes sociais, de modo geral, podem ter influenciado uma mudança profunda no modo como as mulheres refletem sobre si mesmas e suas identidades.

Por meio das redes, as mulheres encontram apoio para debaterem assuntos e lutarem por causas que, até pouco tempo, não eram consideradas relevantes por estarem ocultas sob as ideologias do senso comum. É nesse sentido que este trabalho procura, ao desvelar as relações de hegemonia e senso comum presentes em várias décadas, levar à reflexão (e, possível ação), contribuindo para o grande cenário do feminismo atual do Brasil.

O texto de Dandara Tinoco apresenta exemplos em que a união das mulheres por meio das redes sociais gerou ações feministas importantes para a sociedade, no fragmento (D):

(D) [...] A jornalista Babi Souza recém-lançou o livro “Vamos juntas? — O guia da sororidade para todas” (Editora Galera), aos 25 anos. O livro é fruto de um projeto criado pela jovem na internet, cuja proposta é unir mulheres contra o assédio e outros tipos de violência. Numa noite, voltando do trabalho, Babi percebeu que ela e outras mulheres poderiam vencer a sensação de insegurança ao andarem sozinhas na rua se caminhassem lado a lado. A página do movimento recebeu mais de cinco mil curtidas nas 24 horas seguintes ao seu lançamento. Hoje, um terço das seguidoras não passa dos 18 anos, e as mais engajadas estão entre os 13 e 14 anos [...]. Outra campanha a incentivar a solidariedade feminina é a #MaisAmorEntreNós. A ideia é que meninas ajudem umas às outras em tarefas do dia a dia ou com apoio emocional numa espécie de corrente. Nas redes, usuárias se dispõem gratuitamente a apoiar outras usuárias cuidando de seus bebês por algumas horas, auxiliando em questões jurídicas, ensinando habilidades como idiomas e fotografia ou mesmo fazendo companhia e dando abraços.

No fragmento (D), observamos, então, exemplos de ações geradas entre as mulheres motivadas pelo significado do termo “sororidade”. Esse “laço” que tem se desenhado nas redes por meio da cooperação é um modo bonito de derrubar barreiras e destruir mitos de competição entre as mulheres. Nesse contexto, notamos como a internet parece proporcionar, no século XXI, uma nova modalidade de feminismo, cujo objetivo é a união das mulheres contras às repressões machistas sociais, as violências físicas e simbólicas e, assim, proporcionar uma sociedade mais igualitária, promovendo a liberdade feminina.

Conforme notei, por meio da análise do discurso realizada neste trabalho, em uma perspectiva histórica sobre o discurso sobre o feminismo, as perspectivas negativas em torno desse discurso pouco se modificaram. As palavras tornaram-se algumas vezes mais veladas, mas ainda revelam antigas concepções sociais no que se relacionam às ideias sobre o feminismo e à emancipação das mulheres. Acredito, portanto, que a mídia impressa analisada, o Jornal O Globo, não está condizente com as perspectivas atuais de sororidade e feminismo que circundam a sociedade.

Neste contexto, o texto “Sororidade, substantivo feminino” demonstra o modo como o tema está em voga atualmente em diversas mídias, mesmo que no percurso histórico realizado neste trabalho, sobre o Jornal O Globo, o sentido positivo atribuído ao movimento feminista nesse texto não prevaleça. Entretanto, o discurso sobre a sororidade é como um “respiro” e esperança de renovação de ideias e valores na mídia atual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, ao aliar estudos de linguagem e sociedade, buscou realizar reflexões sobre as construções discursivas em torno do tema feminismo em textos do jornal O Globo, por meio de uma perspectiva qualitativa de pesquisa. Meu objetivo foi compreender de que modo a abordagem do tema foi realizada em diversas épocas e refletir sobre a importância dessa abordagem para a legitimação ou a invalidação do movimento feminista. Em outras palavras, busquei ponderar sobre o modo que a mulher é representada pelos textos do jornal e as possíveis consequências disso para as mulheres.

Para isso, realizei uma análise interdisciplinar, atrelando aspectos sociológicos, históricos e linguísticos, utilizando como principal base teórica os textos de Fairclough (2001[1989],1992,1995, 2003), dentro da Análise Crítica do Discurso. Assim, refleti sobre os usos linguísticos, sobre os contextos de produção e consumo dos textos e as circunstâncias sociais e ideológicas do discurso. Conforme considero, os discursos são potencialmente propulsores de mudanças sociais e essas podem ser ocasionadas partindo de processos de conscientização/reflexão sobre aspectos ocultos de poder presentes na linguagem.

A perspectiva histórica que realizei sobre os textos demonstra que de 1925 até os dias atuais não ocorreram transformações muito significativas no modo de o jornal O Globo abordar o feminismo. Em geral, o enfoque realizado atribuiu um ponto de vista negativo ao movimento e às mudanças no “papel social” das mulheres. Além disso, em muitos textos encontrei um elogio à maternidade e sua associação ao determinismo biológico, como se a mulher nascesse para ser mãe. Isso vai de encontro ao pensamento disseminado pelo movimento feminista que, desde os anos 60, promove a ideia de que a identidade da mulher não é pré-determinada, mas sim construída no âmbito da cultura.

As reflexões sobre o texto de 2016, origem de parte do título deste trabalho, demonstram em que circunstâncias o feminismo atua nos dias atuais: as discussões ocorrem de modo intenso e dinâmico, principalmente devido ao advento das redes sociais, que proporcionam a possibilidade de uma fluida troca de ideias e de planejamento de ações. Nesse contexto, o conceito de “sororidade” tem influenciado uma perspectiva de solidariedade entre as mulheres no sentido de unirem-se contra

as diversas formas de abuso físico e psicológico que (ainda) ocorrem de forma intensa na sociedade.

Contudo, o movimento feminista está longe de ser um consenso na sociedade brasileira e enfrenta ainda hoje resistências culturais e políticas. Assim, considerando que muito ainda está por vir no que concerne ao movimento e levando em consideração que o conceito de feminismo enseja diferentes debates com possibilidade de diferentes leituras, certamente muitos estudos ainda serão realizados nessa temática. Isso, considerando que a todo momento surgem novas mídias que apresentam o potencial de afetarem o modo como se dão as relações sociais.

Por fim, a realização deste trabalho buscou, através de uma análise sociolinguística que objetivou também o empoderamento e a conscientização para a ação, demonstrar que devemos ir, conforme Fischer (2005), além de um relativismo acolhedor e compreender que as relações de poder se constituem como um campo de luta no qual a linguagem é aspecto essencial.

## Referências

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, v. 6, n. 17, p. 111-125, 2001.

ANASTÁCIO, M. Q. A. Pesquisa qualitativa: concepções e perspectivas. **Revista Educação em Foco**, v. 2, p. 189-198, 2006.

ARAÚJO, D. O consumo e a mulher consumidora. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 3, n. 7, p. 147-165, 2008.

ARAÚJO, N. S. Imprensa e poder nos anos 1930: uma análise historiográfica. In: **Anais do VI. Congresso Nacional de História da Mídia**, Niterói: UFF 2008.

BARROS, D. E. C. Análise do Discurso Crítica: pesquisa social e linguística. **Anais do 1ª JIED – Jornada Internacional de Estudos do Discurso**, Maringá: UEM, 2008.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967, 2ª edição.

BENETTI, M. O jornalismo como gênero discursivo. **Revista Galáxia**, São Paulo, nº15, p. 13-28, jun, 2008.

BEZERRA, N. **Mulher e Universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade**. Conferência internacional sobre os sete saberes para a educação do presente. 2010

BICUDO, M. A. V. A Pesquisa qualitativa e suas questões filosóficas e científicas. **Revista Educação em Foco**, v.2, pp.91-107, 2006

BLOMMAERT, J. Commentary: A Sociolinguistics of Globalisation. **Journal of Sociolinguistics** 7, v. 4, pp. 607-623, 2003.

BONINI, A. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**, 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, pp. 57-71, 2011.

BOHN, Hilário I. As exigências da pós-modernidade sobre a pesquisa em Lingüística Aplicada no Brasil. **Lingüística Aplicada e Contemporaneidade**. São Paulo: **ALAB**, p. 11-23, 2005.

BRAH, A. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos pagu (26), janeiro-junho de 2006: pp.329-376.

CARVALHO, K. **A imprensa feminina no Rio de Janeiro, anos 20: um sistema de informação cultural**. Ciência da Informação - Vol 24, número 1, 1995

CASTILHO, A. T de. **A NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**14. 2010.

CASTRO, G. A. Ideologia e trabalho no Estado Novo. **Repensando o Estado Novo**, Rio de Janeiro, Ed. FGV, p. 53-72, 1999.

CASTRO, L. M. A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista. **Revista Outros Tempos**, v. 7, n.10, 2010.

COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, v. 5, n. 2, p. 9-35, 2005.

COSTA, M. C. C. **Sociologia**: introdução à Ciência da Sociedade. São Paulo: Editora Moderna LTDA, 1987.

COSTA, S. G. Movimentos feministas, feminismos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12 (N.E.): 264, setembro-dezembro/2004

CRUZ, S. U. *et al.* A representação da mulher na mídia: um olhar feminista sobre as propagandas de cerveja. **Revista Travessias**, v.2, n.2,2010

DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. **Handbook of Qualitative research**, 1994.

DESOUZA, Eros; BALDWIN, John R.; ROSA, FH da. A construção social dos papéis sexuais femininos. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 13, n. 3, p. 485-496, 2000.

DUARTE, A. R. F. **Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América**. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. 1992. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. **Media discourse**. London: Edward Arnold, 1995

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: Textual analysis for social research**. Psychology Press, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London: Longman, 1989. Pearson Education, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis: The critical study of language**. Routledge, 2013.

FANINI, M. A. *et al.* As mulheres e a Academia Brasileira de Letras. **História (São Paulo)**, v. 29, n. 1, p. 345-367, 2010.

FIGUEIREDO, D. C. Os discursos públicos sobre o estupro e a construção social de identidades de gênero. *In: Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Editora UFSC, p. 199-216, 2006.

FREITAG, R. M. K & SEVERO, G. C. "Introdução", p. 7-16. In: FREITAG, R. M. K. & SEVERO, G. C. (Org). **Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.

GIFFIN, K. M. Nosso corpo nos pertence: a dialética do biológico e do social. **Cadernos de saúde pública**, v. 7, n. 2, p. 190-200, 1991.

GODOY, A. **Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas / EAESP / FGV. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29. 1995

\_\_\_\_\_. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas / EAESP / FGV. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63. 1995

GREGOLIN, M. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. **Comunicação mídia e consumo**, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2007.

HEBERLE, V. M. **Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de ideias?** *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, v. 4, n. esp, p. 85-112, 2004.

HEBERLE, V. M.; OSTERMANN, A. C.; FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. Linguagem e gênero: uma introdução. **Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos**. Florianópolis: Editora UFSC, p. 07-12, 2006.

HODDER, I. The interpretation of documents and material culture. **Sage bibliographical research**, v. 1, 1994.

KUMARAVADIVELU, B. **A linguística aplicada na era da globalização**. In: MOITA LOPES, L. P. (Org). Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006.

LEITE, R. de S. C. **Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira**. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2003, vol.11, n.1 [cited 2016-08-19], pp.234-241. Available from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104026X2003000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2003000100014&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100014>.

LOPES, M. I. V. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, n. 26, p. 17-34, 2003.

MARCURSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: Dionísio, A. P. et al (org). *Gêneros textuais e ensino*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARQUES, T. C. & MELO, H. P. Os direitos civis das mulheres casadas no Brasil entre 1916 e 1962. Ou como são feitas as leis. **Estudos feministas**, p. 463-488, 2008.

MCQUAIL, D. **Teoria da Comunicação de Massas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: WSF Martins Fontes, 1999.

MOITA LOPES, L. P. da. **A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade**. Revista da ANPOLL 2.27 (2009).

MOREIRA, F. B. Os valores-notícia no jornalismo impresso: análise das características substantivas das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. 2006.

MOTTA, B; BITTENCOURT, M & VIANA, P. **A influência de Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.17, n.3, set./dez. 2014.

MOTTA-ROTH, D. Abordagens investigativas no estudo de práticas discursivas: uma questão de metodologia ou de bom senso? **Linguística Aplicada e Contemporaneidade**. São Paulo: ALAB/Pontes, 2005.

MOTTA-ROTH, D; LOVATO, C. dos S. Organização retórica do gênero notícia de popularização da ciência: um estudo comparativo entre português e inglês. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 9, n. 2, p. 233-271, 2009.

OSTERMANN, A. & FONTANA, B. **Linguagem. Gênero. Sociedade: clássicos traduzidos**/Robin Lakoff... [et al.]; organização e tradução Ana Cristina Ostermann, Beatriz Fontana. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PASSOS, Clarice Medeiros. **A escrita de Carmen da Silva: As colunas A Arte de ser mulher**. Porto Alegre, 2012.

PEDRO, J. M. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. História, São Paulo, v.24, N.1, P.77-98, 2005.

PRADO, Leandro; MOTTA-ROTH, Désirée. Comodificação e homoerotismo. **Commodification and Homoeroticism**. In Viviane Heberle, Ana C. Ostermann, and Débora Figueiredo (eds.), **Linguagem e Gênero no Trabalho, na Mídia e em Outros Contextos**, p. 159-176, 2006.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 31, p. 147-160, 2003.

ROMANO, Luis Antonio Contatori. **A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960**. 2000.

SANTOS e MELO. **A utilização da sequência didática para a construção da argumentação no artigo de opinião** Segunda Seção - Capítulo 11 RBPG, Brasília, supl. 2, v. 8, p. 619 - 635, março de 2012.

SANTOS, T; BARREIRA, I. A mulher e a enfermeira na nova ordem social do Estado Novo. **Texto & contexto enferm**, v. 17, n. 3, p. 587-593, 2008.

SÁ-SILVA, J; DE ALMEIDA, C. D; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, 2015.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. Os gêneros escolares. **Das práticas de linguagem aos objetivos de ensino**, 1995.

SGARBIERI, AKELN. Representações do gênero feminino na mídia impressa. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 1, p. 366-371, 2006.

SHIRO, M. Inferences in discourse comprehension. **Advances in written text analysis**. London: Routledge, p. 167-178, 1994.

SMIGAY, K. E. von. **Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 32-46, jun. 2002

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TIMOTEO, C. Q. As transformações do movimento feminista no Brasil e sua relação com a América Latina. **Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina**. 10 a 13/09/2013

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, v. 17, n. 18, p. 81-103, 2001

WODAK, R. Do que trata a ACD—um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 4, p. 223-243, 2010.